


# O CÍRCULO NEGRO

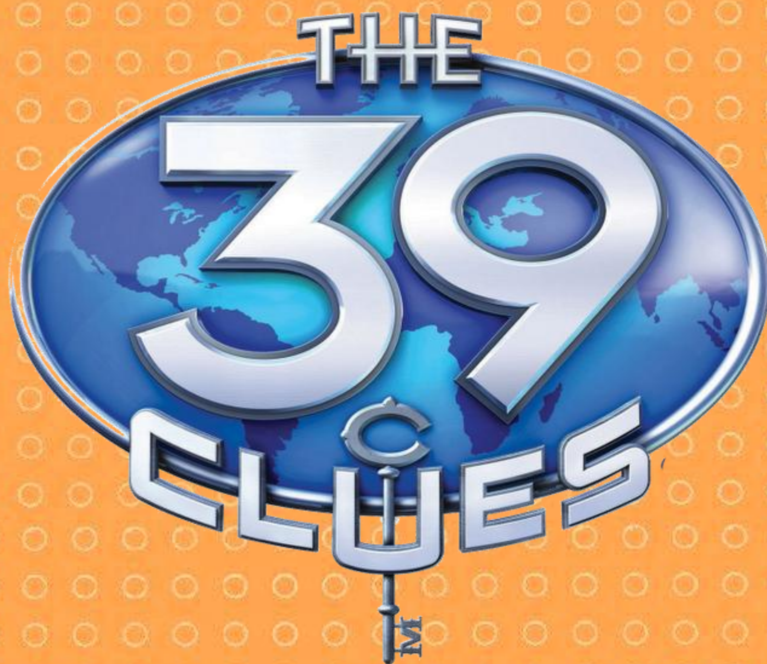
PATRICK CARMAN

LIVRO 5

ea

editora ática

# O CÍRCULO NEGRO




# O CÍRCULO NEGRO

PATRICK CARMAN

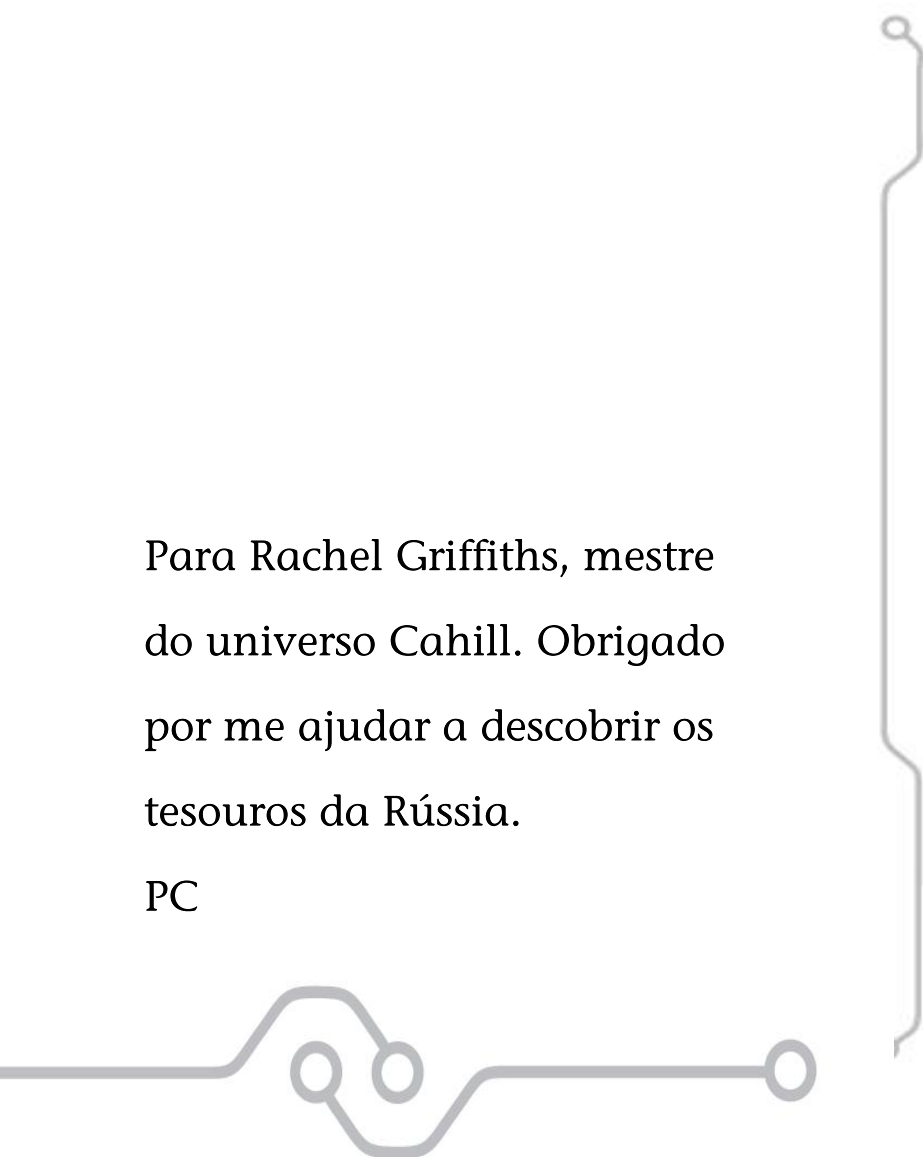
VENHAM SOZINHOS COMO SEUS PAIS VIERAM UM DIA, OU É MELHOR QUE NEM VENHAM.

Onde estão Amy e Dan Cahill? Os dois irmãos foram vistos por último no Egito, na caçada a uma das 39 pistas que poderiam fazer do vencedor o ser mais poderoso da terra. Mas ninguém mais os viu depois do que ocorreu por lá.

Será que a espiã Irina Spasky os seguiu e pôs as mãos neles? Ou teria sido algo bem pior... Os Madrigal?







Para Rachel Griffiths, mestre do universo Cahill. Obrigado por me ajudar a descobrir os tesouros da Rússia.

PC

# CAPÍTULO 1

AMY CAHILL GOSTAVA DE SER A PRIMEIRA A SE LEVANTAR DE manhã. Mas não quando era por causa de uma gritaria no corredor do hotel, bem em frente à porta do seu quarto.

— Telegrama para o senhor Cahill!

As palavras vieram acompanhadas de batidas furiosas na porta. Amy ficou sentada, em pânico, com a mente tomada por um pensamento assustador. *Os Madrigal!*

Veio outro berro.

— Mensagem para você!

Amy, seu irmão, Dan, e a *au pair* deles, Nellie, tinham fugido para outro hotel no Cairo durante a noite, com medo de serem atacados por membros daquela seita misteriosa sobre a qual sabiam tão pouco. *Os Madrigal não teriam como saber onde a gente está... ou teriam?*

Dan rolou para fora do sofá dourado e felpudo onde estava dormindo e aterrissou no chão com um *tum.*

— Não, Irina! O Catfish Hunter não! — ele berrou. Amy suspirou. Mais uma vez, o irmão estava preso num sonho em que sua prima Irina Spasky estraçalhava com as unhas um de seus preciosos cards de beisebol.

— Acorda, Dan. Você está sonhando.

Amy nunca na vida tinha se sentido tão cansada, e seu irmão continuava agindo como um idiota.

— Telegrama!

Vieram novas batidas na porta.

— Dan! Vá... abrir... a porta!

Amy enterrou o rosto num travesseiro e gritou. Sabia que não ia mais conseguir dormir. Espiando pela borda do travesseiro, viu que Nellie ainda estava completamente fora do ar.

— Já vai! — gritou Amy. — Aguenta aí!

Chegando à porta ela hesitou, com o estômago embrulhado por um medo que conhecia bem. E se ela estivesse abrindo a porta para alguém perigoso?

*Ora, Amy, tenha dó.*

Amy abriu a porta e seus olhos deram com um mensageiro egípcio do hotel, parado no corredor. Era muito mais baixo que ela e vestia um elegante uniforme vermelho, com botões dourados na frente, pelo menos dois números maior do que ele deveria usar. Nas mãos trazia um envelope lacrado.

— Pra você, senhora, da recepção. Alguém deixou.

Amy pegou o envelope e o mensageiro deu um passinho à frente, abrindo um vasto sorriso de expectativa.

— Eu trazer mensagem da recepção — disse o rapaz. — Pra você, senhora.

Os pés dele estavam bem na soleira da porta, o que deixou Amy nervosa.

— Você trouxe mais alguma coisa pra mim? — perguntou Amy.

— Alguém deixou pra você — ele repetiu, apontando para o envelope com um sorriso contente.

— Dá isso pra ele — mostrou Dan. — Daí eu posso voltar a dormir.

A voz de Dan estava abafada, e quando Amy se virou, viu que ele falava com o rosto enterrado no carpete, com preguiça de levantar a cabeça. Tinha na mão uma nota de 5 libras egípcias, equivalente a 1 dólar.

Amy fechou a porta. A curiosidade matou qualquer esperança de voltar a dormir. O envelope tinha sido endereçado com uma máquina de escrever antiga, que parecia estar com a tecla do A maiúsculo quebrada. Algumas letras estavam sublinhadas aleatoriamente.




Ela rasgou o envelope e sentou no sofá. Seu rosto foi empalidecendo conforme lia rapidamente a mensagem. Saladin miou de fome e se espreguiçou, com as unhas cravadas na colcha dourada.

— Dan, é melhor você vir aqui.

Dan não se mexeu, então ela berrou:

— TELEGRAMA PARA DAN!

Dan ergueu a cabeça, reunindo forças para despertar, mas Amy percebeu que o irmão ainda lutava para se desprender da terra dos sonhos. Ele levantou do chão e desabou pesadamente no sofá. Nellie ainda estava encolhida embaixo da coberta, numa das duas camas do quarto, com o fiozinho branco do fone do iPod brotando debaixo de uma pilha de sete travesseiros que cobriam sua cabeça.

— Essa aí não acorda nem com um terremoto — observou Dan.

— Dan! Escuta! — exclamou Amy, segurando o telegrama enquanto começava a ler. — "Aeroporto Internacional do Cairo, armário número 328. 56-12-19, NRR."

— Parece uma armadilha ridícula armada por algum dos nossos adversários. Vamos chamar o serviço de quarto e voltar pra cama.

— Acho que não — retrucou Amy. Ela estendeu a mensagem para Dan examinar. Ele perdeu o fôlego quando viu o que estava escrito no papel.

DATA:

HORA:

CAIROMODERN
TELEGRAPH

PATENTE Nº
349384 - 0245
-5653 - 00345

TELEGRAMA

A Cairo Modern Telegraph transmite e entrega mensagens. Sujeito a determinados termos e condições.

PARA: DAN CAHILL

DE:

Aeroporto Internacional do Cairo,
armário número 328, 56-12-19, NRR.

Embaixo da bétula
A um palmo do chão
Tampinhas de garrafa
Enterradas ficarão.

O Dan preguiçoso foi embora e deu lugar ao Dan assustado.

— Ninguém sabe disso, nem a Nellie.

— A Grace sabia — disse Amy. — Você, eu e a Grace. A pessoa que mandou isso devia conhecer a Grace muito bem para saber essa informação.

Dan ainda estava atordoado demais para responder, mas Amy sabia o que ele estava pensando. No ano anterior, ele levara sua querida coleção de tampinhas de garrafa para a mansão de Grace. Tinha de tudo, desde Dr. Pepper até raridades da Coca-Cola. Todas as 63 tampinhas ficavam guardadas numa antiga caixa de charutos superlegal. Grace lhe dera uma pá e dissera que ele podia enterrar a caixa no jardim se quisesse. Ele contara a Amy e a Grace

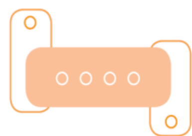
onde o tesouro estava escondido, e a que profundidade enterrara a caixa, só para o caso de ele morrer de repente num acidente de esqui ou saltando de paraquedas. Como ele dissera na época, todo cuidado é pouco quando se trata de uma coleção de tampinhas.

Dan olhou para a irmã. Seus olhos verdes estavam brilhando de esperança.

— Você acha que a Grace está ajudando a gente de novo?

Tanto Amy como Dan falavam de Grace como se a avó ainda estivesse viva, e por um instante a sensação era de que ela realmente estava. Sua querida avó Grace, que oferecera a seus herdeiros uma escolha: 1 milhão de dólares ou a primeira de 39 pistas que levavam a um imenso poder. Amy ainda mal conseguia acreditar que a busca os conduzira a tantos lugares em tão pouco tempo. Eles conheceram quatro continentes e mais de uma vez quase tinham sido mortos pelos próprios parentes. Se havia alguma chance de Grace Cahill ainda os estar ajudando, mesmo depois de morta, Amy sabia que precisavam seguir o rastro.

— Vamos. Hora de sair daqui.



Dez minutos depois, Dan e Amy desceram até o agitado lobby do hotel, levando nada além de uma mochila. Dan insistira em trazer seu precioso laptop, e Amy pegara o celular de Nellie, só por garantia.

— Deixei um recado pra Nellie dizendo que fomos comprar rosquinhas, só vamos torcer pra isso não levar a manhã inteira, O que a gente precisa agora é dar um jeito de chegar ao aeroporto — disse Amy.

— Fica tranquila, deixa comigo.

Dan abriu a mochila e tirou um maço de dinheiro, enfiando no bolso as notas amarrotadas. Não era muito, uns 50 dólares em libras egípcias.

— Ei! Táxi! Ei!

Dan estendeu algumas notas e esperou.

— Aqui não é Nova York — chiou Amy. — Tente agir como se não fosse um idiota.

Como por mágica, um carro preto e branco com um bagageiro monstruoso parou perto deles, cantando pneu. Um homem egípcio pulou de dentro do veículo e acenou para que Dan e Amy se aproximassem.

— Venham, venham! Tenho um carro bom pra vocês!

Dan olhou para Amy com cara de "não disse?" e andou até o carro. O taxista abriu a porta e, com a rapidez de um coelho, arrancou a mochila das mãos de Dan e se encaminhou para o porta-malas.

— Não, valeu, *brother*. Prefiro levar a mochila comigo.

O taxista pareceu não entender, então Dan pegou a mochila de volta, deu ao homem uma nota de 10 libras e pulou no banco de trás, se esparramando todo, com pose de patrão.

Amy ficou vermelha e gaguejou pedidos de desculpas. Teve um pressentimento de que Dan estava se aquecendo para uma longa manhã dedicada a fazê-la passar vergonha.

— Estamos com pressa, chefia — disse Dan, confirmando as suspeitas de Amy. — Vamos pro aeroporto, e pisa no acelerador!

— Velocidade é o meu sobrenome! — O homem riu batendo a porta, que quase pegou o pé de Amy, e correu para o banco da frente.

— Tá vendo, mana? Tudo está dando certo. Esse cara é perfeito. Senta aí e relaaaaaaaaaaaaa...!

O táxi saiu voando enquanto Dan gritava, costurando o trânsito e desviando dos outros veículos, como um bate-bate descontrolado num parque de diversões. Amy foi Iançada para cima de Dan, depois contra a porta, depois de novo para cima de Dan, conforme eles se esquivavam dos ônibus que buzinavam e pedestres furiosos. Quando chegaram a um trecho de lentidão, Amy percebeu que havia um problemão atrás deles. Ela virou para Dan, com os olhos arregalados de preocupação.

— Ele deixa um pouco a desejar no quesito segurança, não é mesmo? — comentou Dan. — Vou pedir pra ele maneirar um pouco.

— N-N-NÃ0! Manda ele ir mais depressa! Mais depressa! — gritou Amy.

Além do rosto de pavor da irmã, Dan viu a Vespa amarela que vinha Ziguezagueando entre os carros atrás deles. Alguém vestindo um agasalho esportivo roxo estava pilotando, e era um alguém enorme.

— Hamilton Holt!

Hamilton pertencia à família Holt, um bando de palermas que também estava em busca das 39 pistas. Na última vez em que Amy tinha visto Hamilton, ele a abandonara para morrer num túnel do metrô de Tóquio.

— Pisa fundo! — mandou Amy, mas o taxista pareceu não ouvir. Dan jogou outra preciosa nota de 10 libras no banco da frente.

Aquilo pareceu chamar a atenção do taxista. Ele enfiou o pé no acelerador e o táxi deu um tranco violento, saindo em disparada. Durante os dez minutos seguintes, Dan foi jogando cada vez mais dinheiro no banco da frente até que, por fim, eles olharam para trás e Hamilton Holt tinha sumido. Quando o táxi freou em frente ao aeroporto do Cairo, Dan conferiu os bolsos. Estavam vazios.

— Tudo bem — disse o taxista, dando um sorriso que ia de uma orelha à outra. — Você já pagou bastante!

— Que ótimo, seu tonto. Agora estamos presos no aeroporto sem dinheiro nenhum. A Nellie vai amar quando for acordada por nós e descobrir que roubamos o telefone dela, gastamos mais da metade do dinheiro e precisamos de carona pra voltar do aeroporto. E ainda por cima não compramos rosquinhas! O que mais pode dar errado?

— Já estou vendo uma coisa — apontou Dan.

O coração de Amy quase parou de bater quando viu uma limusine preta encostar no meio-fio atrás deles e uma porta se abrir.

Ian e Natalie Kabra, outro time na caça às pistas e infinitamente mais perigosos que os Holt, tinham entrado em cena.

# CAPÍTULO 2

EM CIRCUNSTÂNCIAS NORMAIS, DAN CAHILL TERIA PREFERIDO IR À escola só de cueca a se envolver na vida amorosa da irmã. Mas dessa vez era diferente.

Ian Kabra saiu da limusine com um sorriso gigante no rosto, convencido como sempre. Dan espiou a irmã. Ela olhava feio para Ian, mas Dan percebeu que suas mãos tremiam. Aquele cara— aquele ogro — não apenas fingira gostar de Amy como também tentara aprisioná-lo numa caverna. Para deixá-los lá para sempre! Era hora de acertar as contas.

— Que cara de pau você aparecer aqui depois de tentar matar a gente! — gritou Dan.

— Não vamos exagerar. Seu irmãozinho tem uma imaginação fértil — disse Ian, dando um passo na direção de Amy. — Você sabe que eu nunca machucaria vocês de verdade.

Dan sabia que, se AMy tentasse falar, ia se embananar toda. Ele não permitiria que Ian Kabra chegasse perto da irmã.

— Segura as pontas, Amy — ele sussurrou.

— Estou bem — ela afirmou, mas seu lábio tremia de leve. Dan vociferou com Ian:

— Volta pro seu monstromóvel e deixa a gente em paz!

Ian Iançou para Amy um sorriso enviesado, depois andou até o taxista:

— Bom trabalho, meu amigo pé de chumbo. Foi muito divertido seguir vocês. Embora eu imagine que não teria feito diferença.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Dan, de olho nas portas giratórias do aeroporto.

— Vocês jogam jogos caros, crianças! — disse o taxista, enquanto pegava de Ian um bolo de notas presas com elástico e lhe dava em troca um telefone novinho em folha.

— Espionar alguém devia ser tão mais difícil antes do GPS, vocês não acham? — perguntou Ian.

A irmã de Ian, Natalie, saiu da limusine preta feito uma modelo prestes a desfilar num tapete vermelho cercado pela mídia.

— Você dormiu com essa coisa patética que chama de roupa?

Dan olhou para seu agasalho, que dava uma nova definição ao conceito de amarrotado. Ops. Ele realmente tinha dormido com aquela roupa.

— Roupa amassada é a última moda. Pergunte pro Jonah Wizard. Ele vai te dizer.

— Facilitem as coisas e digam logo por que estão aqui disse Ian, chegando mais perto de Dan e Amy. Os olhos de Amy estavam fixos no rosto de Ian, como um rato confrontado por uma naja.

O taxista riu daquela cena, entrou no carro e ligou o motor. O escapamento cuspiu uma nuvem de fumaça preta enquanto o carro partia a toda velocidade, cobrindo Natalie com uma fina camada de fuligem. Ela deu um gritinho e protegeu o cabelo com as mãos. Era justamente do que Dan precisava.

— Vamos, Amy! — ele gritou. Agarrou a mão da irmã e saiu correndo na direção das portas giratórias, mas Jan foi rápido e segurou a outra mão de Amy. Dan a puxava de um lado, Ian a puxava do outro. As pessoas estavam começando a perceber a agitação.

— Solta a minha irmã! — berrou Dan.

— Acho que ela gosta quando eu seguro a mão dela — disse Ian. — Não gosta, Amy?

Amy não respondeu. Puxou o corpo para trás e chutou a canela de Ian, mais forte do que jamais chutara alguém. O golpe estalou com força e Ian soltou a mão dela, puIando numa perna só enquanto Dan e Amy corriam para as portas giratórias.

— Belo chute! — gritou Dan.

— Tchauzinho, otários! — Amy gritou por cima do ombro.

— Peguem eles! — urrou Ian, mancando enquanto seguia em direção ao terminal, junto com Natalie e o motorista, um sujeito que parecia capaz de quebrar concreto com a testa.

Já dentro do aeroporto, Dan e Amy correram em disparada por entre um mar de pessoas que arrastavam malas de rodinhas, porém os Kabra continuavam na cola deles.

— Por aqui! — chamou Amy, puxando Dan pelo cotovelo para dentro de uma loja de doces e revistas, abarrotada de gente. Segundos depois, eles saíram pelo outro lado e entraram em outra loja, atravessando uma rede de estrangeiros. Dan tinha certeza de que eles haviam despistado os Kabra, porém quando espiou com cuidado de trás de uma parede, viu Ian mancando na direção deles, olhando para o celular.

— O-Oh — Dan falou. — Acho que passaram a perna na gente.

Dan tirou a mochila e começou a abrir compartimentos. Escondido no bolso da frente havia outro celular, com o GPS piscando, indicando a posição deles.

— Que bando de traíras! — disse Dan. Aquele taxista deve ter plantado esse celular quando segurou minha mochila no hotel.

Amy olhou de novo para o corredor. Os Kabra estavam muito perto.

— Dá aqui. — Ela pegou o telefone da mão de Dan. — Já sei o que fazer com o brinquedinho do Ian.

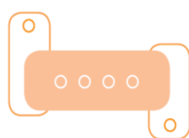
Amy voltou para dentro do fluxo de pessoas em movimento, com Dan logo atrás. Cruzou depressa o largo corredor e soltou o telefone dentro de um carrinho de bebê que estava passando, depois se escondeu numa livraria e abriu o primeiro livro que achou. O carrinho estava sendo conduzido por uma mãe claramente atrasada para um voo, que abria caminho entre as pessoas enquanto corria para o portão.

Os Kabra estavam tão absortos olhando a tela do celular de Ian que passaram batido por Dan e Amy, e depois também começaram a correr.

— Essa foi boa! — elogiou Dan. — Tomara que esse neném babe em cima do aparelho caríssimo antes que eles consigam pegar de volta.

Amy Iançou um sorriso triunfante para Dan. Era evidente que dar aquele olé nos Kabra, principalmente em Ian, tinha sido uma injeção de ânimo para a jovem Cahill.

— Vamos achar esse armário — ela convidou o irmão.



O armário não era muito grande, do tamanho de um quadrado de 30 centímetros de lado. Mas estava bem cheio. Havia três objetos em seu interior, e Amy tirou um por vez.

— Isso parece um peso para papel, não parece? — ela perguntou, segurando na palma da mão uma bola de vidro cor de mel.

—Deixa eu ver — pediu Dan, estendendo a mão para pegar o objeto.

— Nem sonhando! Conhecendo você, eu diria que isso vai cair no chão e se espatifar em milhares de caquinhos. Vou dar uma olhada antes.

Dan não protestou. Já tinha imaginado como seria uma bola de gude daquele tamanho rolando pelo corredor comprido do aeroporto.

— Tente segurar mais contra a luz disse Dan.

Amy espremeu os olhos para enxergar melhor.

— Parece uma sala... Dentro tem uma mãe sentada numa cadeira.

— Como você sabe que é uma mãe? — perguntou Dan.

— Ela está segurando um bebê, seu tonto.

Amy olhou mais de perto:

— Tem três letras em uma das paredes... TSV... e, credo! Acho que isso é um olho me encarando de outra parede.

— Que sinistro — disse Dan.

Amy estendeu o objeto de vidro e mandou Dan guardá-lo com cuidado na mochila para ser investigado futuramente. Ele odiava quando ela o tratava como se ele tivesse 3 anos de idade, e a tentação de rolar a bola cor de mel pelo corredor do aeroporto voltou. Mas, em vez de fazer isso, Dan segurou o objeto contra a luz.

— Você viu a chave? — ele perguntou.

— Que chave? Do que você está falando?

— No fundo — mostrou Dan, virando o objeto de ponta-cabeça. Embaixo do chão da sala havia uma pequena chave escondida no vidro. — Quando chegar a hora é eu que vou tirar essa chave daqui.

— O peso estava prendendo alguma coisa — Amy percebeu ao tirar do armário um pedaço fino de pergaminho, mais ou menos da largura e comprimento da sua mão. Estava coberto de letras, números e traços manuscritos, numa caligrafia elaborada.



— Parece que alguém gastou um tempão escrevendo errado de propósito — concluiu Dan. Algo no jeito como as letras estavam agrupadas parecia estranhamente familiar a Dan, mas ele não conseguia descobrir o quê. Sobretudo com o estômago roncando.

— Será que tem comida nesse armário? Eu preciso arranjar alguma coisa pra comer. Meu cérebro... quer... doce.

Amy ignorou Dan e enfiou a mão uma última vez no pequeno compartimento. Bem no fundo havia uma caixa quadrada de uns 25 centímetros.

— Tomara que esteja cheia de cookies — desejou Dan, arrancando a caixa das mãos da irmã.

— Ei! Toma cuidado com isso.

Dan fez cara de quem queria afogar Amy na privada, mas ela rapidamente o acalmou:

— Foi mal, ok? Só estou nervosa. Abre a caixa.

Dan tirou a tampa, fuçou no que havia lá dentro, depois caiu na gargalhada:

— Olha só! Eu sou um *beatnik* de São Francisco de 19 anos!

Dan mostrou o primeiro de dois passaportes, muito bem falsificado em seu nome. A foto mostrava Dan de barbicha e bigode, usando óculos no estilo John Lennon.

— Deixa eu ver o outro — pediu Amy. Dan abriu o segundo passaporte e quase caiu de dar risada.

— Você precisa mudar de cabeleireiro.

Amy arrancou o passaporte da mão de Dan. Na foto, ela usava uma peruca preta curta e elegantes óculos de aro vermelho.

— Tenho 20 anos!

Dan já tinha tirado da caixa os acessórios para montar seu disfarce e começou a colocá-los no rosto, pondo de lado a peruca e os óculos de Amy.

No fundo da caixa, embaixo da peruca, Amy viu um livro não muito grosso. Dan sabia que era amor à primeira vista.

— Um guia turístico da Rússia! — Amy exclamou. — E está bem gasto, como se já tivesse sido usado numa longa viagem.

— Parece o guia da Chatolânclia.

— E se for outro guia que a Grace usou?

— Chatolândia mesmo assim.

Mas Amy foi cativada na mesma hora. Era seu tipo preferido de livro: surrado, de modo que ela não precisava tomar muito cuidado com ele, e com uma história própria, pois devia ter passado por sabe-se lá quantos viajantes antes dela. Folheando o guia, ela encontrou duas passagens enfiadas entre as páginas que falavam sobre uma determinada cidade.

— Duas passagens aéreas para Volgogrado, na Rússia, com os nossos nomes impressos. — Amy olhou para o relógio de pulso. — Parte daqui uma hora. Por que alguém acharia a gente tão burro a ponto de embarcar num avião pra Rússia de uma hora pra outra?

— Olha isso! — exclamou Dan. Havia mais uma coisa no fundo da caixa e, na humilde opinião de Dan, era o melhor de todos os presentes.

Ele ergueu um cartão de crédito gold, novinho em folha, com o nome dele escrito.

— Paz, amor e um cartão de crédito! YES! É OURO! Vamos comprar umas rosquinhas! Vamos comprar uns jogos de videogame! Vamos comprar uns computadores!

— Calma, Dan! Você está me assustando. Amy pôs a peruca escura e escondeu seu cabelo castanho-avermelhado natural. Mostrou a língua para o irmão. Com os óculos vermelhos, estava praticamente irreconhecível

— Você está esquisita — disse Dan.

— Olha quem está falando. — Amy deu risada. — Com essa fantasia você atingiu a patetice completa.

— Valeu.

Dan virou o pedaço de pergaminho que tinha na mão. Seu coração bateu mais rápido. Ele ergueu o olhar, que agora perdera aquele brilho abestalhado de empolgação.

—Amy...

— Dan? Que foi?

Amy estendeu a mão para pegar o pergaminho, mas Dan instintivamente o puxou para perto de si. Aquele era um tesouro do qual ele jamais pretendia se desfazer. Olhou para a irmã:

— Temos que pegar esse avião.

# CAPÍTULO 3

QUANDO AMY CAHILL SONHAVA EM VIAJAR PELO MUNDO, NUNCA imaginara que seria ao lado de uma amostra grátis do John Lennon.

— Acho que não vamos achar rosquinhas na Rússia — ela resmungou olhando para os ridículos óculos redondos do irmão.

— Não se preocupe! Estamos preparados — Dan respondeu. Ele olhava para um poço sem fundo de guloseimas. A mochila deles estava abarrotada de doces e salgadinhos que Dan comprara com a ajuda de seu novo melhor amigo, o cartão de crédito. Dan abriu um pacote de salgadinhos e se recostou no assento.

Amy estava mais concentrada no que eles deveriam estar fazendo do que em se empanturrar de tranqueiras. Finalmente havia convencido Dan a deixá-la segurar o pergaminho para que não ficasse coberto de farelo, mas ao olhar para aquilo sua apreensão apenas aumentou. O telegrama que eles tinham recebido de manhã era de alguém que assinava como NRR, o que não dizia nada para os dois. O pior era que o telefone que eles tinham roubado da Nellie estava sem bateria e por isso não conseguiam falar com ela.

— Você acha que a gente pode confiar nesse tal de NRR? Afinal, agora estamos por nossa conta. A Nellie não está aqui para proteger a gente dessa vez. Tudo isso pode ser um esquema traiçoeiro.

— Só sei que passar quatro horas num avião com esse bigode vai ser um inferno. Está coçando pra burro.

— Você não pode levar as coisas a sério nem por um minuto? Estamos a caminho da Rússia. Da Rússia, Dan. Você entende o que isso quer dizer? Sem a Nellie nem o Saladin.

Amy sabia que Dan amava Saladin e não conseguia tolerar a ideia de ficar longe dele por muito tempo. E como ficar sem a Nellie? Ela não era mãe deles, não chegava nem perto disso, mas até que quebrava um galho naquela situação maluca.

— Deixa eu ver isso de novo. — Dan arrancou o pergaminho dos dedos de Amy.

Ele o segurou, olhou as letras embaralhadas e depois virou a folha com cuidado. Amy sabia que era aquela foto que mais o intrigava. Observou enquanto o irmão estudava o pergaminho, com a atenção fixa na imagem em preto e branco de um casal jovem, visivelmente apaixonado, parado em frente à embaixada americana na Rússia.

— São eles de verdade, não são? — perguntou Dan.

— Não tem erro — respondeu Amy.

Em Paris, Dan tinha perdido a única fotografia que possuía dos pais, e Amy sabia o quanto ter outro retrato deles significava para o irmão. Contudo, a nova imagem deixava os dois desnorteados.

— Mamãe, papai, o que vocês estavam fazendo na Rússia?

Amy hesitou:

— É incrível ver eles assim, tão jovens e felizes. Quer dizer, é a isca perfeita. Não seria horrível se alguém estivesse usando essa foto pra nos manipular?

— Eu te entendo — concordou Dan. Ele passou o dedo pela borda da foto, tocou o rosto da mãe, olhou nos olhos de um pai de quem mal se lembrava. — Mas se existir uma chance de descobrir alguma coisa...

Amy sabia como Dan se sentia, pois ela se sentia exatamente da mesma forma.

Havia uma mensagem manuscrita embaixo da foto, e Dan leu em voz alta pela centésima vez, tentando entender o sentido daquilo:

*O relógio está fazendo tique-taque.
Me encontrem em 36 horas, senão
a porta da sala se fechará para
sempre. Venham sozinhos, como seus
pais vieram um dia, ou é melhor que
nem venham. Não confiem em ninguém.
NRR*

Dan virou o pergaminho para examinar novamente as letras embaralhadas. Ficou olhando para elas o tempo todo, desde a decolagem, enquanto devorava um segundo pacote gigante de salgadinho. Foi só quando chegou o carrinho de bebidas e ele matou um refrigerante inteiro que Amy percebeu que as coisas começavam a se encaixar na cabeça do irmão.

— Pra onde mesmo você disse que a gente está indo? Vovogato?

— *Volgogrado* — Amy respondeu.

— Ah, beleza. Me dá aquele envelope que o funcionário te entregou de manhã. Tive uma ideia.

Amy estava usando o envelope como marcador de livro. Tirou-o do guia turístico e o entregou para Dan, curiosa para ver o que ele estava tramando.

— Isso deve servir — disse Dan. Ele arrancou uma página de uma revista de bordo e tirou uma caneta do bolso, escrevendo uma das combinações de letras.

ROGOLGOVAD

— Era esse o problema... As letras que faltavam estavam me confundindo. Mas elas vêm do envelope. Essa é VOLGOGRADO, está vendo?

Dan pôs o L sublinhado do envelope na mistura e desembaralhou todas as letras. Amy achou uma página no guia turístico que listava as cidades da Rússia, e pouco depois os dois tinham diante dos olhos uma lista com seis nomes.

| | |
|---|---|
| ROGOLGOVAD | Volgogrado |
| OCOSUM | Moscou |
| EMBIRGCRUOEAT | Ecaterimburgo |
| GOBSUXRTEPREAOSZ | São Petersburgo x Z |
| DNAGABERSAMIAI | Magadan, Sibéria |
| BAERMKSISOI | Omsk, Sibéria |

— Ecaterimburgo — leu Dan. — Parece um lugar cheio de coisas nojentas. Que tal a gente pular essa?

Amy não se deu ao trabalho de comentar, pois já tinha percebido outra coisa.

— Sobraram um X e um 2 em São Petersburgo — falou Amy. Aposto que isso quer dizer x2. São Petersburgo vezes dois. Deve significar que tem duas coisas pra gente descobrir lá.

Dan confirmou com a cabeça:

— Agora só falta saber o que a gente tem que fazer em todos esses lugares.

— Volgogrado é para onde o avião está indo, por isso deve ser o primeiro lugar onde devemos procurar. Também é o lugar que aparece nesse peso para papel — concluiu Amy.

— Como você sabe? — perguntou Dan.

Ela segurou a pesada bola de vidro para que Dan pudesse ver melhor:

— As letras TSV na parede significam Tsarítsin, Stalingrado e Volgogrado. De acordo com o guia turístico, eles rebatizaram a cidade duas vezes.

— Os russos são indecisos assim? — perguntou Dan.

Amy ignorou a pergunta e se aproximou do irmão:

— Acho que sei o que vamos procurar logo que aterrissarmos.

— Você está sonegando informação! — reclamou Dan, limpando na barbicha os dedos salgados.

Amy mostrou a capa do guia:

— Essas coisas estão cheias de respostas. Você só tem que abrir para achar uma delas.

Quando Dan viu a Rússia pela primeira vez, engasgou com um salgadinho e cuspiu na calçada do aeroporto.

— Eca! Na boa, você nunca vai arranjar namorada — disse Amy.

— Como se eu quisesse!

Dan cogitou um ataque surpresa contra a irmã, mas no mesmo instante todos os seus sentidos dispararam. Cada placa era uma coleção de letras estranhas e espiraladas, impossíveis de ler. O ar estava carregado de sabores a serem experimentados, ônibus vermelhos e amarelos passavam chacoalhando e em toda parte Dan ouvia o som de uma nova e exótica língua.

Eles olharam para os dois lados em frente ao aeroporto de Volgogrado, vendo as fileiras confusas de táxis sujos. Nenhum dos dois sentia confiança para escolher um taxista, principalmente depois daquela palhaçada com o GPS no Cairo.

— E aquele cara? — Dan perguntou com a boca cheia de chocolate. Era o terceiro chocolate que ele comia nas últimas horas e sua voz estava um pouco agitada.

— Não deixe ele perceber que você está olhando — aconselhou Amy. — Senão ele nunca mais vai deixar a gente em paz.

Mas era tarde demais, O taxista já estava atravessando quatro pistas na direção deles. Dan teve um pressentimento sobre o russo barbado com a van. Caía bem ao seu estilo *beatnik* rodar a cidade numa van retrô dos anos 1960.

— Fica sussa. Eu falo a língua desse cara.

— Esse seu bigode está te deixando mais burro ou o quê?

A van cruzou a rua com uma guinada ensandecida e parou cantando pneu na frente de Dan e Amy.

— Queremos alugar nosso próprio veículo — explicou Dan. — Você pode nos ajudar?

*O quê?!* Amy fez com a boca. *Alugar um carro?* Quem vai dirigir?

— Você querer próprio carro? Eu conhecer cara. Melhor preço de Volgogrado.

Dan nunca tinha dirigido um carro, mas mandava bem na bicicleta. Mostrou o cartão de crédito dourado, depois o guardou de volta no bolso.

— Você pode arranjar uma moto pra gente? Gostamos de ar fresco.

O russo barbado piscou, e menos de uma hora depois Dan estava saindo de um beco com Amy espremida num *sidecar*. Era uma antiga moto militar russa, verde-escura, com partida a pedal.

— Tem certeza que você sabe mexer nessa coisa? — perguntou Amy, agarrando o guia turístico com força.

— Segura firme! O negócio vai sacudir — exclamou Dan. Um caminhão de entregas passou depressa, depois Dan saiu do beco e acelerou.

— Vai devagar, seu demente! — Amy berrou, mas Dan estava alucinado. Precisou de várias tentativas para sair da primeira marcha e o motor esgoelou. Buzinas soavam, e pedestres olhavam feio enquanto a moto dançava pela rua. Dan finalmente conseguiu engatar a segunda e disparou no contrafluxo, quase soltando o guidão quando a moto descontrolada deu um tranco.

— D-D-D-Da... — gaguejou Amy, apontando para uma onda de veículos que buzinavam, vindo na direção deles. Dan engatou a terceira e acelerou para entrar na pista certa.

— Estou mesmo pegando o jeito — ele gritou, seguindo junto com o fluxo, com um sorriso do tamanho de um caminhão. Amy tirou a peruca e os óculos e guardou na mochila.

— Pegando o jeito de matar a gente!

— Fica tranquila. Já aprendi!

Amy vestiu um velho capacete surrado que encontrara rolando no chão do sidecar. Então, pegou o guia e abriu na última página, onde o russo barbado tinha anotado o caminho.

— Vire na terceira à esquerda — ela berrou, erguendo o olhar para tentar se orientar. Todas as placas que ela via estavam escritas em russo, e eles estavam prestes a passar pela rua onde precisavam virar.

— É aqui! — Amy gritou, segurando-se com força enquanto Dan pisava no breque e dava uma guinada para a esquerda.

— Isso é demais! — ele berrou, deixando um rastro preto de borracha queimada no asfalto. — Morra de inveja, Hamilton Holt!

Passaram-se vinte alucinantes minutos até a moto parar num estacionamento do tamanho de um campo de futebol. Dan tirou o capacete, o bigode e a barbicha e olhou para a vasta colina coberta de grama. Na outra ponta, erguia-se a gigantesca estátua de uma mulher segurando uma espada acima da cabeça, assomando feito um arranha-céu no horizonte nublado. Eles tinham visto o monumento de longe durante a corrida desenfreada pela cidade, de perto, porém, era um espetáculo assustador.

— A Mãe-Pátria — mostrou Amy. — É duas vezes maior que a Estátua da Liberdade. Você sabe o que esse monumento comemora?

— Não faço ideia, mas tenho certeza de que você vai me contar.

— A batalha de Stalingrado na Segunda Guerra Mundial, e não é motivo pra piada. Mais de 1 milhão de pessoas morreram bem aqui.

Pais e mães tinham morrido ali, deixando filhos à mercê de cuidados alheios. Dan sabia como aquilo era horrível. Todas as perguntas sem resposta, a frustração, a sensação terrível de ter perdido seu lugar no mundo. Amy pousou a mão sobre o colar de jade que pertencera a Grace e esfregou o pingente.

— Melhor pôr a mão na massa. Nunca se sabe quem pode estar seguindo a gente. — Dan começou a subir o caminho em direção à Mãe-Pátria.

O local estava cheio: famílias, casais de idosos com bengalas, hordas de turistas e guardas de uniforme.

— Só torço pra não encontrarmos ninguém aqui — disse Amy. — Esse lugar está infestado de policiais e turistas. Vai com calma, ok, Dan? Melhor prevenir que remediar.

Dan assentiu com a cabeça e sugeriu que eles se separassem para cobrir uma área maior. Amy tinha se dado conta de que a mãe sentada numa cadeira, dentro do pequeno objeto de vidro, era uma referência à gigantesca estátua. Uma das paredes da sala em miniatura também tinha um olho, e era aí que as coisas ficavam meio horripilantes. Se Amy tivesse razão e aquilo fosse mesmo uma referência a um dos olhos da Mãe-Pátria, eles teriam que subir até o topo de urna estátua que era quase da altura de uma montanha.

*Dan olhou para cima. E mais para cima, e mais para cima ainda. Como vamos subir até ló? E o que vamos encontrar?*

# CAPÍTULO 4

HAMILTON HOLT FOI O PRIMEIRO A PISAR NA CALÇADA, SEGUIDO POR suas irmãs, que saíram do carro engalfinhadas como em um duelo de luta livre, uma sentando a mão na outra. Os Holt vinham rastreando Dan e Amy desde o Cairo em busca de pistas e tinham feito ligação direta numa van do Leste Europeu dos anos 1970 no instante em que aterrissaram na Rússia. Pousando no aeroporto de Volgogrado, não faziam ideia de para onde deviam ir, porém os Holt eram uma família ostensivamente americana. O mesmo russo que abordara Amy e 0cm farejou dinheiro e veio dar o bote. Não demorou muito para ligar os pontos. Dez minutos depois, o russo estava 100 dólares mais rico e os Holt sabiam exatamente seu próximo destino.

Contemplando a Mãe-Pátria, Hamilton percebeu que finalmente chegara a um país que saberia apreciar seu tamanho e sua força.

— Tropas, formação! — berrou Eisenhower Holt, o mandachuva daquele bando de neandertais de agasalho esportivo.

— Hamilton, frente e centro!

Hamilton, o maior e mais marombado dos três irmãos Holt, correu até ficar a cinco centímetros do rosto do pai e gritou:

— SIM, SENHOR!

— Filho, você está com bafo de barra de proteínas e está cuspindo outra vez. Controle isso!

Hamilton ficou com a cara no chão. Era difícil gritar aqueles S sem cuspir em alguém:

— Não vai acontecer de NOVO, SENHOR!

Eisenhower aprovou com um movimento austero da cabeça:

— Agora é com você nossa tarefa mais importante. Descubra o que aqueles palermas estão tramando e reporte para a base. Arraste eles até a van se for necessário. Está com o seu bidirecional?

Hamilton tirou do bolso um rádio bidirecional, que era um tipo de walkie-talkie, apertou o botão de chamada e gritou no aparelho:

— SIM, SENHOR!

Eisenhower sacou seu próprio rádio do bolso e gritou de volta:

— PEGA ELES, GAROTO!

Hamilton correu na direção da monstruosa estátua, orgulhoso de ser o centro da ação. Olhou de relance para sua família lá atrás. Suas irmãs mais novas, Reagan e Madison, já estavam prendendo com fita adesiva um GPS embaixo do sidecar da moto de Dan. Elas reclamaram que estavam com fome, e então Madison deu um soco no ombro de Reagan, o que pareceu fazer a irmã se sentir um pouco melhor. Mary-Todd, a mãe, ficou vigiando a van, de olho para o caso de outras equipes aparecerem.

— Preciso comer! — berrou Eisenhower. A última coisa que Hamilton ouviu foi o pai gritando alguma coisa sobre espionar um carrinho de comida, repleto de tortinhas russas de carne.

Hamilton não demorou muito para avistar Amy investigando a frente da Mãe-Pátria. Ela estava passando os dedos na pedra, examinando com cuidado cada rachadura e aresta.

*O que essa nerd magrela está fazendo, e cadê o imbecil do irmãozinho dela?*

Ele virou e viu Dan chegando pelo outro lado da estátua. Amy estava parada dez metros à sua esquerda, o outro, três metros à sua direita, e ele não sabia qual dos dois devia abordar. A ideia de decepcionar o pai, outra vez, fez Hamilton suar frio.

— Ei, Hamilton! — berrou Dan. — Você me viu pilotando aquela moto? Melhor que aquele jegue que você estava montando no Cairo!

— Era uma Vespa, seu retardado! E vem dizer isso na minha cara!

Então, com Hamilton ainda olhando, Dan fez um sinal para a irmã, virando a mão como se precisasse de uma chave.

*Ei! Eles acham que eu sou idiota?*

— Parece que alguém tem uma chave — berrou Hamilton, virando para Amy enquanto seu rádio bidirecional tocava.

— Anda logo! — trovejou Eisenhower. — Temos companhia!

Hamilton, Amy e Dan se viraram ao mesmo tempo para olhar na direção do estacionamento. Ian e Natalie Kabra estavam chegando numa limusine branca, quase como se não se dessem ao trabalho de ser discretos. Eisenhower Holt começou a metralhar a limusine com tortinhas de carne que tirava de um saco enorme, dando uma mordida em cada uma antes de arremessar. De longe, parecia que Eisenhower estava tirando o pino de granadas de mão e jogando-as num bunker.

— Seu pai é uma ameaça. Você sabe disso, né? — perguntou Dan. Ele chegara a três metros de Hamilton, fazendo um gesto para que Amy lhe jogasse o peso para papel. Amy fuçava dentro da mochila quando Hamilton deu quatro grandes passos e a encurralou.

— O que tem nessa mochila? Vamos, passa pra cá! — mandou Hamilton, avultando sobre Amy. Ele estava prestes a arrancar a mochila das mãos dela quando Amy disse alguma coisa que o chocou:

— Os K-K-Kabra estão na nossa cola! — Hamilton percebeu que ela estava desesperada, tentando controlar a voz. — Quantas p-pistas vocês têm?

Hamilton parou, congelado:

— Temos um monte! Com certeza mais que vocês dois, seus perdedores.

— Nós temos dez. Vocês têm dez? — disse Dan, encarando Hamilton bem nos olhos. Amy trocava o equilibro de um pé para o outro, olhando apreensiva para os dois. Grace ensinara Dan a blefar como um jogador de pôquer de Las Vegas, e Hamilton não sabia o que pensar.

— Vocês têm DEZ? Duvido que vocês têm dez!

*O pai vai surtar se descobrir que estamos tão atrás!,* ele pensou.

A polícia estava começando a infestar o local, para garantir que a confusão que brotara no estacionamento não se espalhasse para o parque.

— Você podia ser um herói, Hamilton — exortou Amy. — Você quer voltar com alguma coisa útil, não quer?

Aquela pergunta acertou Hamilton em cheio. Agradar Eisenhower Holt era a coisa que ele mais queria no mundo.

— Qual é a proposta? — ele perguntou, mirando os dois com cara de bravo.

Ele esperou, observando os dois irmãos Cahill, que se entreolhavam como se pudessem ler a mente um do outro. Por fim, Dan assentiu com a cabeça:

— Vamos pôr a mão na massa antes que seja tarde demais. Por aqui!

Dan conduziu os dois até as costas da Mãe-Pátria. A base da estátua tinha mais ou menos a largura de um arranha-céu, e enquanto eles a contornavam, Hamilton ficou se perguntando se deveria ou não descer o braço em Dan e Amy e pegar a mochila.

*Calma! Deixa rolar! Se eles tentarem te enganar, aí você dó porrada!*

— Você pode falar com o seu pai pelo rádio? — perguntou Amy. — Fala pra ele que você está quase conseguindo a coisa que nós viemos buscar, e manda ele impedir que os Kabra cheguem perto da Mãe-Pátria.

Hamilton estudou Amy com um olhar inquisitivo, depois apertou o botão e gritou no rádio:

— Holt na escuta! Missão quase concluída. Não se aproximem!

— Entendido!

Hamilton virou para Amy e Dan:

— Agora me deem a mercadoria.

Dan hesitou, depois apontou para uma das placas de pedra da Mãe-Pátria.

—Antes de você aparecer pra complicaras coisas, eu dei uma baita sorte — disse Dan.

Hamilton olhou mais de perto e viu as letras TSV entalhadas na pedra, acima de um pequeno buraco de chave. Amy também viu. Ela estilhaçou peso para papel, batendo-o contra a pedra.

— Ei! Isso era tarefa minha! Dan reclamou.

— Peguei! — exclamou Amy. A chave havia sido liberta de sua prisão esférica. Diante dos olhos incrédulos de Hamilton, Amy a inseriu na placa de pedra. Dan empurrou com força a porta secreta, mas a pedra não se mexeu.

— Sai da frente, moleque — mandou Hamilton. Ele empurrou Dan de lado e arremessou seu corpanzil contra a pedra lisa. A placa cedeu facilmente, e os três entraram correndo na estátua.

— Fecha a porta, bebezão. Temos uma tarefa a cumprir — disse Dan.

Hamilton quase derrubou Dan, mas sabia que não seria difícil machucar aquele pentelhinho, e isso talvez complicasse as coisas.

— Espero que seja importante — disse Hamilton.

— Não se preocupe — assegurou Dan. — Vai ser.

Depois de ter trancado bem a entrada secreta, Dan conseguiu dar um suspiro de alívio e examinar o ambiente. O interior da Mãe-Pátria era impressionante: tudo aberto do chão ao topo, com uma rede de vigas e um sistema de sustentação perpassando todo o meio. A luz se infiltrava por pequenas rachaduras que cobriam todos os lados da estrutura. Dan teve a sensação de adentrar o domínio sombrio de uma aranha monstruosa.

— Cadê o Gandalf quando a gente precisa dele? — perguntou Dan.

— Você é um moleque estranho, sabia? — disse Hamilton.

Amy fez cara feia para os dois:

— Temos que chegar ao topo, onde ficam os olhos.

— Vamo aê — empolgou-se Hamilton, examinando as vigas, procurando o melhor lugar para começar. — Isso vai ser fácil demais.

Dan já tinha começado a subir uma escada de ferro de dois andares, que levava mais para dentro da Mãe-Pátria, mas Hamilton teve outra ideia. Foi direto para uma enorme viga de aço que brotava do meio da estátua, com rebites gigantes de cada lado:

— Vejo vocês lá em cima, manés!

Quando Dan e Amy chegaram ao último degrau da escada, Hamilton tinha escalado a viga de aço como um lenhador subindo numa árvore. Estava muito à frente deles, desaparecendo na luz fraca lá de cima.

— Temos que chegar lá primeiro! — berrou Amy. — Vamos!

No topo da escada, Dan reparou numa coisa. As vigas que se entrecruzavam também eram projetadas para servir como passarelas estreitas. Tinham menos de meio metro de largura, eram planas, e havia um cabo bem acima delas para que alguém pudesse se segurar. Mas não havia grade de proteção.

— Eles devem se prender no cabo quando estão trabalhando aqui em cima — concluiu Dan. — A gente consegue!

— Um prendedor desses seria bem útil — disse Amy. Ao olhar para cima, lembrou de uma longa série de pontes de corda num filme antigo. No filme, todo mundo caía num despenhadeiro sem fundo.

Dan agarrou o cabo e começou a andar, primeiro devagar, depois cada vez mais rápido, conforme ia ganhando confiança. Ele já tinha subido uns sete metros e chegado ao outro lado da estátua quando olhou para trás. Amy não tinha se mexido, e Hamilton ainda estava uns 15 metros acima deles, escalando pelo meio da estátua.

— Vamos, Amy! Você consegue!

Amy respirou fundo e pôs o pé na viga. Oscilou para frente e para trás, depois parou, segurando o cabo com mais força:

— Vai indo, Dan! Eu vou conseguir. Mas tenta chegar antes!

Dan hesitou, sem saber se olhava para Hamilton lá na frente ou para Amy lá atrás. Talvez ela só chegue na véspera de Natal!, ele pensou.

— Vai subindo, Dan! — Amy berrou.

Dan foi trepando feito um macaco, braços e pernas trabalhando em conjunto enquanto ele subia mais sete metros. Virou do outro lado e começou a andar ainda mais rápido. Aquela passarela em zigue-zague lhe dava uma vantagem sobre Hamilton: era muito mais fácil subir daquele jeito que escalar direto pelo meio. Quando Dan cruzou o centro da escada pela quarta vez, ultrapassou seu adversário, que estava ofegante depois de ter escalado mais de trinta metros verticais.

— Que belo dia pra passear, você não acha? — gritou Dan. Ele também estava totalmente sem fôlego, mas seu caminho para o topo era muito mais fácil que o de Hamilton.

O rádio não dava sossego: Eisenhower Holt gritando coisas sobre os Kabra e exigindo saber por que Hamilton tinha sumido

Dan estava a apenas três lances de passarela da cabeça da Mãe-Pátria quando olhou para trás. Não conseguiu ver Amy.

— Amy! Você está aí embaixo?

A voz de Dan ecoou no gigantesco vão. Não houve resposta.

— Amy! Responda! Você está muito pra trás?

— Não precisa gritar. Estou bem aqui atrás.

— Tá brincando! — foi o que Dan disse com um sorriso enorme iluminando o rosto. Em silêncio, Amy tinha recuperado o atraso! Só estava dois lances de passarela atrás de Dan e logo ia alcançar Hamilton Holt, que tinha parado de se mexer.

— É mesmo brincadeira! — foi o que Dan ouviu Hamilton resmungar. O Holt visivelmente não aguentava mais escalar a viga central. Vergalhões finos de apoio brotavam da viga e se uniam às passarelas, e Hamilton agarrou um deles enquanto Amy passava. O rádio estava captando muita estática e os pedidos de atualização agora vinham entrecortados.

— Rápido, Dan! — disse Amy.

Hamilton se pendurou no vergalhão de aço, com os pés balançando num vazio de 50 metros de altura. Não demorou muito para ele alcançar a passarela, içando seu corpo imenso. A primeira coisa que fez ao colocar os pés nela foi desligar o rádio.

Dan sabia que precisava se apressar. Correu até o fim da última viga, onde o cabo se unia a uma escada de ferro que conduzia à cabeça da Mãe-Pátria.

— Estou entrando no cérebro! — berrou Dan. — Torça por mim!

No topo da escada, havia uma plataforma grande o bastante para sustentar várias pessoas. Dois grossos feixes de luz vindos de fora iluminavam a cabeça. Era meio sinistro, como se Dan estivesse mesmo dentro da cabeça de alguém, procurando uma lembrança escondida entre camadas de pó.

— Achei! — sussurrou Dan. No canto de um dos olhos da estátua, avistou um pequeno cilindro embrulhado num papel e amarrado com um barbante. Dando uma olhada rápida, viu que havia duas letras pintadas na parte de cima do papel áspero: S.P.

*São Petersburgo!*

Dan guardou o objeto no bolso.

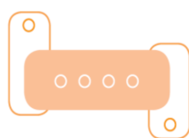
— Estou chegando — avisou Amy, alcançando a base da escada.

— Ele está muito pra trás? — perguntou Dan, ajudando a irmã ofegante a subir na plataforma.

Amy olhou para as passarelas lá embaixo:

— Ele está vindo bem devagar. Chuto que vai demorar uns três ou quatro minutos.

— Ótimo. Tenho uma ideia.



Passaram-se uns bons cinco minutos até Hamilton chegar à cabeça da Mãe-Pátria e desabar no meio da plataforma. Ele arfava pesadamente, e havia um enorme aro de suor em volta do seu pescoço.

— Cara, você parece um peixe que saiu da água — observou Dan. — Falando nisso...

Dan fuçou na mochila. Entre os chocolates amassados e pacotes de salgadinho, havia algumas latas de refrigerante. Ele tirou uma delas, abriu, e a espuma jorrou inteira em cima de Hamilton.

— Ops — disse Dan, mas Hamilton pareceu não se importar. Ficou sentado e bebeu tudo de uma só vez, depois jogou a lata vazia pela beira da plataforma. Os três ficaram ouvindo a lata repicar e ecoar na imensa queda até o chão.

— Nossa, como a gente subiu — Amy ficou espantada. A cor fugiu do seu rosto no instante em que ela pareceu se dar conta, pela primeira vez, de que teriam que descer.

— Encontrei uma dica — Dan logo falou, pondo seu plano em ação. — E não só isso, resolvi a charada.

Hamilton se levantou.

— Deixa eu ver — disse, enxugando o suor da testa com o braço.

Dan pegou o pedaço de pergaminho que tinham achado no armário, com os nomes embaralhados de todas as cidades que deviam visitar. Dan tinha se dado conta, sem precisar de ajuda, de que 36 horas não dariam nem para o cheiro se tivessem que visitar todos os lugares da lista, e só restavam 29 horas. Ele não queria admitir, mas precisavam de ajuda.

Amy pareceu entender o que ele estava fazendo.

— É uma lista de lugares, está vendo? — Amy mostrou para Hamilton, tomando o pergaminho da mão de Dan. Ela tomou cuidado para não mostrar o verso e revelar a foto dos pais ou o bilhete do tal NRR. — E o Dan já desembaralhou as letras.

Hamilton olhou para o pergaminho, ressabiado.

— O que acontece é o seguinte — explicou Amy. — Não vamos conseguir visitar todos esses lugares sozinhos, e nem vocês. E se a gente dividisse os lugares? Vocês vão pra um lado, a gente vai pro outro, e trocamos informações sobre o que encontrarmos.

O curto moicano de Hamilton Holt, empapado de gel, pareceu tremer conforme as engrenagens do seu cérebro começavam a girar. Ele se apoiou no cotovelo e o olhar que lançou para Amy era quase de súplica.

— E vocês podem confiar na gente — Amy afirmou. — Vamos dar a vocês o próximo lugar aonde temos que ir. Está vendo isso aqui? — ela perguntou, segurando o pergaminho mais perto do rosto de Hamilton. — É lá que vamos continuar seguindo o rastro da pista. Em Omsk, na Sibéria.

Bem do lado dos nomes das cidades, Dan acrescentara: "Depois, no cruzamento entre Y e Z". Não fazia absolutamente nenhum sentido, mas soava bem, e Hamilton caiu como um patinho. Dan decidiu que podia dar as instruções verdadeiras para Hamilton depois, quando tivesse tido tempo de examinar o tesouro que carregava no bolso.

— A gente vai fazer o seguinte — continuou Amy.

Amy mandou Hamilton visitar ambas as cidades siberianas enquanto ela e Dan se concentrariam em lugares mais próximos. Assim, Dan e Amy ficaram com Moscou, Ecaterimburgo e São Petersburgo. Eles trocaram números de celular e endereços de e-mail.

— Vamos trocar informações ao longo do percurso e dar um pé na bunda do resto das equipes! — Dan demonstrou entusiasmo.

— Isso se a gente não morrer antes, descendo isso aqui — Amy falou.

# CAPÍTULO 5

IAN KABRA JÁ TINHA ANDADO DE LIMUSINE CENTENAS DE VEZES, mas nunca coberto de tortas de carne.

— Os Holt são bárbaros — ele disse, enojado. Estava sentado no banco de trás, limpando manchas de carne de seu terno Armani de 5 mil dólares.

— Aí vem o Hamilton! — Natalie apontou. Ela tinha se saído melhor na guerra do estacionamento, refugiando-se dentro do carro ao primeiro sinal de ataque alimentício. Não era trouxa de arriscar seu Gucci.

— Motorista, siga aquela lata velha — ordenou Jan. Ele apontou para a van branca surrada onde Hamilton Holt acabara de entrar correndo. O veículo despertou com um ronco e partiu em disparada.

Ian digitou um número no celular. A simples menção de que a concorrência havia seguido para a Rússia num momento tão delicado deixara seu pai em pânico. Não era hora de correr riscos.

— O que você quer? A voz do outro lado da linha pertencia a Irina Spasky, a única cidadã russa que havia entre as equipes. Ela, assim como Ian, fazia parte do clã dos Lucian. Um nível abaixo dos pais de Ian e Natalie, fato que sempre a deixara furiosa.

— Não sei como você conseguiu deixar todo mundo entrar no seu país. Mas meu pai está ficando nervoso. E quando ele fica nervoso, eu fico nervoso.

Ele vai mandar cortar a minha cabeça e a sua se deixarmos outra equipe se apossar de uma das nossas pistas.

— Eles não vão se apossar de nada! — retrucou Irina. — Vão sair daqui com as mãos vazias.

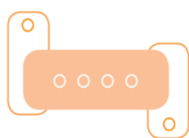
Ian deu um sorrisinho. Conseguia imaginar o olho de Irina tremendo como sempre acontecia quando ela ficava brava.

— Não gosto desse movimento todo próximo a segredos tão importantes. O país é seu. Faça alguma coisa.

— Cuidado com o que diz. A linha não é segura — afirmou Irina.

— Você segue Dan e Amy Cahill. Acho que eles sabem de alguma coisa — mandou Ian. — Vamos cuidar dos Holt.

— Combinado. Você toma conta dos imbecis. Eu vou fazer o serviço que realmente importa.



Irina desligou o celular e ficou matutando no banco de trás de uma van encardida, a mesma que Dan e Amy tinham tomado para sair do aeroporto. O russo barbudo estava no rol de colaboradores dos Lucian, como centenas de outros informantes espalhados pelo país.

*Quem está ajudando Dan e Amy Cahill?,* ela se perguntou. Seria possível que houvesse um agente duplo entre os Lucian? A ideia lhe passara pela cabeça antes, mas, após a morte de Grace Cahill, suas suspeitas cresceram. Havia segredos na Rússia, segredos que precisavam ser protegidos a qualquer custo. Dan e Amy tinham esbarrado num ninho de marimbondos.

— Eles estão se movimentando — disse o russo barbado no banco da frente.

— Siga-os — mandou Irina.

O motorista se misturou ao trânsito e foi seguindo um ponto que piscava na tela.

— Até que ele sabe manejar essa moto — comentou o motorista, dando risada apesar da agente ultrasséria sentada no banco de trás da perua.

— Não estou pagando pra ouvir você tagarelar comigo — Trina retrucou.

O motorista barbado ficou quieto, e não foi dita mais uma palavra durante o percurso por Volgogrado. Trina sentiu os espasmos voltarem a seu olho, primeiro leves, depois cada vez mais fortes. Passaram-se vinte minutos até o motorista abrir a boca outra vez.

— Eles pararam. Estamos perto da estação de trem.

— Deixe eu sair — disse Irina. Um maço de notas passou voando e caiu nos pés do motorista.

— Talvez eu precise de você de novo — Irina avisou enquanto abria a porta. — Deixe o celular ligado e não saia da cidade.

O motorista concordou com a cabeça. Debruçou-se e pegou o rolo de notas do chão. Ao se levantar, Trina Spasky tinha sumido.

— Tem certeza absoluta que a gente está indo pro lugar certo? — perguntou Amy.

— Ahã — respondeu Dan. Amy suspirou, ainda sem estar convencida de que tinha sido uma boa ideia eles embarcarem no trem expresso. No entanto, Dan arredara o pé da decisão de não revelar a dica que tinha encontrado até eles conseguirem sair da cidade em segurança. Ele estava aprendendo a tomar cuidado com a possibilidade de haver alguém vigiando.

— Vamos olhar esse negócio — falou — chega de me enrolar.

Dan tirou do bolso da frente o objeto que encontrara na Mãe-Pátria. Olhou para os dois lados do corredor central do trem e depois entregou o cilindro para Amy.

— Pode ter a honra — disse Dan. — Estou cansado demais para abrir.

Em vez de ajudar a irmã, ele fuçou na mochila procura de um petisco e tirou de lá o guia turístico de Amy.

— Essa coisa está esmagando meus salgadinhos.

Ele pôs o livro entre os dois, abriu um pacote de salgadinhos pulverizado e enojou a irmã inclinando cl cabeça para trás e derramando na boca o farelo.

Amy revirou os olhos e voltou a atenção para o cilindro. Estava embrulhado com uma quantidade absurda de barbante, por isso ela demorou

um pouco até finalmente abrir o papel e segurar na mão o objeto secreto. Era uma estátua minúscula, esculpida num material alaranjado duro, mostrando um monge barbado com um olhar intenso, de pé e com os braços cruzados na frente do peito.

O rosto de Amy se iluminou:

— Acho que eu sei quem é!

— É aquele cara que arranjou a moto pra gente! — exclamou Dan, olhando a estátua. Ele franziu a testa.

— Ou talvez o irmão dele.

Amy não sabia direito o que fazer com a preciosa estátua. Estava se coçando para consultar uma determinada página do guia, mas não queria entregar a Dan o monge entalhado, com medo de que ele o derrubasse no chão.

— Segura isso. — Ela sucumbiu à sede de informação. — E toma cuidado. É frágil.

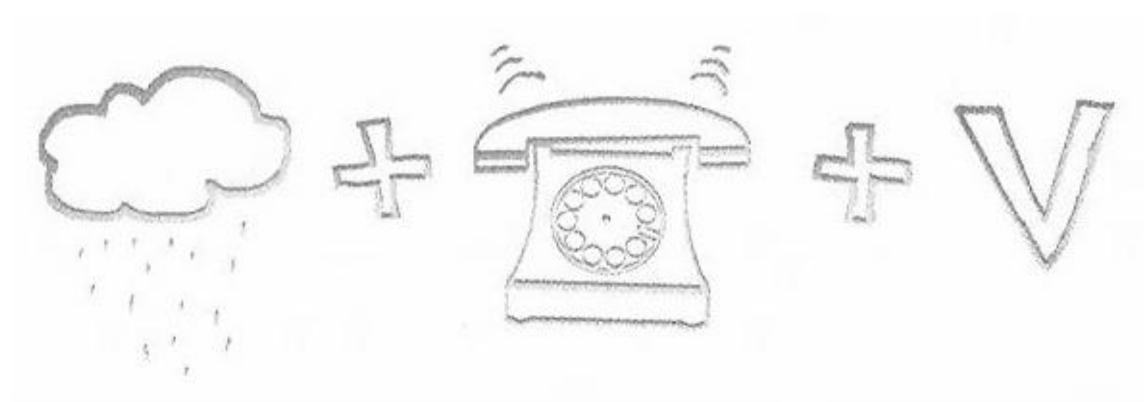
— Xá comigo — disse Dan, arrancando a estatueta da mão dela e a segurando contra a luz. — É quase transparente — ele percebeu enquanto Amy folheava o livro. — E tem alguma coisa escondida dentro.

— O quê? — perguntou Amy, estendendo a mão para pegar a estátua.

— Opa, peraí! Vai com calma. Esse negócio é frágil, lembra?

— O que tem aí? O que você está vendo?

— É um desses jogos de enigma. Eu sou bom nisso. Tem uma nuvem de chuva, depois um telefone, depois um V.

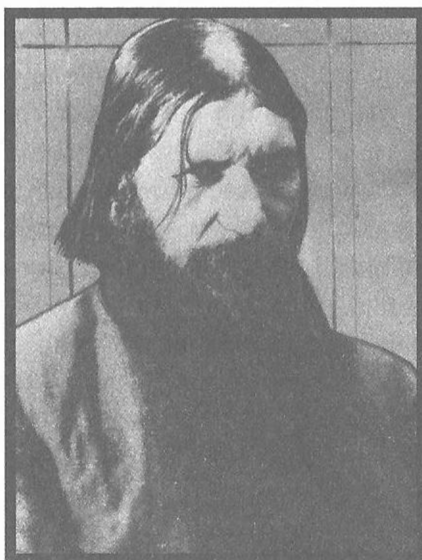


— Chuvatelefonev — disse Dan. — Você já ouviu falar de alguma coisa assim?

Amy fez que não com a cabeça, porém algo naquela palavra a incomodava. Ela pensou por um instante, mas nada se cristalizou, por isso ela mostrou para Dan a foto que estava procurando no guia turístico.

— É Rasputin — indicou Amy. — Tenho certeza.

Dan olhou para a foto, um retrato granulado em preto e branco de um homem com olhos furiosos.



— Caramba, esses monges são bem irritadinhos — ele falou. Amy sabia que o irmão estava lembrando a horda de monges que os perseguira na Áustria. — Por que você tem tanta certeza de que é esse cara?

— Rasputin não era um monge qualquer. Diziam que era quase impossível matá-lo. Isso não parece uma coisa típica de um Cahill? Ser "imatável"?

Dan arregalou os olhos.

— Rasputin se infiltrou no círculo íntimo da família russa mais poderosa de todos os tempos: os Romanov. Eles eram da realeza, que nem a princesa Diana da Inglaterra — Amy contou.

— Sem essa história de princesas. Você está começando a me entediar.

— Rasputin encantava a todos. Convenceu a família real de que possuía poderes sobrenaturais de cura, e as evidências parecem sugerir que era verdade.

— Você está de brincadeira! — Dan estava quase tão empolgado quanto no dia em que percebeu que seu professor usava peruca.

— Ele era especialmente íntimo do herdeiro do trono, Alexei, e de sua irmã Anastácia. Ela era uma pessoa incrível, mas o Alexei ficava doente o tempo todo. Tinha hemofilia.

Dan achou aquilo estranho:

— Isso não é, tipo, uma doença que você tem na bunda?

— Que nojo! Não é hemorroidas, Dan! Hemofilia é um problema do sangue. Quando Alexei se cortava, nem que fosse só um pouquinho, não parava de sangrar. Então, imagine, tipo, sei lá... tipo se você caísse do skate e esfolasse o joelho e ficasse sangrando e sangrando sem parar, até todo o seu sangue vazar do seu corpo.

— Legal! — exclamou Dan.

— Não é legal! Se não fosse por Rasputin, Alexei teria sangrado até a morte antes dos 10 anos de idade. Mas essa não é a parte mais interessante. Vários nobres não gostavam do poder que Rasputin exercia sobre a realeza e por isso planejaram matá-lo.

— Agora está ficando interessante.

— Espere até ouvir isso — continuou Amy. Ela passou os olhos na parte seguinte do guia e resumiu com suas próprias palavras. — Em 16 de dezembro de 1916, o príncipe Félix Iusupov convidou Rasputin para um jantar. Primeiro, deu vinho e bolo com veneno para ele, mas isso não pareceu fazer nem cosquinhas. Rasputin percebeu que estavam tentando matá-lo e correu na direção da porta. Então, o príncipe Félix deu um tiro nas costas dele.

— Fim do Rasputin. Que pena... eu estava começando a gostar desse cara.

— Errou! Rasputin continuou andando, subiu a escada e saiu da casa. Os homens do príncipe atiraram nele mais algumas vezes no pátio da frente, mas Rasputin não morreu. Amarraram as mãos e os pés dele, enfiaram ele num

saco e jogaram num buraco no gelo de um rio congelado. E isso finalmente funcionou. Rasputin sufocou embaixo do gelo. — Os olhos de Amy brilharam e ela baixou a voz. — Mas dizem que suas unhas estavam todas gastas quando ele foi encontrado, como se tivesse tentado escapar, arranhando por meia hora ou mais antes de finalmente desistir.

— Essa é a melhor história que você já me contou. Nem me importo se é verdadeira ou não.

— Dan, eu acho que é verdadeira, sim. E principalmente a gente deveria acreditar, mesmo que os historiadores não acreditem. Rasputin era um Cahill! Talvez seja até do mesmo clã que nós!

— Tipo, a gente talvez seja super-herói?! — Os olhos de Dan se esbugalharam.

— Calma — pediu Amy. — Ainda precisamos descobrir para onde temos que ir em São Petersburgo quando chegarmos lá.

Dan e Amy pararam de falar, ambos perdidos em pensamentos. E logo estavam lutando contra o sono. O trem aumenta a sonolência de quem já está cansado, com seu balanço e oscilação e com suas rodas de metal estalando no trilho. Dan teve uma última ideia antes de capotar.

— Talvez a gente deva ir ao lugar onde eles tentaram matar Rasputin.

Amy refutou aquela ideia. Os entalhes dentro da estatueta não combinavam com nada das proximidades do palácio Iusupov. Ela abafou um bocejo e continuou fuçando no livro, procurando qualquer coisa que tivesse a ver com uma nuvem de chuva ou um telefone. Seus dedos subiram até o pescoço e, distraída, ela esfregou o pingente do colar de jade de Grace.

*Grace, o que você teria feito no meu lugar?,* ela pensou. Os olhos de Amy se encheram de lágrimas enquanto Dan dormia e ela foi invadida pelos receios que tentava afastar do irmão. Olhou para o brilho do pôr do sol.

Não posso fazer isso sozinha, ela refletiu, passando várias vezes pela página de Rasputin no guia da Rússia. Uma lágrima caiu, atingindo o papel, que ela enxugou com o dedo. Seus olhos pousaram numa palavra que sua mente ficou remoendo, não querendo soltar. E então, do nada, ela entendeu. Foi como se tivesse ganho um presente.

— Descobri! Descobri! — exclamou Amy. Dan acordou assustado e ficou de pé num pulo, fazendo uma pose ninja, enquanto Amy enxugava o resto das lágrimas.

— Olha! — Ela apontou para uma foto do palácio Iusupov. — Você tinha razão, Dan!

— Quer dizer que eu posso voltar a dormir?

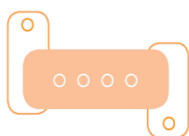
— Antes de os Iusupov tomarem posse do palácio, ele pertenceu a outra pessoa. Quer saber quem era?

— Estou morrendo de curiosidade — disse Dan, acordado, mas com os olhos fechados para o mundo.

— Era a mansão do conde Piotr Chuvalov. Conde Chuva — Alô — V. Entendeu? Chuva, mais o telefone tocando, mais a letra V: Chuv-alô-v. ChuvaloV.

— Parece fazer sentido — concluiu Dan. Dois segundos depois, ele endireitou o corpo e virou para a irmã, com um sorriso enorme.

— Ei! Sabe o que isso significa? Que estamos a caminho da cena de um crime!



Seis fileiras atrás, Irina Spasky baixou o jornal que estava usando para se esconder e franziu a testa. Ela passara andando pelo assento de Dan e Amy, disfarçada com óculos escuros e um chapéu de aba larga, e havia plantado um microfone sem fio na cadeira. Tinha ouvido em alto e bom som cada palavra, cada ideia cretina e perigoso que Amy e Dan haviam discutido.

*Os jovens Kabra são dementes e os jovens Cahill são suicidas,* ela pensou. *E agora preciso cruzar a Rússia atrás deles e proteger velhos segredos em vez de procurar novas pistas.*

Ela estalou a língua de descontentamento e refletiu sobre como detestava crianças. Porém, seu peito protestou na mesma hora com um aperto. Houve uma criança, muito tempo antes, de quem ela gostara muito.

# CAPÍTULO 6

COM A SONECA NO TREM, DAN E AMY FORAM TOMADOS POR UMA energia elétrica quando pisaram na calçada de São Petersburgo. Por que ir para um hotel quando havia um palácio a ser invadido?

— Temos que ir por ali — apontou Amy. O ar fresco da noite a encheu de um novo entusiasmo enquanto ela avançava pela plataforma apinhada de gente. Eles tinham chegado à estação Moscóvski, a menos de três quilômetros do palácio, e decidiram ir a pé em vez de se arriscar tomando outro táxi.

— Tem vários palácios amontoados ao longo das margens do rio Moika. Iusupov é um deles.

— Você devia trabalhar como guia de turismo — sugeriu Dan. — Mostre o caminho.

Em pouco tempo eles estavam seguindo a Niévski Prospekt, uma avenida de oito pistas. Havia lado a lado construções do século XVII em tons pastéis e lojas recém-construídas, disputando espaço na próspera Rússia do século XXI.

— Dan — Amy puxou a mão do irmão —, acho que tem alguém seguindo a gente.

Dan olhou por cima do ombro.

— O homem de preto — ele sussurrou.

Era ele mesmo, sem dúvida, O casaco escuro e o chapéu, o jeito sorrateiro como andava, o rosto anguloso cheio de sombras. Era inconfundível.

Amy e Dan começaram a correr, disparando entre os pedestres na calçada abarrotada. A corrida deles pareceu pôr o mundo em movimento. Um caminhão desembestou em alta velocidade, cruzando duas pistas na direção deles. Dan acelerou, mas Amy congelou onde estava. O caminhão deu uma guinada perto da calçada e um envelope foi jogado pela janela do passageiro, aterrissando no bueiro aos pés de Amy.

— Olha por onde anda, seu cretino! — berrou Dan.

Várias pessoas viraram e olharam para ele enquanto o caminhão voltava depressa para o meio do trânsito e desaparecia dobrando a esquina.

— Ele foi embora — disse Amy. Sua voz tremia no ar noturno. Será que o homem de preto fizera o caminhão se mexer? De qualquer modo, assim como surgira misteriosamente, o homem de preto tinha sumido.

— Acho melhor a gente continuar andando — sugeriu Dan. — Aquele cara pode estar em qualquer lugar.

Amy concordou com a cabeça e eles seguiram a Niévski Prospekt correndo. Dan abriu o envelope enquanto eles corriam.

— O que diz? — perguntou Amy.

Enquanto Dan lia a carta em voz alta, Amy quase sentiu a noite ficando mais escura ao redor deles.

— "O tempo está acabando. Precisam ir mais rápido. Vocês estão sendo seguidos, e não estou Falando do Madrigal. Quando os perseguidores se revelarem, deem a eles este mapa para despistá-los e sigam em frente. Vocês devem entrar no palácio de noite e encontrar Rasputin. Sigam a cobra laranja. NRR".

— O homem de preto é um Madrigal! Você tem noção do que isso significa? Vamos morrer. Morrer, morrer, morrer! — Dan se desesperou.

— Pelo menos recebemos outro bilhete do NRR — disse Amy. — Estamos prestes a encontrar alguma coisa... Só queria que a gente soubesse o que é.

Ela pôs a mão no ombro de Dan, como se para tranquilizar os dois:

— Acho que a gente devia continuar seguindo em frente, você não acha? A gente não tem muita escolha. E, além disso, o homem de preto sumiu.

— Certo, vamos supor que ele realmente deu no pé, coisa que eu duvido. E daí? Pelo jeito tem mais alguém seguindo a gente, não só ele. Pode ser qualquer pessoa, mas provavelmente é alguém que quer jogar um plano na nossa cabeça!

— Só estou dizendo que deve ser outra equipe. Além disso, NRR nos deu uma coisa para manter o inimigo ocupado.

— Talvez ele queira que a gente se afaste do resto, para assim sermos um alvo mais fácil — raciocinou Dan. — Você pensou nisso? E se a foto da mamãe e do papai foi só um truque pra gente sair viajando sozinhos?

Amy parou para pensar:

— Dan, odeio te dizer isso, mas já faz um tempo que estamos sozinhos.

A verdade daquilo deixou ambos em silêncio.

Amy pegou a carta da mão de Dan. Na parte de baixo havia um mapa elaborado de São Petersburgo, com uma linha pontilhada que serpenteava pelo desenho. Terminava cruzando dois canais, numa parte totalmente diferente da cidade Amy rasgou o papel, separando o mapa do resto da carta.

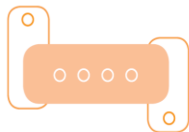
— Está vendo? Parece uma trilha que leva a algum lugar importante mas não faz nenhum sentido Só precisamos dar esse mapa pra quem estiver nos perseguindo quando a pessoa aparece então ela vai nos deixar em paz por um tempo. Talvez o NRR esteja tentando isolar a gente, mas a foto... eu quero saber o que significa. — Amy percebeu que Dan tinha perdido o pique. Ele tirou do bolso de trás uma caixa de balas e jogou umas vinte na boca, ruminando devagar.

— Se a gente conseguir pelo menos entrar no palácio... Eu sei o que o NRR está Falando sobre Rasputin. Lá dentro tem uma reconstituição de quando tentaram matar ele, as coisas que eu te contei — continuou Amy.

— Acho que preciso ver isso! — Embora relutante, Dan se empolgou outra vez ao pensar num monge imortal.

Amy sorriu:

— Certo! Agora só temos que encontrar uma cobra pra seguir



Eram quase 11 da noite quando Dan e Amy chegaram ao palácio Iusupov. As coisas estavam começando a se acalmar às margens tranquilas do Moika, um rio que corria em frente ao palácio amarelo e bronco de três andares. Uns poucos pedestres passeavam aqui e ali, seguindo a grade na beira do rio, mas, tirando isso, o lugar estava deserto.

O palácio Iusupov se estendia com trinta janelas escuras em cada andar, todas com vista para o Moika. A entrada era uma arcada gigante bem no centro do palácio, e havia três colunas brancas e altas de cada lado da porta.

— Algo me diz que a porta não vai estar aberta — disse Dan. — Será que a gente tenta uma janela?

Amy percorreu a frente do palácio, à procura qualquer coisa que lembrasse uma cobra.

— Amy! — Dan chamou. Ele tinha atravessado a rua para olhar melhor o rio estreito. Só uns vinte metros o separavam da outra margem, onde prédios e casas cheios de janelas se enfileiravam numa rua parecida com aquela em que ele estava.

Amy chegou perto de Dan e olhou para a água preta.

— Está vendo? — perguntou Dan.

— Vendo o quê?

Dan apontou para o meio do rio, onde urna cobra laranja brilhante dançava na água luzidia. Era pequena, não mais que 30 centímetros de comprimento. Dan seguiu um raio laser que subia pela outra margem do rio. Ali, numa das janelas, achou o que estava procurando: a sombra de alguém numa sala muito acima da água, apontando um laser pela janela.

— Está se mexendo — Amy percebeu. E de fato, quando Dan olhou para baixo outra vez, a cobra laranja estava serpenteando na água, vindo na direção deles.

— Isso é sinistro — disse Amy. — Mas é legal. É o tipo de dica que ninguém mais pode achar. Quando sumir, sumiu. Se conseguirmos seguir a cobra e entrar no palácio, nenhuma outra pessoa vai saber o que procurar.

A cobra laranja tinha alcançado a parede do cais, e Dan e Amy precisaram se debruçar na grade para vê-la saindo da água entre as placas de concreto. Quando a cobra chegou mais perto, eles perceberam que não era um raio laser qualquer. O raio se mexia mil vezes por segundo, criando um holograma bidimensional de uma cobra que rastejava nas pedras.

— Esse NRR tem uns brinquedos legais — disse Dan enquanto a cobra passava pela grade e alcançava a parede do palácio atrás deles.

— A cobra pulou para a rua! — exclamou Amy. — Vamos perdê-la!

A cobra agora estava avançando mais depressa. Passou voando pela porta principal, seguiu uma fileira de janelas, depois escalou a parede até o segundo andar. Quando alcançou a terceira janela a partir da ponta, rastejou para a frente e para trás no parapeito.

Amy olhou para trás de relance, na direção da janela do outro lado do rio. Ficava nervosa ao pensar que provavelmente havia alguém observando os dois com um binóculo.

— Vamos — sussurrou Amy, voltando a atenção novamente para o palácio. — Aposto que é por essa janela que a gente tem que entrar.

Dan e Amy se posicionaram embaixo da janela, que ficava mais de três metros acima da cabeça deles. A parede do palácio era lisa como uma panqueca.

— Nem o Homem-Aranha ia conseguir escalar essa coisa — disse Dan.

— Ah, ia sim — discordou Amy.

A cobra laranja subiu mais um andar, onde uma terceira fileira de janelas se estendia acima da fachada decorativa. Quando a cobra parou, eles ouviram um estouro do outro lado do rio. Uma fração de segundo depois, algo atingiu a fachada e voaram faíscas.

— Essa coisa está conectada a um revólver! — exclamou Amy.

— Não é um revólver — Dan corrigiu. — Um revólver faria muito mais barulho. Olhe!

Uma corda enrolada caíra de onde antes estivera a cobra. O cordão se desenrolou, descendo rente à parede, e ficou balançando, passando bem por cima da janela onde eles tinham que entrar.

— Que legal! — exclamou Dan.

— Dan, espere! — gritou Amy. Ela ouviu um casal conversando enquanto passava a pé, e os faróis de um carro vinham na direção deles.

— Aja com naturalidade — disse Amy. — Finja que essa corda não existe.

Dan e Amy começaram a se afastar até passarem pelo casal, cumprimentando-os com a cabeça enquanto andavam. O carro também seguiu caminho.

— Hã, Amy — disse Dan.

— Que foi?

— Acho que o NRR quer que a gente suba por essa corda imediatamente.

Dan estava olhando para o próprio coração, onde a cobra laranja agora repousava:

— A barra deve estar limpa. A visão dele lá de cima é muito melhor que a nossa daqui. Vamos!

Amy foi primeiro, segurando a corda enquanto escalava a parede até o vasto peitoril da janela:

— Depressa, Dan!

Ela empurrou a janela, que abriu girando nas dobradiças, como uma porta, e entrou rapidamente, pondo a cabeça do lado de fora para vigiar os carros enquanto Dan também escalava.

— Faróis! — ela disse, agarrando Dan pelo capuz e puxando-o para dentro. Dan perdeu o equilíbrio e caiu de mau jeito no chão de mármore, dando uma cacetada no joelho e urrando de dor.

— Xiu! — cochichou Amy, fechando a janela atrás deles. — Talvez tenha seguranças no palácio.

— Não é culpa minha, foi você que tentou quebrar meu pescoço me puxando pra dentro!

Dan ficou de pé e experimentou forçar o joelho:

— Vai ficar com um roxo enorme, mas está tudo funcionando. Aonde vamos agora?

— Para o salão principal, na ala leste. Por aqui. Amy já tinha consultado o guia turístico e descoberto mais ou menos onde ficava a reconstituição da

morte de Rasputin. Eles passaram por salas escuras, cheias de objetos de arte e móveis caros.

— Pelo jeito essa realeza gostava de coisas chiques — disse Dan.

— Os Iusupov eram conhecidos por seu bom gosto. Gastaram milhões em redecoração e reconstrução.

Enquanto eles desciam uma larga escadaria com carpete roxo, Amy ouviu uma batida atrás deles.

— Você ouviu isso? — ela perguntou.

— Acho que alguém seguiu a gente e entrou aqui. Depressa!

Amy e Dan desceram a escada correndo e viraram à direita. Passaram por uma arcada alta e tomaram a esquerda, parando em frente a um corredor isolado por uma corda.

— É aqui — disse Amy. Ela se agachou para passar por baixo da corda e Dan foi atrás. Eles viraram outra vez à esquerda e chegaram a um salão aberto, mal iluminado.

Era como se tivessem voltado no tempo para testemunhar um assassinato. Todos os detalhes da noite em que Rasputin foi morto tinham sido meticulosamente reconstituídos. Havia esculturas e quadros e, o melhor de tudo, duas salas com figuras de cera em tamanho natural.

— Olha, lá está ele — mostrou Amy. Em uma sala por atrás de uma corda amarela, Rasputin estava sentado à mesa, comendo os bolos envenenados dispostos diante dele.

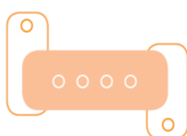
— Vamos, Dan. A dica aponta para Rasputin. Vou conferir os bolsos dele.

— Vou olhar embaixo da mesa.

Amy tomou coragem e enfiou a mão na grossa túnica preta, seu rosto a poucos centímetros da cabeça de cera de Rasputin com sua barba cheia e seus olhos fixos, penetrantes.

Uma voz grossa falou atrás dela com um sotaque russo:

— Vocês cometeram um grave engano ao vir aqui.



Dan, que estava embaixo da mesa, tentou ficar de pé e bateu a cabeça, fazendo pires e xícaras tilintarem na sala silenciosa.

— Saiam daí, vocês dois.

Dan reconheceu a voz na mesma hora:

— Irina! O que você está fazendo aqui?

— Duas crianças não vão me passar a perna no meu próprio país.

Dan olhou para Amy e tentou, sem muito sucesso, ler o rosto apavorado da irmã. Conseguiu pegar alguma coisa?

— Vamos, me mostre o que você encontrou — mandou Trina. — Não pretendo machucar você.

Mesmo na penumbra, Dan percebeu que Irina estava mal-humorada, como sempre. *Ele não confiava nela nem por um segundo.*

— Se você não se importa, acho que vamos ficar aqui mesmo — retrucou Amy.

— Façam como quiser. Mas vocês não vão embora sem responder a algumas perguntas. E você vai me dar essa coisa que encontrou.

Dan não estava com o mapa que NRR lhes dera e ficou se perguntando quando Amy ia entregá-lo para Trina, O que ela está esperando?

— Quem está ajudando vocês? — perguntou Irina. Ela ficou brincando com as unhas de propósito, e Dan fez uma careta de medo quando se lembrou do veneno que continham.

— Ninguém está ajudando a gente. Só somos mais espertos que você — disse Dan, de olho na irmã petrificada.

— Vocês acham que eu não vi a cobra? Acham que não ouvi tudo o que vocês disseram no trem de Volgogrado? Você não é tão esperto assim, rapazinho.

Dan levou um susto. Ela está nos seguindo desde Volgogrado?!

— Vocês acreditam que tem alguém tentando ajudar vocês? *Ridículo!* — continuou Irina. — É uma armadilha! Se vocês insistirem nesse jogo, só vão causar um desastre. Essa pessoa que vocês estão seguindo vai matar vocês assim que tiverem feito o que ela quer.

*Assim como você tentou matar a gente em Paris?,* pensou Dan. Ele avistou uma faca de manteiga na mesa e imaginou se adiantaria alguma coisa conseguir alcançá-la. Se ao menos ele soubesse uns golpes de ninja de verdade.

— Vou perguntar outra vez. Quem está ajudando vocês?

— Toma. — Amy entregou o mapa, finalmente saindo do transe. — Foi isso que a gente acabou de achar. Pode pegar pra você. Ainda nem olhei. Mas será que você pode pelo menos compartilhar as informações?

Irina arrancou o papel da mão de Amy e o abriu sob a luz fraca da sala. Soltou um chiado de fúria.

— É pior do que eu pensava — ela advertiu, fixando nas crianças seus olhos árticos. — Vocês dois correm um grande perigo. Precisam acreditar em mim. Digam! Quem está ajudando vocês?!

Por um instante, Dan quase acreditou. É claro que não podia confiar em Irina, no entanto... algo no rosto dela sugeria um tipo diferente de angústia.

O instante passou num piscar de olhos, e Irina voltou a exibir seu rosto sisudo de sempre. Deu um passo na direção de Dan e Amy e curvou a mão, com as agulhas das unhas reluzindo em ameaça.

—Ele não disse o nome dele — respondeu Dan. — Só estamos seguindo uma dica. Mas se você não mostrar esse papel pra gente, está tudo acabado. Vamos perder a pista. Só diz pra gente o que está escrito aí e vamos embora!

Irina parecia quase satisfeita:

— Se essa pessoa contatar vocês de novo, não deem ouvidos. Ele vai matar vocês no fim. Vocês precisam ir embora da Rússia e não voltar nunca mais. Se não acreditam em mim, não é culpa minha. Mas será a morte de vocês.

Irina andou para trás, enfiando o mapa no casaco:

— Vamos logo, vocês dois. Marchem!

Dan e Amy saíram apressados da sala, com Irina logo atrás. Ela latiu instruções até chegarem à entrada principal. A russa digitou um código no celular, aproximou o aparelho de um alarme eletrônico na parede, e a enorme porta de madeira se abriu com um estalo. Ela conduziu Dan e Amy para a noite fria lá fora.

Na rua, Irina hesitou, mas depois pareceu tomar uma decisão:

— Esse mapa leva a segredos que, para protegê-los, algumas pessoas seriam capazes de matar — explicou Trina. Ela fechou a porta e começou a se afastar deles. — Vão agora, vivos. Algum dia vocês vão me agradecer.

Dan e Amy observaram boquiabertos Trina partir, sentindo-se como dois peixinhos que viram passar um grande tubarão-branco. Então, voltaram a si e seguiram apressados na direção contrária do canal. Quando Dan teve certeza de que Irina não estava mais por perto, pôs a mão rio braço de Amy:

— Você achou o que o NRR queria que a gente achasse?

Ele prendeu o fôlego. Se Amy não tivesse descoberto nada escondido em Rasputin, eles estariam num beco sem saída.

— Achei — respondeu Amy. — E não é só isso. Tinha uma coisa naquela reconstituição que me deixou muito intrigada. Acho que estamos um passo mais perto de descobrir quem é NRR.

Amy enfiou a mão no bolso e tirou a próxima peça do quebra-cabeça.

# CAPÍTULO 7

AMY NÃO FAZIA QUESTÃO DE LUXO, MAS OS RUSSOS LEVAVAM A decadência a um novo patamar. Por isso, acabou aceitando a sugestão de Dan.

— Como foi que eu deixei você me convencer? — ela perguntou, olhando para um plano de cauda no meio da suíte de hotel onde eles estavam. Eles tinham se arriscado e tomado um táxi. Dan tinha mostrado seu cartão gold para o motorista e dito: "Leva a gente pro melhor hotel de São Petersburgo".

Eles tinham chegado ao Grand Hotel Europe, um dos hotéis mais chiques de toda a Rússia. Mas quando entraram na suíte cuja diária custava 2 mil dólares, Dan decidiu que os aposentos não estavam a sua altura.

— Que roubo! Sessenta e oito mil rublos e não tem máquina de fliperama?

Dan correu de cômodo em cômodo, passando por móveis e quadros caros:

— Não tem nem TV de tela pIana nem máquina de refri!

— Tem duas boas camas grandes e serviço de quarto ilimitado. Pra mim está tudo certo — disse Amy, esfregando entre os dedos um pequeno objeto. Era o que ela tinha encontrado no bolso de Rasputin no palácio: uma ficha retangular de madeira, pintada com um brasão de armas e algumas palavras.




Ela entendeu as palavras na hora, uma referência a um de seus livros favoritos. *Criminosos* não serão *castigados* aqui só podia estar relacionado ao clássico *Crime e castigo*, de Dostoiévski. Amy gostava de livros grandes e tramas intermináveis, e aquele era um tijolo.

Dan, com seu olho de lince e sua memória incrível, reconheceu o brasão de armas. O guia da Rússia tinha uma seção inteira de heráldica. Ele identificou aquele como o brasão de Omsk, o lugar para onde os Holt estavam indo. Pena que eles estavam sendo seguidos pelos Kabra.

Amy tirou do bolso o celular de Nellie com o carregador e procurou uma tomada. Eles tinham estado ocupados demais para entrar em contato com ela e fazia horas que o estômago de Amy estava se revirando com um sentimento crescente de culpa:

— Não acredito que a gente deixou ela ficar preocupada o dia e a noite inteiros. Ela deve achar que ainda estamos procurando rosquinhas no Cairo.

Quando ela olhou de relance para trás, viu que Dan estava Falando no telefone do hotel, ligando para o serviço de quarto. Havia um gigantesco cardápio bilíngue aberto em seu colo. Amy balançou a cabeça para os lados

enquanto plugava o telefone na tomada e via a telinha fazer sua dança de abertura.

— Também não tem sanduíche de manteiga de amendoim no cardápio? Comida de gente rica é tão sem graça! — reclamou Dan. Ele também tinha pedido refrigerante, cookies com gotas de chocolate e anéis de cebola empanados.

— Estou ligando pra Nellie — Amy interrompeu. — Quer participar da conversa?

— Peraí — disse Dan. Ele desligou o telefone, pegou o laptop e o cabo da bateria e sentou junto com Amy no chão. Ficaram um do lado do outro, com a tomada entre os dois.

— Todos esses móveis bonitos e a gente senta no chão. Qual é nosso problema? — perguntou Amy.

— Acho que não somos muito bons em viver com estilo. Ainda bem. Não quero acabar ficando que nem os Cobra.

Amy não pôde deixar de pensar que Dan tinha caído bem rápido no encanto do cartão dourado:

— Dan, olha isso. Tem mensagens.

A luz verde do correio de voz piscou no telefone de Nellie. Amy apertou o botão OUVIR e ativou o viva-voz.

— *Você tem sete novas mensagens* — anunciou uma voz de mulher.

Amy apertou a tecla 7 e começou a escutar a primeira mensagem, mas a ligação estava ruim e eles não conseguiram entender tudo.

— Se vocês... ME LIGUEM! Estão demorando muito... comprar essas rosquinhas. O número do hotel é... — O fim da mensagem tinha tanto ruído que eles não conseguiram decifrar o resto.

Havia mais cinco mensagens de qualidade igualmente ruim, todas de Nellie, sua voz ficando mais aflita a cada tentativa de falar com eles.

— Ela vai matar a gente — disse Dan.

— Nisso você tem razão — concordou Amy.

Ela apertou a tecla para ouvir a última mensagem. Não era de Nellie.

— Ligue para reportar a situação — sussurrou uma voz de homem. Não recebemos seu contato.

Dan e Amy se entreolharam.

— Você sabe quem era? — perguntou Amy. — Nunca ouvi essa voz, você já?

— Não. — Dan balançou a cabeça com força, como se tentando afugentar um pensamento ruim. Eles ficaram se olhando por um instante, e, então, Amy mudou deliberadamente de assunto.

— Espero que Nellie esteja bem. Estou preocupada com ela.

— Como será que está o Saladin? — perguntou Dan, com um quê de apreensão na voz.

— Vamos mandar um e-mail em vez de telefonar — sugeriu Amy. .— Só pra ela saber que a gente está bem. Assim não precisamos ficar com medo de ela ter um chilique. Não sei se eu ia conseguir lidar com isso agora.

— E vamos falar pra ela tomar conta do Saladin — disse Dan.

Eles entraram na internet e acharam uma série de e-mails de Nellie, bem parecidos com as mensagens que ela tinha deixado. Ela tomou o cuidado de informar que Saladin estava passando bem, jantando peixe fresco de um mercado do Cairo e tirando longos cochilos no quarto do hotel.

— Está vendo? — disse Amy, — O Saladin está ótimo.

Amy pegou o laptop e digitou uma breve mensagem.

*Querida Nellie, achamos uma dica que não podíamos deixar passar. De uma hora pra outra tivemos que vir pra Rússia. Tudo aconteceu muito rápido. Sabemos que você provavelmente não pode vir buscar a gente, mas não se preocupe, estamos bem. Por equanto, nenhum problema. Por favor tome conta do Saladin. Prometemos entrar em contato amanhã de manhã. Não fique preocupada, estamos bem! Amy e Dan.*

— Que tal? — perguntou Amy.

— Acho que dá pro gasto. Mande.

Amy clicou em ENVIAR. Pelo menos Nellie ia saber que eles não estavam mortos.

— A gente devia mandar alguma coisa pro Hamilton também, não acha? — perguntou Dan.

Amy quase tinha esquecido. É claro Os indícios agora apontavam para a Sibéria, bem onde Hamilton Holt chegaria de manhãzinha pela ferrovia Transiberiana.

Ela começou a digitar uma mensagem enquanto Dan pegava na mochila deles o e-mail de Hamilton.

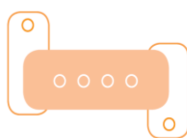
*Hamilton, é sua vez. Encontramos a próxima dica, que aponta bem pro lugar aonde vocês estão indo. Quando chegarem a. Omsk, procurem uma estátua de Dostoiévski. É um escritor russo famoso, por isso se você sair perguntando não deve ser difícil de encontrar o importante é o seguinte: vocês têm que descobrir para o que e Dostoiévski está olhando. Sigam os olhos dele Para o que ele estiver olhando é o próximo passo na nossa busca. Imaginamos que a dica vai apontar de volta para nós. Vamos continuar frente à frente dos adversários! Ligue pro nosso celular quando tiver descoberto. Amy e Dan.*

— Está tocando — disse Dan. O telefone de Nellie estava vibrando de leve no chão acarpetado. Ele olhou para a tela.

— Deve ser a Nellie. Ela devia estar sentada na frente de um computador, só esperando a gente entrar em contato. Isso é bom, né?

Porém, Amy não tinha tanta certeza. Estava exausta. A voz sussurrante no telefone de Nellie parecia persegui-la. *Ligue para reportar a situação. Não recebemos seu contato.*

— Deixa tocar — ela disse. — Vamos dormir um pouco.



Quando Dan acordou, Amy tinha sumido. Por um breve instante ele surtou, correndo de um cômodo para o outro até ver o bilhete colado na cabeceira da cama.

*Saí pra arranjar umas roupas novas pra gente no saguão do hotel. As nossas estão ficando nojentas. Volto rapidinho. Peça o café da manhã, seu dorminhoco.*

Dan deu um enorme suspiro de alívio. Olhando para o relógio, viu que já passava das 9 da manhã. Fez um breve cálculo mental. De acordo com NRR,

só restavam dez horas antes que "a sala se fechasse", fosse lá o que isso significasse.

Quando Amy voltou do saguão com duas sacolas de compras, Dan já tinha tomado banho e feito um imenso pedido para o serviço de quarto. Saiu do banheiro numa nuvem de vapor, usando um roupão de banho branco e felpudo e calçando pantufas.

— A gente podia ficar com essas coisas dessa vez — disse Dan. Suas palavras saíam distorcidas pela espuma, enquanto ele escovava os dentes com uma escova que era cortesia do hotel.

— Se tivesse lugar na mochila, quem sabe. Veja se Hamilton Holt respondeu nosso e-mail.

— Hmm, será que ele sabe escrever? — Dan deu risada.

— Bom, agora não tem como a gente se livrar dele — disse Amy, procurando alguma coisa para vestir nas sacolas. — Melhor aproveitar o que for possível.

Dan jogou a escova na pia e foi fuçar nas sacolas de roupas junto com Amy.

— Tem umas lojas bem legais lá embaixo. Pus tudo na conta do quarto. — Amy sorriu. — Estou começando a aprender como se faz.

Amy tinha comprado de tudo, desde roupa de baixo até jeans e camisetas novas. Cada um foi para o seu quarto, se vestiram depressa e se encontraram na entrada da suíte quando o serviço de quarto chegou.

— Você pega o laptop — disse Dan. — Eu vou pegar a comida.

Eles devoraram montanhas de panquecas fumegantes com xícaras de chocolate quente e foram tomados por uma sensação de boa sorte. Estavam bem descansados, bem alimentados, bem-vestidos. Mais preparados do que nunca para dez horas de aventura. Enquanto eles comiam, Dan checou o e-mail. Deu tanta risada que cuspiu um naco de panqueca no prato de Amy.

— Que nojo! — ela gritou, mas também riu. Deu um peteleco na bolota de panqueca mastigada e perguntou qual era a graça.

— Recebemos um e-mail do Hamilton. Olha isso.

Dan virou o laptop para que Amy pudesse ver a tela. Havia uma foto dos Holt parados em frente à estação de trem de Omsk. Estavam todos vestindo

parcas gigantescas e sorrindo de orelha a orelha. Pareciam uma equipe de ginastas avantajados, prestes a esquiar montanha abaixo na calada do inverno. Tirando o fato de que o sol brilhava no céu, e todos em volta deles vestiam roupas mais leves. Embaixo da foto estava a resposta de Hamilton ao e-mail deles da noite anterior:

*Minha mãe fez a gente vestir essa roupa imbecil pra tirar uma foto de família. Disse que daria um ótimo cartão de Natal. Enfim... Não está tão frio na Sibéria. Nessa época do ano, por isso a gente dispensou as jaquetas. Meu pai saiu pra procurar tortinhas de carne, minha mãe e as gêmeas estão procurando um banheiro. O sinal acaba de voltar no meu laptop. É bem instável aqui na tundra, ha. ha, mas recebi sua mensagem. Estou num cibercafé. Não foi difícil descobrir como chegar nessa. estátua do Dostrovinski. Estranho o nome desse cara, mas isso ajudou, porque alguém aqui no café já me disse onde fica. Dei sorte, é bem perto daqui. Vou ver pra onde o cara está olhando e retorno pra vocês. O sinal do celular está meio ruim, mas quando eu sair de novo na rua talvez aumente uma barrinha. ou duas. A busca continua — Hammer.*

— Hammer? — disse Dan. — Isso é brincadeira, né?

— Deve ser um apelido de família.

Dan enfiou na boca um pedação de panqueca e ergueu o garfo bem alto:

— Cuidado, meus caros concorrentes: o Hammer está na área!

Ambos estavam dando risada quando ouviram o telefone de Nellie vibrar outra vez.

— Acho que dessa vez é melhor a gente atender. — disse Dan, quase sem fôlego de tanto rir.

Amy andou até a mesa e pegou o telefone. Número desconhecido. Decidiu que era hora de ter uma conversinha.

— Alô? — Amy atendeu.

— Amy? É você, Amy? — A voz emocionada de Nellie inundou a linha. Ela parecia felicíssima.

— *Sou eu, estamos bem!* — *respondeu Amy.*

— *Yes, yes,* YES! O Dan está aí? ELE TÁ BEM?

— O Dan está bem, a não ser que exploda de tanto comer panquecas.

— Eu estava MORRENDO de preocupação — afirmou Nellie. — E o Saladin não para de choramingar. Está com saudade de vocês. Não acredito que vocês estão na Rússia. PARECE BRINCADEIRA! Como isso foi acontecer?

— Como está o Saladin? — perguntou Dan.

Amy afastou o irmão com um gesto enquanto Nellie continuava sua ladainha:

— Não sei o que deu em vocês dois! NÃO SAIAM DO LUGAR enquanto eu não chegar aí. Já peguei um voo pra Moscou. Onde exatamente vocês estão?

Amy tentou fazer a conta de cabeça... de Moscou para São Petersburgo... provavelmente uma noite inteira de trem. Era muito tempo para eles ficarem esperando.

— Estamos em São Petersburgo, mas temos que continuar seguindo em frente, Nellie — disse Amy. — Essa nossa caçada tem um limite de tempo. Não dá pra gente ficar aqui sentado o dia inteiro sem fazer nada.

Tinha outra pessoa ligando. Era Hamilton Holt. Ouça, Nellie, preciso ir. Vá pra Moscou, nós ligamos pra você assim que pudermos. Aguenta firme.

— NEM SONHANDO! Fiquem onde...

Amy apertou uma tecla e atendeu a outra chamada. Hamilton começou a berrar no telefone, tão alto que Dan escutou do outro lado do quarto.

— Estou vendo! Estou vendo o que esse tal autor está olhando!

—Bom trabalho, Hamilton! O que é? O que ele está olhando?

Dan ficou bem do lado de Amy para ouvir também.

— Pai! Deixa comigo!

Parecia que Eisenhower Holt estava tentando pegar o telefone. Amy ouviu Mary-Todd gritar alguma coisa no fundo:

— Ei! Solta essa jaqueta!

Reagan e Madison estavam urrando em algum lugar ali perto.

— Ele está olhando pro chão! — berrou Hamilton. — O chão é todo de tijolo e um deles tem uma coisa escrita. Está escrito...

— Hamilton? O que está escrito?

— Está escrito "Quarto de brinquedos de Alexei", e tem um símbolo aqui, parece uma pedra preciosa de seis lados.

— Você não contou pros Kabra, né?

— Para aqueles perdedores? De jeito nenhum — disse Hamilton.

— Ótimo trabalho, Hamilton! Você conseguiu! Hã... aguarde novas instruções.

— Beleza... Pai! Ei, pai! Isso está ficando TOTALMENTE fora de controle Hammer Holt, câmbio e desligo!

O telefone ficou mudo e Amy correu até o outro lado do quarto para pegar o guia turístico.

— Isso confirma minhas suspeitas — disse Amy, folheando as página procurando, procurando, procurando...

Ela ergueu para Dan seus olhos brilhantes:

— Pegue a mocha. Vamos visitar uma vila real!

# CAPÍTULO 8

— TEMOS UMA TAXA DE 1.000 RUBLOS SOBRE CARTÕES AMERICANOS — explicou o caixa. Mil rublos eram cerca de 30 dólares, o que para Amy parecia muito. Por outro lado, o dinheiro era de NRR, não dela, e eles tinham acabado de gastar mais de 2 mil dólares na conta do hotel.

— Pode ser — respondeu Dan. — Ah, e aproveita e pega mais 1.000 de gorjeta pra você. Vou pegar 100 mil pra mim, se couber no cartão. Estou gastando a minha grana que nem água. Já devo estar quase no limite do cartão de crédito.

Dan deu risada, como se não ligasse para dinheiro, mas Amy sabia a verdade. Quando moravam nos Estados Unidos, eles tinham que controlar cada centavo.

— Ahhh, bom pro senhor — disse o homem, de repente virando o melhor amigo de Dan. — Em dólares americanos o senhor tem um saldo de 6 mil. O cartão tem 44 mil disponíveis. Mas o senhor sabe o limite do seu crédito, é claro.

— QUARENTA E QUATRO MIL! — Dan engasgou de susto, depois pediu mais uns 100 mil rublos, só para garantir. Ele se aproximou de Amy e

sussurrou: “Se ele pagar a gente em moeda, não vou conseguir carregar a mochila”.

O caixa contou as notas. A pilha, valendo cerca de 7.500 dólares americanos, era tão alta que oscilava de um lado para o outro quando ele pôs os últimos 1.000 rublos. Dan ficou com os olhos esbugalhados e deu mais 1.000 rublos de gorjeta para o caixa.

— Muita gentileza, senhor, muita generosidade. Obrigado! Desejo a você e a sua jovem amiga um bom dia.

O queixo de Amy caiu quando ela percebeu que, disfarçado, Dan provavelmente parecia muito mais velho que ela.

— Ele não é mais velho que eu! — disse sem pensar.

Dan deu um sorrisinho e chegou mais perto do caixa:

— Sabe como é, irmãs caçulas são bem sensíveis. Ela está impossível.

— Vai zoando, amigo — Amy resmungou. — Eu tiro esse bigode falso da sua cara de trouxa.

Assim que eles saíram do hotel e foram para a rua, Amy cobriu Dan de perguntas:

— Pra que você quer tanto dinheiro, afinal?

— Tenho um plano.

— Um plano? Você está comendo tanto doce que seu cérebro está virando caramelo. — Ficar andando com aquela grana toda a deixava nervosa.

— Olha, parece a solução perfeita para nossas necessidades — disse Dan.

Dan estava observando um homem de meia-idade sair de um carro. Era o menor carro que Amy já tinha visto, na verdade mais parecia um kart. E era azul, o que a deixou apreensiva: azul era a cor favorita de Dan.

— Hora de começar minha coleção de carros! — exclamou Dan. — Vamos. Isso vai ser muito louco!

— Você é muito mais imbecil do que eu pensava — ralhou Amy. — E olha que eu já te achava bem tonto. Você lembra que nenhum de nós dois sabe dirigir?

Dan atravessou a rua correndo e chamou o homem. O sujeito era careca feito uma batata, com manchas na gravata e jeito de que estava atrasado para alguma coisa importante.

— Quanto você quer pelo carro? — perguntou Dan. — Estou com pressa e tenho dinheiro.

O homem olhou de relance para Dan, viu como ele era pequeno e deu uma risada de desprezo:

— Americanos idiotas! Volta pra casa!

— Está vendo essa mochila? — Dan foi atrás do homem. — Está cheia de dinheiro vivo! Estou Falando sério!

O homem pareceu não aguentar de curiosidade e virou de costas:

— Quanto tem na mochila? O Tiny Tim não é barato.

*Tiny Tim?!,* pensou Amy.

— Peraí! Tiny Tim não aquele cantor ame... — ela começou a dizer.

— Tem o suficiente — disse Dan, Falando mais alto que a irmã. — Eu te dou, hã, vejamos... que tal 20 mil rublos?

Amy deu um gritinho que pareceu uma tossida, como se tivesse uma bola de pelos entalada na garganta. A ideia de gastar 20 mil em qualquer moeda era inadmissível.

— Trinta — retrucou o homem, mexendo na gravata e olhando de lado para Dan.

Dan pescou notas dentro da mochila.

— Você sabe dirigir carro de Rússia? — perguntou o homem, abrindo um sorriso enorme. — Eu mostro!

Dan retribuiu o sorriso:

— Negócio fechado.

Poucos minutos depois, o senhor de cabeça de batata tinha embolsado seus 30 mil rublos, exultante de alegria, e levado Dan e Arny para um rápido passeio no Tiny Tim. Não era muito maior que uma geladeira e só tinha duas marchas: lenta e rápida.

— Deixa a câmbio pra cima até Tiny chegar no 40, depois abaixa, assim. — O homem agarrou a alavanca do câmbio e puxou uns 30 centímetros. — Agora... como diz... ebrenagem?

— *Embreagem* — corrigiu Amy, parecendo mais interessada no Tiny Tim.

— Sua irmãzinha é mal-educado — disse o homem.

— Falou e disse — concordou Dan, passando os dedos na barbicha falsa. Amy achou que fosse explodir.

O homem apontou para os pedais no chão, em frente ao banco do motorista:

— Esta breco, esta acelera. Fácil!

— Parece bem simples — disse Dan. Amy ainda não acreditava que eles tinham acabado de comprar um kart fantasiado de carro.

— Estou atrasado — falou o homem, apalpando o bolso para garantir que o dinheiro ainda estava ali.

— Tomar cuidado. Tiny é mais rápido que parece. Vai transformar você em homem. *Da svidania!*

— Cara, eu vou dirigir essa coisa agora — disse Dan. Amy rangeu os dentes. Odiava quando ele a chamava de "cara". Não fazia absolutamente nenhum sentido.

Dan sorriu:

— Temos uma pá de dinheiro e nosso próprio carro! É incrível.

— É — concordou Amy. — Incrivelmente idiota.

Dan parecia magoado:

— Não é idiota. Toda vez que a gente usa o cartão, o NRR pode rastrear a gente. Agora somos como que os foragidos... só temos dinheiro vivo e nosso próprio veículo maneiro. Não tem como nos rastrear.

Amy tinha que admitir que aquilo era verdade, mas de jeito nenhum ia sair passeando pela Rússia com o irmão de 11 anos como chofer.

— Passa pra lá, Riquinho. Eu quase tenho idade pra tirar carteira de motorista. Posso dirigir.

Dan reclamou até o bigode cair do rosto, mas Amy não saiu do lugar. Instalou-se no banco do motorista, com os nervos já começando a ficar em frangalhos.

Dan voltou à ofensiva:

— Tem certeza absoluta de que você consegue fazer isso? Eu tenho experiência nas ruas da Rússia. Talvez fosse melhor você deixar o profi...

— Fecha essa matraca e deixa eu me concentrar, pode ser?

— Ah, lógico, você parece mesmo muito pronta pra dirigir — disse Dan, afivelando na cintura o velho cinto de segurança.

Aquilo foi a gota d'água. Amy estava farta. Virou a chave na ignição e o escapamento cuspiu uma nuvem de fumaça. O motor roncou e sacudiu, como se o carro não quisesse outra coisa além de sair costurando o trânsito.

— Certo — disse Amy, respirando fundo e pondo o pé no pedal. — Lá se vão 30 mil rublos.

Tiny Tim foi se arrastando próximo ao meio-fio a cerca de 5 quilômetros por hora, até Amy pegar o jeito e acelerar para 15. Não demorou muito para ela chegar aos 30.

— Você gosta do Tiny Tim, não gosta? — perguntou Dan. — Vamos, deixa eu dirigir. Por favor?

— Vai ficar na vontade, cara — respondeu Amy. — Comece a explicar o caminho e não me distraia.

Dan resmungou, mas encontrou o mapa surrado de São Petersburgo no guia turístico. Um sorriso brotou no rosto de Amy. Quando o velocímetro atingiu os 40, ela baixou a alavanca do câmbio e Tiny Tim deu uma arrancada, com um ronco forte.

— Nossa! Essa coisa é potente! — Amy se surpreendeu.

Tiny Tim sacudia enquanto Amy tentava encontrar o pedal do freio.

— Amy — disse Dan. — Você viu o poste, né? AMY!

Ela girou o voIante com força para a esquerda, quase raspando na calçada.

— C-c-calma, TinyTim! — berrou Amy. Ela finalmente encontrou o pedal do freio, apertando de leve algumas vezes e tomando controle do carro.

— Acho que estou pegando o jeito — ela disse.

Amy olhou de reIance para Dan. Ele parecia tão desconsolado como na vez em que a tia Beatrice confiscara sua coleção de armas marciais. No entanto, ele continuou indicando o caminho, obediente, fazendo perguntas enquanto isso.

— Me diz outra vez por que estamos indo pra essa Vila Royal.

— É Vila Real. Na Rússia é chamada de Tsarskoie Selo, a Vila do Czar. É onde os Romanov passavam as férias.

— E por que mesmo a gente se importa com os Romanov? — perguntou Dan.

— Eles foram a última família real da Rússia. Era sobre eles que Rasputin tinha muita influência.

Amy estava seguindo uma rodovia comprida, a uns 60 por hora. Enquanto eles avançavam na direção da Vila do Czar, ela contou a Dan tudo sobre a última família real da Rússia. Narrou como eles tinham sido destronados, banidos da cidade e condenados a confinamento na Vila. Um dia eram a família mais poderosa da Rússia, no dia seguinte eram prisioneiros. Amy se interessava especialmente pela jovem grã-duquesa Anastácia. Tudo o que Amy tinha lido sobre ela era fantástico. Anastácia havia sido criada como uma menina normal, não como parte da realeza, e era excepcionalmente encantadora,Também era uma menina muito atrevida, sempre pregando peças nos professores e amigos.

— Ela gostava de aprontar todo tipo de brincadeira. Dizem que era ótima de escalar árvores altas. Quando subia numa árvore, era difícil convencê-la a descer.

— Parece fazer o meu tipo — disse Dan.

— Mas ela morreu de um jeito terrível. Foi assassinada, Dan. Todos eles foram. O irmão dela, Alexei, e as três irmãs e os pais. Foi um esquadrão de fuzilamento, com balas voando pra todo lado, ricocheteando nas paredes. Mas tem uma ponta de esperança, uma coisa que acho que está ligada a tudo isso. Muitas pessoas acham que Anastácia não morreu junto com o resto da família.

— Então quando ela morreu?

— Sei lá. Mas dizem que quando foram examinar o túmulo, anos depois, o corpo dela não estava lá.

—Legal!

— Sabe o que eu acho? Acho que Rasputin era um Cahill. Acho que ele tentou salvar Alexei e Anastácia. Quem sabe deu pra eles essa tal coisa que o tornava tão difícil de matar. Primeiro para Alexei, para curá-lo da doença, depois para Anastácia, para salvá-la de um esquadrão de fuzilamento. Talvez eles não tenham conseguido matá-la.

Dan ficou em silêncio, com os olhos arregalados. Amy sabia que ele estava outra vez perdido em devaneios de super-herói.

*Super-Dan.* É só disso que eu preciso.

Eles continuaram a viagem em silêncio enquanto São Petersburgo desaparecia e a paisagem rural começava a dominar o cenário. Morros se erguiam dos dois lados do caminho e, com as janelas abertas, eles sentiam o cheiro do ar fresco.

— A Vila Real foi um dos últimos lugares onde Alexei e Anastácia brincaram, O quarto de brinquedos de Alexei era um de seus lugares favoritos do palácio. E vou te contar mais uma coisa. Bem antes de serem capturadas, Anastácia e suas irmãs esconderam seus pertences mais valiosos. Costuraram as joias nas roupas pra que ninguém pudesse encontrá-las.

— Como você sabe disso? — Dan virou para ela com um olhar cético. — Não me diga que esse guia turístico tem uma seção sobre como esconder objetos de valor.

— Wikipédia — explicou Amy. — Dei uma olhada enquanto você estava dormindo. Elas esconderam várias joias nas barras dos vestidos e das calças. Hamilton Holt disse que na estátua de Dostoiévski tinha uma pedra preciosa desenhada no tijolo, junto com as palavras Quarto de brinquedos de Alexei. Acho que a gente deve ficar de olho pra ver se tem alguma roupa nesse quarto de brinquedos. Aposto que é ali que vamos encontrar o que estamos procurando.

A Vila Real despontou no horizonte. Amy pisou no freio, trocando a marcha de Tiny Tim enquanto o barulhento veículo avançava mais devagar:

— Vamos deixar o Tiny o mais longe possível dos seguranças. Vai ser muito chato se ele for guinchado.

Eles estacionaram o carro e foram a pé, seguindo uma longa fileira de jardins e construções opulentas. Em toda parte havia exuberantes fontes brancas jorrando água e os vastos gramados estavam perfeitamente aparados.

— Até que é um bom lugar pra ser banido — disse Dan. — Não é exatamente uma cela de prisão.

— Nem fala disse Amy. A Vila Real era ainda mais espetacular do que ela tinha imaginado. As fotos que tinha visto não chegavam nem perto de dar a verdadeira dimensão dos intermináveis grumados e belas construções.

— Aquele é o Palácio de Catarina. — Amy apontou para um prédio que parecia se estender por mais de um quilômetro.

— Os russos gostam de casas compridas — reparou Dan. Ele achou que o Palácio de Catarina parecia uma casa de bonecas gigante. Era azul-claro e branco, com detalhes dourados, uns 15 metros de altura e 150 de comprimento.

— E aquele é o lugar para onde temos que ir. — Amy apontou para a longa fileira de jardins no centro da Vila Real. — O Palácio de Alexandre. Vamos, quem sabe a gente consegue entrar e sair logo.

O Palácio de Alexandre era totalmente diferente do de Catarina. Antigas colunas brancas de pedra erguiam-se diante de paredes amarelo-claras que pareciam se estender até o infinito, formando um enorme U. Atrás da rotatória da entrada havia um vasto gramado verde que levava a uma lagoa reluzente.

— Espero que você saiba aonde estamos indo — disse Dan. — Esse lugar é gigante. Pode demorar horas pra encontrar um quarto específico.

— Já pensei nisso — retrucou Amy.

Ela tirou do bolso um papel timbrado do hotel, cheio de anotações.

— De acordo com um blog de viagens que eu li, o quarto de brinquedos de Alexei fica no primeiro andar, na ala infantil. Podemos passar pela Sala Carmesim, que vai nos levar ao Salão de Mármore, depois ao Salão dos Retratos...

Amy continuou lendo em voz alta aquela elaborada indicação do caminho até eles chegarem à arcada frontal e entrarem no palácio. Um guia de uniforme cumprimentou os dois com a cabeça e sorriu.

— Você pode nos mostrar em que direção fica o quarto de brinquedos de Alexei? — perguntou Dan.

— Claro. — O homem virou e apontou para uma larga escadaria. — Subir ali, seguir corredor, virar na esquerda. É grande quarto.

Amy guardou as anotações e fez uma cara feia para Dan:

— Exibido.

Em poucos minutos, eles estavam parados na porta de um dos mais incríveis quartos de brinquedos que Amy já vira.

— Esse moleque vivia bem — comentou Dan. — Eu não ia sair daqui nunca, só pra comer e ir no banheiro.

O quarto de brinquedos de Alexei era um vasto espaço repleto de todo tipo de brinquedos artesanais. Havia uma tenda indígena em miniatura no centro, junto com duas canoas em tamanho infantil. Uma complexa ferrovia com trilhos que avançavam para todos os lados, um cão pastor gigante de pelúcia, veleiros e caixas de blocos de montar. Do teto, pendiam aviões e planadores. Casas de brinquedo forravam uma parede inteira.

— Não estou vendo roupa nenhuma, e você? — perguntou Amy. A sala tinha sido arrumada de modo a permitir que os visitantes atravessassem o meio do quarto seguindo um tapete vermelho estreito e saíssem do outro lado.

— Vamos — chamou Dan. — Vamos olhar mais de perto.

— Seus pais estar aqui?

Amy já estava com os nervos à flor da pele e levou um susto com a voz. Quando virou de costas, viu que o guia do andar de baixo os seguira até lá em cima.

— Não permitir crianças sem pais. É tentação pra mãozinhas.

Amy queria que Dan estivesse usando a barbicha, mas agora era tarde demais.

Dan olhou de relance para ela, depois começou a falar:

— Que porcaria de férias. Uma chatice. É muito azar o nosso, finalmente achamos uma coisa legal de verdade e não podemos entrar.

Amy rapidamente sacou a estratégia e colaborou:

— Nossos pais ainda estão no Palácio de Catarina, olhando pinturas. Que chato.

O guia pareceu entender:

— Meus filhos também gostar deste quarto.

— Você pode levar a gente aí dentro? — implorou Dan.

O guia deu uma olhada no corredor atrás de si. Ainda era cedo e o palácio estava relativamente vazio. Não parecia haver mais ninguém vindo.

— Mão no bolso, por favor! Não tocar!

Relutantes, Amy e Dan enfiaram as mãos nos bolsos e o guia entrou no quarto na frente deles. O homem estava mostrando os veleiros, quando uma ruidosa dupla de criancinhas inglesas apareceu na porta.

— Mamãe! Olha os brinquedos! — gritou uma delas, e em seguida as duas entraram correndo, indo direto para a tenda.

— Parem! Parem! Ficar na tapete vermelha! — protestou o guia. Os pais tentaram intervir, porém as duas crianças corriam de um lado para o outro, fora do alcance do guia.

*Essa é a minha chance,* pensou Amy, avistando a porta de um closet. Dan ficou parado onde estava, fazendo o possível para encobrir a fuga da irmã no caos que tinha dominado o recinto. Antes que o guia tivesse tempo de virar de costas, Amy entrou sorrateiramente no closet e fechou a porta.

Estava escuro lá dentro, exceto por uma fresta de luz que vazava por baixo da porta. Amy tateou em volta e descobriu que o closet estava cheio de roupas penduradas. Será que podiam mesmo ser peças de tanto tempo atrás? Ela foi vasculhando com os dedos as peças de seda macia, cobertas de rendas, procurando uma joia entre as barras dos vestidos. Enfiou a mão num bolso e encontrou uma coisa dura. Era pequena e redonda, sólida e firme, porém, quando ela a tirou do bolso e segurou perto do rosto, sentiu uma coisa ardida no nariz.

*Naftalina!*

— Eeeeca — ela sussurrou, jogando a bolinha branca de volta no bolso onde a tinha encontrado. Amy enfiou os dedos em tojos os bolsos que encontrou: não achou nada além de riais naftalina e sujeirinhas felpudas.

O som da voz abafada do guia voltou:

— Cadê irmã?

— Passou pro próximo quarto. Acho que vou fazer o mesmo — mentiu Dan.

Os olhos de Amy começaram a se ajustar ao escuro enquanto ela continuava procurando, amassando entre os dedos cada peça de roupa. Ela não tinha certeza, mas parecia que o guia ainda estava bem em frente à porta, conferindo se tudo estava no lugar certo.

*O que é isso!* Ela tinha enfiado a mão mais para o fundo do closet, para tatear a barra de um vestido de criança. Amy ficou de quatro e rastejou mais para dentro, segurando com força o pequeno objeto que encontrara.

Naquele instante, a maçaneta girou e a porta se abriu. Amy ficou totalmente imóvel no fundo do closet, escondida na selva de casacos e vestidos. Viu a silhueta do guia.

— Será que tem como você deixar eu ver o trem mais de perto? Adoro ferrovias.

Era Dan, que entrara de volta no quarto bem na hora certa.

— Ah. Sim — disse o guia. —Mas depois precisar achar os outros. crianças más deviam andar de coleira!

A porta do closet fechou de novo e Amy deu um suspiro de alívio. Rasgou a barra do tecido, sentindo-se péssima por ter que estragar uma peça tão preciosa. Talvez aquele vestido tivesse sido usado pela própria grã-duquesa Anastácia. Essa simples ideia fez suas mãos tremerem.

— Achei! — ela sussurrou, sentindo a pedra lisa entre os dedos. Pôs o objeto no bolso, voltou para a porta e ficou escutando se havia alguma voz. Pelo jeito eles tinham ido embora.

— Dan? — ela sussurrou, abrindo uma frestinha na porta do closet e espiando o quarto. A porta se abriu de repente e Amy caiu para a frente, se estatelando no chão e quase esmagando uma casa de brinquedo repleta de miniaturas.

— Eu sabia! — exclamou o guia.

Dan entrou em ação, montando no cachorro de pelúcia.

— Upa, cavalinho! — ele gritou. Os olhos de Amy se esbugalharam. Seu irmão sempre estava pronto a se humilhar por uma boa causa.

O guia marchou na direção de Dan, com os dentes cerrados. Amy disparou em direção à saída, correndo o mais depressa que podia.

— Vamos, Dan!

Ela não precisou esperar muito.

— Corre! — Dan berrou. — Ele está vindo bem atrás!

Amy e Dan desceram a escada correndo, com o guia na cola deles.

— Não para, Amy! Continua correndo! — gritou Dan. Agora havia guias vindo de três direções, mas Dan e Amy foram rápidos o bastante para alcançar a porta do palácio primeiro. Saíram à luz forte da ensolarada manhã russa e continuaram correndo.

— Não voltem aqui! — gritou o guia que eles tinham ludibriado. Ele estava soltando fumaça de raiva, parado entre dois colegas. — Crianças! Ainda morrer disso!

Amy e Dan afrouxaram o passo e recuperaram o fôlego. Logo estavam se acabando de dar risada.

— Encontrei uma bala lá dentro — disse Amy. — Guardei pra você.

Ela tentou dar ao irmão a bolinha branca de naftalina, mas Dan não mordeu a isca.

— Você primeiro!

Amy tomou impulso e jogou a naftalina na lagoa. Tinha dirigido um carro pela primeira vez, encostado nas roupas de uma princesa e encontrado a próxima dica deles. Era uma manhã excelente, sob todos os aspectos.

# CAPÍTULO 9

O POLEGAR DE IRINA SPASKY PAIRAVA SOBRE O BOTÃO LIGAR DO telefone. Ela parecia não ter forças para fazer a ligação. Respirou fundo e guardou o telefone de volta no bolso do fino casaco preto. Os Kabra podem esperar, ela pensou, afastando-se do Palácio de Alexander. Irina começou a andar, sozinha como sempre, em direção à lagoa, do outro lado dos jardins do palácio.

Ela observara Dan e Amy entrarem no lugar, vira os dois fugirem correndo até aquela lata velha que tinham comprado. Estavam rindo. Aquilo a incomodou. Os dois estavam felizes. Iam entrar em seu automóvel minúsculo e continuar procurando, até mais cedo ou mais tarde causar um problema gravíssimo para Irina. *Um agente duplo entre os Lucian. Talvez um Madrigal.*

Eles tinham encontrado alguma coisa no palácio, isso era óbvio. Estavam mais encrencados do que imaginavam.

*Isso não tem que terminar mal,* ela tentou se convencer. A imagem de outra criança surgiu diante de seus olhos, mais nova, mais loira. *Por que me lembro melhor de quando ele estava aprendendo a andar?*

Ela lembrava pouco dos últimos dias e quase nada do funeral. Quase tudo se apagara de sua mente, exceto as nuvens baixas, opressivas, e a neve caindo levemente enquanto eles baixavam o caixão dentro da terra. Desde então,

tinham sido muitos dias e noites sozinha, tempo demais para pensar, e enormes sacrifícios. *Perder um filho é como perder a alma.*

Irina pegou o telefone de novo e desta vez não hesitou em apertar o botão.

— Até que enfim — Ian Kabra atendeu ríspido. — Temos motivo para ficar preocupados?

— Sim — respondeu Irina. Ela estava na beira da lagoa, olhando para a água coberta de algas. — Tem alguém ajudando eles. Alguém do alto escalão no clã Lucian. Só pode ser.

— Por que você acha isso? — perguntou Ian.

— Eles acabam de sair do quarto de brinquedos de Alexei. Devem saber da ligação entre os Lucian e os Romanov.

— Cuide para eles não se apoderarem de nenhum material delicado. Você sabe o que está em jogo. Mais um único passo e você terá que eliminá-los.

— Eu sei.

Irina fez uma pausa, mas a tentação de provocar Ian foi forte demais.

— Não serei a única a ser castigada pelo seu pai. — advertiu em voz baixa e desligou o telefone.

Pelo menos não pediram que fizesse nada muito drástico com as crianças, ainda. Ela tirou um aparelho do bolso e ligou. A telinha se iluminou.

— Para onde vocês vão agora, Dan e Amy Cahill?

Irina tinha digitado no aparelho as coordenadas do estacionamento. Um satélite distante transmitia imagens para sua tela, o zoom chegando cada vez mais perto, até o teto de um carro azul aparecer na imagem.

— Nada mau — disse Irina, satisfeita com o aparelho esperto que os Lucian muito recentemente tinham posto em uso. A imagem do carro estava borrada e sem muitos detalhes na tela, mas o pequeno teto azul era inconfundível.

*Vai ser mais fácil do que eu pensava.*

Irina entrou no seu automóvel, observando o borrão azul na tela enquanto seguia atrás. Dois minutos depois, o carrinho azul virou à direita.

— Deixaram a estrada principal — ela resmungou, vendo Dan e Amy saírem da rodovia. — Vocês são cheios de surpresas.

Poucos minutos depois, Trina tinha inesperadamente alcançado os dois, numa estrada de terra de uma pista só. Não precisava mais do satélite, pois estava prestes a ultrapassá-los. Não havia pretendido chegar tão perto de Amy e Dan e certamente não queria que eles a vissem. A estrada, porém, era estreita, com plantações baixas de ambos os lados e o veículo dela era grande. E, para piorar, o carro azul tinha parado e estava manobrando para voltar.

*Isso vai ser complicado,* pensou Trina enquanto o carrinho ia se aproximando. Estava vindo bem depressa, como se o motorista pretendesse bater de frente no para-choque dela. Trina engatou a marcha ré e começou a voltar pela estrada de terra.

— Parem, seus malucos! — ela gritou. Seu carro deu uma violenta rabeada, bateu na borda de uma pedra grande e girou para dentro da densa vegetação.

O carro azul veio roncando até Trina e parou cantando pneu. O motorista era um homem de barba cinza, cujo sorriso revelou um dente faltando na frente.

— Quem te deu esse carro? Para onde eles foram? — Trina trovejou em russo, abrindo a janela.

O homem fez que sim com a cabeça, entusiasmado, o que levou Trina a se perguntar se ele tinha mesmo entendido as perguntas dela. Ela olhou para o banco de trás, estava vazio.

— Diz logo, seu idiota! — Irina gritou.

Os xingamentos pareceram irritar o motorista e seu sorriso evaporou:

— Americanos — respondeu. — Me deram 10 mil rublos mais o carro em troca.

— Em troca de quê? — berrou Trina.

— Do meu caminhão — disse o homem.

— De que cor era o caminhão? Em que direção eles foram? *Skazhi!*

Irina não devia ter feito a besteira de ofender um velho fazendeiro russo. Ele não achou graça na braveza dela e ficou olhando para as plantações, como se fosse feito de pedra.

Irina enfiou a mão no bolso e tirou um pequeno revólver. Sentiu espasmos furiosos no olho, mas, quando virou outra vez para o carro, levou

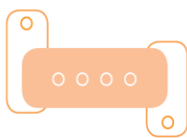
um baita susto, O velho fazendeiro tinha pisado fundo no acelerador, jogando uma nuvem de poeira e lama pela janela aberta de Irina.

Torrões de terra voaram no rosto de Irina. Ela engatou o carro e pisou no acelerador, porém a terra cultivada e macia da plantação cedeu e as rodas de trás afundaram.

Ela estava atolada.

Irina tossiu e cuspiu, tentando limpar a lama da boca. A pasta em seus olhos e boca não era nem de longe tão ruim quanto a terrível verdade.

*Perdi os dois.*



— Você acha que a gente despistou ela pra sempre? — perguntou Dan. Tinha sido ideia dele pedir aluda ao fazendeiro que estava andando pela estrada de terra. Dan jamais imaginara que uma mochila cheia de dinheiro pudesse ter tantas utilidades diferentes.

— Não faço ideia, mas acho que não consigo ficar aqui muito mais tempo. O porta-malas do Tiny Tim parece uma lata de sardinha e você tá com chulé.

— Lamento informar, mas quem tá com chulé é você, não eu — retrucou Dan.

Amy deu uma fungada:

— Na verdade, acho que é o fazendeiro. Ele precisa tomar banho.

Tiny Tim desacelerou e virou à direita. Uns poucos segundos depois, o veículo parou e o porta-malas foi aberto.

— Vocês pagar agora? — perguntou o fazendeiro.

— Nós pagar agora — respondeu Dan, saindo com dificuldade do porta-malas e espiando ao redor. Amy saiu em seguida e correu para o banco do motorista, antes que Dan chegasse primeiro. Viu os olhos dele refletidos no retrovisor e mostrou a língua.

Quando Dan entrou no carro, depois de pagar o fazendeiro, fez aquela cara de quem comeu jiló.

— Da próxima vez, vamos pedir ajuda pra alguém que não tenha passado o dia inteiro pisando em esterco — sugeriu Amy. Eles abriram as janelas e Amy pisou no acelerador, enquanto o homem se afastava a pé no campo aberto, contando seus rublos.

Amy fez Tiny Tim correr o mais rápido que podia, direto para o aeroporto de São Petersburgo. Ela supunha que eles precisariam visitar um dos dois lugares não siberianos que restavam em sua caçada: Moscou ou Ecaterimburgo.

Enquanto o carro avançava com esforço, Dan sacolejava no banco, segurando a pedra cor de mel que Amy tinha achado no closet de Alexei. Era uma pedrinha oval, achatada, com uns 5 centímetros de diâmetro, daquelas boas de ricochetear na água.




— Duvido que ninguém tenha achado isso em todos esses anos — disse Dan. — O NRR deve ter colocado ali pra gente.

— Concordo. Só queria que essa coisa escrita na pedra fizesse mais sentido. Ele não está facilitando pra gente.

— Não mesmo.

Dan olhou com cuidado para cada um dos elementos na pedra e tentou fazer com que se encaixassem. Era bem o tipo de coisa que ele supostamente conseguia decifrar.

— Uma pilha de ossos, o número 52, uma seta e as letras M e S separadas por uma vírgula. Bem enigmático, pra não dizer mais.

— A seta está apontando para o M e o S ou partindo deles? — perguntou Amy.

— Partindo deles — respondeu Dan. — E os ossos, agora que reparei, estão rachados. São ossos quebrados.

Amy pisou nos freios com uma força bem desnecessária e Tiny Tim desviou para o acostamento da estrada. Carros buzinaram atrás deles e Dan por muito pouco não bateu a cabeça no para-brisa.

Motoristas passaram xingando e sentando a mão na buzina. Amy tentou recuperar o fôlego; estava abalada com o quase acidente.

— Por pouco você não me arremessou pelo para-brisa! — berrou Dan.

Então os olhos dele se iluminaram e ele virou o rosto para a irmã:

— Minha vez de dirigir?

Cinquenta metros à frente havia uma estrada lateral arborizada que parecia muito mais calma que a rodovia de duas pistas. Amy pôs Tiny Tim em marcha lenta, pegou o desvio e dirigiu mais cem metros antes de fazer o retorno e estacionar na beira da estrada. Finalmente estava calma o bastante para falar.

— F-f-foi mal. Obviamente, não estou em condições de operar o voIante. Precisamos aposentar essa coisa antes que alguém se machuque. Mas ouça a boa notícia: eu sei o que a mensagem quer dizer. Cadê o guia turístico?

— Posso dirigir agora? — Dan perguntou de novo.

— Sem chance.

— Ah, vamos! Deixa eu dirigir! Por favor!

Num intervalo de trinta segundos, Dan perguntou se podia dirigir mais cinco vezes antes de finalmente entregar o guia turístico. Amy folheou até encontrar a página da Sibéria, onde tinha visto uma foto com uma legenda interessante.

— Certo, veia isso. Muito tempo atrás, na época em que havia campos de trabalho forçado nesses postos remotos da Sibéria, eles punham vários prisioneiros políticos para trabalhar nessa estrada. Era comprida. Tipo, muito comprida, e era um trabalho exaustivo. Às vezes, quando os prisioneiros caíam mortos no trabalho, seus ossos eram usados na construção da própria estrada.

— A Estrada dos Ossos — disse Dan. — Isso é meio desagradável até pro meu gosto.

— E totalmente real. Está vendo?

Amy mostrou a foto, onde homens com pás e espadas estavam parados no meio do nada, com uma estrada branca comprida estendendo-se atrás deles.

— O Hamilton vai adorar isso. A Estrada dos Ossos! Esse tipo de coisa não se inventa.

— O M e o S na pedra devem se referir a Magadan, Sibéria. É um dos três lugares pra onde ainda temos que ir.

— E a seta parte das letras, em direção à pilha de ossos. Então, será que alguém partindo de Magadan, seguindo umas 52 milhas na Estrada dos Ossos, ia encontrar alguma coisa?

— Exatamente — disse Dan.

Dan segurou a pedra contra a luz outra vez e olhou para todas as partes da inscrição. Aquelas coisas se encaixavam. Ossos quebrados, o número 52, a seta partindo de M, S.

— Melhor a gente ligar pro Hamilton — disse Dan.

Amy ligou do celular de Nellie, torcendo para Hamilton estar perto do aparelho em vez de fazendo alguma palhaçada ou brigando feio com os Kabra. Ele atendeu no primeiro toque.

— É você, Amy? — respondeu Hamilton. — Tomara que já tenha alguma coisa pra gente fazer. Meu pai tá ficando tão entediado que tá jogando pedras nos passarinhos. Ele acha que a gente veio aqui à toa.

— De jeito nenhum! — disse Amy. — E vocês estão fazendo um ótimo trabalho. Precisam dar um jeito de chegar a Magadan o mais rápido possível.

— Bom, então vocês deram sorte.

— Como assim?

— Tivemos que cair fora de Omsk. Era um lugar muito pouco amigável para um Holt. Daí eu pensei, tanto faz, provavelmente vão precisar de mim em Magadan de qualquer jeito. Era o único outro lugar que você me deu pra ir. Pegamos um avião ontem à noite e já estamos aqui. Só que os Kabra seguiram a gente. Esses dois estão que nem chiclete no sapato. Sempre pegando carona.

— Hamilton! Você é um gênio! — gritou Amy.

— Finalmente alguém percebeu.

Amy pôs Hamilton no viva-voz.

— Então, pra onde eu vou? Me passa as coordenadas — pediu Hamilton.

Dan teve a honra de fazer isso e no final Hamilton estava quase nas nuvens:

— Tá brincando! Isso existe mesmo? A Estrada dos Ossos? Que louco! Dan, você está MORRENDO de inveja. Nem finja que não está.

Dan estava tão frustrado que queria quebrar alguma coisa. Não podia dirigir o Tiny Tim, não podia ir para a Estrada dos Ossos. Ele estava sendo excluído!

— Mãos à obra, Hamilton — disse Amy. — Vamos ficar esperando sua próxima dica. E não dê mole pros Kabra. Eles não têm escrúpulos. São capazes de fazer qualquer coisa pra impedir vocês.

— O Hammer vai entrar em ação. Volto a fazer contato. — O telefone ficou mudo.

Dan ficou fumegando no banco da frente, enquanto Amy tomava coragem para dar a partida em Tiny Tim outra vez. Eles iam ou para Moscou ou para Ecaterimburgo. De qualquer modo, estavam chegando muito perto do fim da caçada e não ia sobrar nem um minuto. O relógio não parava, indicando oito horas restantes.

Amy levou um susto quando o telefone vibrou na mão dela. *Número desconhecido.*

— Alô?

— Oi, Amy. É o Ian. E aí, pensando em mim?

Ian e sua voz sedosa, que dava calafrios na espinha dela.

— O que você quer? Peraí... Como você arranjou esse número?

— Estou preocupado com você. Você está bem encrencada, querida. Devia tomar mais cuidado antes de confiar nos outros.

— Posso riscar você e a sua irmã da minha lista! E não me chame de querida!

— Veja, Amy, estou tentando ser bonzinho com você. É divertido perseguir vocês dois, mas tem uma coisa que você precisa saber.

— O quê? — indagou Amy. Ela cobriu o bocal e contou a Dan quem era. Dan enfiou o dedo na garganta e começou a fingir que estava vomitando.

— Vocês ficaram pra trás nessa busca, não têm mais chance — disse Ian. — Não quero magoar você, mas várias pistas já foram encontradas, inclusive essa que vocês estão procurando.

— É mentira! — exclamou Amy. — Você nem sabe pra onde estamos indo. Pois é, eu sei de tudo. Vocês estão encalhados em algum lugar da Sibéria. Bom, tenho uma surpresinha pra você, Ian. Vocês estão a 5 mil quilômetros de distância de onde deviam estar.

Fez-se uma breve pausa na linha, depois uma clássica risada dos Kabra, maliciosa e quase imperceptível.

— Oh, Amy. Se você soubesse a verdade... Depois não diga que eu não avisei.

Ele desligou. Amy deu partida no Tiny Tim. Estava tão brava que pisou com força no acelerador e os pneus derraparam. Seu medo de dirigir era uma lembrança distante.

— Ele está mentindo. Eles não têm nenhuma pista além das que nós encontramos. Né, Dan?

Mas Dan não quis olhar nos olhos dela. Pelo resto da viagem, eles continuaram mergulhados em silêncio.

# CAPÍTULO 10

— POR AQUI — SUSSURROU REAGAN HOLT. — FIQUE AGACHADO, senão eles vão ver a gente chegando.

Contra todas suas tendências naturais, Eisenhower Holt foi avançando em silêncio, feito um rato. Seu corpanzil era muito mais apropriado para derrubar alguém por trás e encher a pessoa de porrada.

— Está vendo alguém? — ele perguntou.

— Não. Acho que eles foram por ali.

Reagan estava espiando de trás do canto de um prédio de concreto verde-água, que não via uma mão de tinta fresca fazia uns cinquenta anos. Ela e o pai estavam seguindo duas pessoas numa rua esburacada, com prédios decadentes dos dois lados.

— Pra onde eles foram? — trovejou Eisenhower Holt. — Esse dois parecem uns gatos!

— Pai, dá pra você, por favor, falar baixo? Você não sabe o que é *sussurrar?*

Eisenhower Holt estava prestes a retrucar alguma coisa quando ele e Reagan foram vítimas de um ataque-surpresa. O maior dos dois atacantes pulou nas costas de Eisenhower, passou o braço em volta do pescoço dele e não largou mais. Reagan e um agressor menor rolaram no chão, enquanto

Eisenhower girava o corpo fazendo um grande circulo, com as pernas do adversário balançando no ar atrás dele.

— Ataque-surpresa! Eu mandei você falar baixo! — berrou Reagan. Ele estava numa briga séria, socando e chutando uma menina exatamente do mesmo tamanho que ela.

— Eu salvo você — gritou Eisenhower.

— Tarde demais — disse a pessoa atrás dele. — Já peguei!

— E é fim de jogo! — anunciou Mary-Todd, erguendo as mãos enquanto surgia do nada. — Este round vai para Hamilton e Madison. Bom truque, esse da escada.

Mary-Todd Holt tirou do bolso um caderninho surrado e fez uma anotação:

— Você está ficando pra trás no placar, pudinzinho. Você pode mais que isso.

Eisenhower tinha se jogado de quatro no chão, coisa que sempre fazia quando perdia a bandeira. Hamilton, Reagan e Madison pularam nas costas dele. Quando Eisenhower levantou de novo, sacudiu com toda a força até os filhos caírem amontoados aos seus pés.

— Eu já te falei várias vezes. — Reagan estava fumegando. — Você precisa fazer menos barulho. Nunca vamos ganhar deles se você não aprender a andar que nem um gato.

— Olha o tamanho dessas belezocas! — berrou Eisenhower, apontando para seus bíceps absurdamente volumosos. — Não é fácil deixar esses amigos sossegados. Eles gostam de brigar.

— Meu pai é um tonto — disse Reagan. — Alguém me ajude, por favor.

Eisenhower puxou Hamilton de lado, o abraçou e começou a andar. Pai e filho pareciam dois prédios, grandes e sólidos.

— Eles já deram notícia? — perguntou Eisenhower. Ele sabia que já passava da hora de ter uma conversinha de pai para filho, só que de algum modo aquelas conversas nunca saíam como planejado.

— Ligaram faz alguns minutos — disse Hamilton. O menino já parecia estar na defensiva. — Eles me disseram aonde a gente tem que ir. Acho que estamos chegando perto.

— Estamos depositando uma baita confiança em você nesse acordo. Vai ser uma decepção enorme se eles estiverem enganando a gente.

— De jeito nenhum, pai. Esse lance é de verdade. Tenho certeza.

— Melhor mesmo. Se você fracassar, a família inteira vai junto. E você sabe o que eu acho do fracasso.

Eles andaram um pouco mais e Eisenhower deu um tapa nas costas do filho:

— Você sabe que vamos ter que trair esses dois no final. Não podemos correr o risco de ficar pra trás. Se uma pista aparecer no nosso caminho, precisamos ficar com ela só pra nós. E não pense nem por um segundo que eles não fariam o mesmo com a gente, se tivessem a chance. Nesse quesito, não são melhores que os pais deles.

— Pai... eu estava pensando um negócio. Ainda temos que achar muitas coisas antes que o jogo acabe — disse Hamilton, com os ombros visivelmente tensos —, talvez uma parceria faça sentido.

— Você está amolecendo? — perguntou Eisenhower. — Isso é uma competição, não é brincadeira de criança. Quando chegar a hora, cortamos o contato e deixamos eles pra trás. Fim de papo.

— Mas, pai...

— Eu disse FIM DE PAPO! Você está muito saidinho pro meu gosto, rapaz. Faça o seu trabalho e deixe o resto comigo.

Hamilton ficou de ombros caídos. Eisenhower sentiu um aperto no fundo do peito. Entretanto, havia uma hierarquia que precisava ser respeitada. Senão as pessoas se machucavam. Ou até morriam.

— Meu pai era maior que eu — disse Eisenhower, olhando para a família. — Uma montanha de homem.

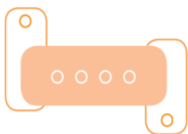
Eisenhower ficou em silêncio, pensando no próprio pai, enquanto andavam de volta até as gêmeas. A mãe de Eisenhower morrera muito cedo e ficaram só os dois homens morando juntos. Muito esporte. Quase mais nada além disso. E tinha sido legal. Bem legal.

— Equipe, formação! — gritou Eisenhower. Novas ordens!

— Pelo jeito esses Kabra não saem do nosso pé — disse Mary-Todd, apontando para trás com o polegar. Um Iand Rover preto havia entrado numa ruela, onde ficou parado em ponto morto, cuspindo fumaça.

— Vamos cuidar deles assim que possível — disse Eisenhower. Ele olhou para o filho com um misto de admiração e preocupação, que era a atitude mais próxima de um elogio que ele sabia demonstrar.

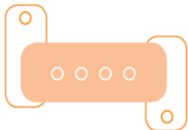
— Fala pra onde a gente está indo, Ham. E não enrola!



— Tenho um palpite sobre mais uma coisa — disse Amy. — Você quer ouvir?

Eles estavam sentados no aeroporto de São Petersburgo, aguardando instruções, e Dan estava se coçando para ir comprar mais tranqueiras na banca de jornal:

— Dá pra esperar até eu reabastecer a mochila de comida?



Amy revirou os olhos. Enquanto eles andavam, Amy expôs sua ideia:

— Tudo o que encontramos até agora estava entalhado ou esculpido, certo? Primeiro foi a salinha dentro do peso para papel, depois a estatueta de Rasputin, depois o brasão de armas entalhado em madeira e pintado e, por último, a pedra com os ossos quebrados. Todos os objetos eram obras de arte elaboradas.

Eles entraram na banca e Dan começou a examinar as prateleiras.

— E sempre deparamos com essa cor recorrente: laranja, cor de mel — Amy continuou. — O peso para papel era laranja meio escuro. A estátua de Rasputin também. A cobra era laranja, a pedra é laranja. Primeiro achei que

fosse só uma coisa da Rússia, mas estou começando a achar que tem algum outro significado.

— Ahã — fez Dan, mal prestando atenção enquanto enchia a mão de chocolates. — Então, o que isso quer dizer?

Os braços dele estavam transbordando de sacos de salgadinhos, chicletes e balas, que ele soltou no balcão.

Amy chegou perto e sussurrou:

— Acho que quando o NRR diz "a sala", está Falando da Sala de Âmbar.

— E o que é isso?

— Novecentos rublos — disse a moça do caixa.

Eles pagaram, enfiaram a maior parte das guloseimas na mochila e continuaram andando. Amy degustou um quadradinho de chocolate enquanto Dan devorava uma barra inteira.

— É uma sala feita de âmbar.

Dan parecia continuar boiando, por isso Amy prosseguiu na explicação:

— É aquela coisa de onde eles tiraram o DNA de dinossauro no filme Jurassic Park. Essa sala era absolutamente incrível. Várias paredes de imagens cheias de entalhes minuciosos. É um tesouro inestimável. E adivinha onde estava? No Palácio de Catarina, na Vila Real.

Dan cuspiu metade das bolinhas de chocolate que tinha botado na boca:

— Acabamos de sair de lá! Por que você não me disse isso? A gente podia ter passado por essa sala e achado alguma coisa importante.

— Teria sido uma perda de tempo. A Sala de Âmbar foi roubada pelos nazistas na Segunda Guerra Mundial. E depois desapareceu. Ninguém sabe aonde ela foi parar, mas tem quem ache que foi trazida de volta pra Rússia em segredo depois da guerra.

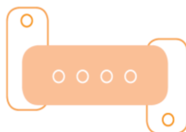
— Mas como é que alguém perde uma *sala?*

— São mais de 45 metros de paredes, precisamente. E eles usaram seis toneladas de âmbar — disse Amy, mudando o tom de voz para o de professora mandona, que arranhava o ouvido de Dan.

— Vou chutar que a Sala de Âmbar, se for realmente essa a que estamos procurando, está ou em Moscou ou em Ecateroburguer — disse Dan.

— *Ecaterimburgo* — corrigiu Amy, jogando na boca outro quadradinho de chocolate.

— Enfim. Vamos só torcer pra não estar na Sibéria.



*Bzzzzzzzzzz. Bzzzzzzzzz. Bzzzzzzzzzz.*

Amy e Dan cochilavam no aeroporto, quando o telefone de Nellie vibrou. Na quarta vez, Dan acordou. O telefone estava entre eles, em cima da mochila.

— Alô? É você, Hamilton?

— Uuuuuuuuuuuhuuuuuuuuuu! — fez uma voz do outro lado da linha. Dan afastou o telefone da orelha e Amy acordou, esfregando os olhos.

— A gente caiu no sono — ela disse.

— Ah, jura? — ironizou Dan. — Acho que é o Hamilton na linha. Ele está animado.

— Hamilton Falando! Meu pai acaba de assumir o volante. Estamos revezando nessa coisa. É incrível!

— Do que você está Falando? — perguntou Dan.

— Cara, a gente está dirigindo um caminhão KAMAZ na Estrada dos Ossos! Esse negócio parece um tanque!

— MENTIRA! — berrou Dan. — Um caminhão KAMAZ? Você tá brincando?! É um clássico!

— O que é um caminhão KAMAZ — perguntou Amy, ouvindo a conversa.

— É o Godzilla dos caminhões! O caminhão monstro da Rússia! É quase um Transformer. Eles usam o mesmo chassi enorme e constroem qualquer veículo gigantesco em cima: caminhões basculantes, caminhões militares, ônibus pra todos os tipos de terreno... O KAMAZ é um pedação de metal com 12 marchas, perfeito para dias de chuva ou de sol. Como é que você pode não saber nada disso?

— Ceeeeeeeerto — disse Amy.

— Eu é que devia estar dirigindo! — Dan berrou no telefone.

— Morra de inveja — disse Hamilton.

Amy tomou o telefone de Dan.

— O que está acontecendo? Onde vocês estão?

— Estamos voltando. Chegamos à milha 52 MUITO antes dos Kabra. O pneu deles furou há 10 milhas. A Reagan queria dar um help pra eles quando nós passamos, mas meu pai disse: "Deixo eles chamarem um guincho". Cara! É um KAMAZ!

Dan enfiou os dedos nos ouvidos. Não conseguia aguentar o som de Hamilton Holt se divertindo tanto enquanto ele ficava sentado num aeroporto, morrendo de tédio.

— O que vocês acharam? Hamilton? Você está aí?

A linha estava cheia de ruído, a ligação toda entrecortada enquanto o caminhão seguia pela Estrada dos Ossos.

— Hamilton, presta atenção. Não estou conseguindo te escutar direito. O que vocês encontraram? Nosso tempo está acabando!

— Ah, sim, quase esqueci! Não foi difícil ver a coisa quando a gente chegou lá, vou te dizer. Estava parada ali, bem do lado da estrada.

Dan percebeu que Amy estava prestes a surtar, mas Hamilton continuava enrolando.

— O QUE estava parado bem do lado da estrada?

— Ops — disse Hamilton. — Lá estão os Kabra. Eles NÃO estão contentes. Mas que...? Fala sério!

Um barulho forte de esmagamento preencheu a saída de som do celular. Até Dan escutou.

— Meu pai acaba de passar por cima do Land Rover! Que incrível! Você PRECISA experimentar essa coisa! O que é... oh, não... ei!

— O QUE... VOCÊS... ACHARAM? — Amy gritou. Ela olhou para Dan. — O que é esse "oh, não"? "Oh, não" por quê?

Eles ouviram um barulho forte na linha, então Mary-Todd Holt pegou o aparelho:

— Alô, Amy, como vai? O Hamilton e o pai dele estão... bom, estão tendo uma discussãozinha com dois enormes... Caramba, isso deve ter doído... SOCA ELE DE VOLTA, EISENHOWER! ... Desculpe, querida. Posso te dizer o que achamos. Tinha uma estaca no chão do lado da estrada, na marca da milha 52. Estava enfiada bem fundo, mas meu possante marido conseguiu arrancar. Puxou até dar um mau jeito nas costas, foi por isso que deixou o Hamilton dirigir o caminhão. Eles estão revezando. O fundo da estaca não era o que a gente imaginava, tipo um grande bloco de concreto, era um... bom, era uma cabeça. Não uma cabeça de verdade, calma... Isso seria bem desagradável... Quis dizer que era uma cabeça esculpida... ESSA FOI BOA, HAMILTON! MOSTRA PRA ELES COMO É!... Peço desculpa, mas meu filhote acaba de dar uma porrada na cabeça de um desses guarda-costas com... hã... com a cabeça. Ele está fazendo um bom trabalho. Onde eu estava? Ah, sim, a cabeça. Parece que eu vou ter que retornar a ligação depois. PEGUE ELES, FAMÍLIA HOLT! ACERTE BEM ONDE DÓI!

A linha ficou muda.

— Isso só pode ser brincadeira — reclamou Amy.

Quatro minutos se passaram antes de o telefone vibrar de novo.

— Botamos eles pra correr!

Era Dan quem tinha atendido. Desta vez Hamilton estava na linha:

— Meu pai está mancando — disse Hamilton. — Mas ele não dá mole pra ninguém. Minha mãe e as gêmeas estão trazendo ele pra dentro. Ouça, vou falar uma coisa em off. Ele não gostou muito da ideia de contar pra vocês o que achamos. Cara, posso confiar em vocês? Tipo, confiar em vocês de verdade? Se vocês me enganarem, meu pai vai me dar um tiro de canhão.

— Pode confiar em mim. Prometo.

E o engraçado era que Dan estava Falando a verdade. Alguma intuição lhe dizia que não ia conseguir pular fora do acordo depois de Hamilton tê-los ajudado tanto.

— O negócio é o seguinte — Hamilton começou —, não sou nenhum nerd de história, mas conheço essa cabeça. Até meu pai conhecia essa cabeça, depois de passar um tempo aqui nesse país. É aquele tal de Lênin, o que começou a Revolução Russa.

— O cara de barbicha pontuda?

Hamilton começou a tagarelar de novo sobre o caminhão e a cabeça legal, mas não demorou muito para Amy arrancar o celular da mão de Dan.

— Desembucha essas informações, Hamilton! O tempo está acabando!

— Ah, que ótimo — Hamilton resmungou. — A mandona está na linha. Pegue uma caneta e vou te dizer o que tá escrito na cabeça do Lênin.

— Estou pronta — disse Amy, já preparada com papel e lápis para anotar tudo o que saísse da boca de Hamilton.

— PEK BAL4 F3 P1 45231 P2 45102 P3 NRR.

— Tem certeza que você leu direito? — perguntou Amy.

— Tenho! E não torra a minha paciência. O que nós fazemos agora?

Amy olhou para Dan, que deu de ombros:

— Hã... Vocês fizeram um ótimo trabalho ajudando a gente. Voltem para Moscou. Vamos entrar em contato assim que descobrirmos alguma coisa.

— Câmbio e desligo — disse Hamilton.

Amy virou-se para Dan.

— Está pronto? Você e eu vamos invadir o Kremlin.

# CAPÍTULO 11

IAN KABRA NÃO CONSEGUIA DECIDIR O QUE ERA PIOR: FICAR PRESO numa estrada feita de ossos ou ter que aguentar a irmã caçula.

— Olhe pra mim! Que desastre! — ela gritou.

Ian se controlou para não rir. A calça de Natalie estava rasgada, seus sapatos Prada não tinham mais conserto e seu cabelo normalmente liso parecia ter sido atacado por uma batedeira. Ian sabia que não estava muito melhor, coberto de hematomas e arranhões depois de sair na mão com os Holt.

— Essa competição é idiota. Idiota! Idiota! *Idiota!* — disse Natalie, numa voz especialmente estridente, sentada no pequeno banco traseiro do Iand Rover amassado. O motorista estava ao telefone, tentando falar com um serviço de guincho e apalpando com cuidado seu nariz quebrado.

— O grandalhão é mais ágil do que parece — disse Ian, tentando aliviar o clima. — Eu odiaria enfrentar esse cara se as costas dele estivessem boas.

— Admita, Ian, nós chegamos ao fundo do poço. Eles amassaram o carro, estamos parados numa estrada de ossos de camponeses, e presos na Sibéria. É um pesadelo. QUERO IR PRA CASA!

Aquilo foi a gota d'água. Ian não aguentaria ficar confinado num espaço pequeno com Natalie por nem mais um segundo. Saiu do carro e andou de

um lado para o outro, digitando no telefone. Cinco toques depois ele desligou, sem ter conseguido falar com o pai. Como sempre. Ele ligou de novo. Dessa vez, depois de três toques, Irina Spasky respondeu.

— Estou ocupada — ela avisou, ríspida.

— Nosso dia não está indo tão bem quanto eu gostaria. Espero que você tenha notícias melhores para mim.

— Não deram conta dos Holt? Por que será que isso não me surpreende?

Ian se recusou a deixar que aquela alfinetada o alterasse. Ele se recompôs, respirou bem fundo e deu a ordem:

— Você tem que se livrar deles. Eles estão colaborando com os Holt e tenho quase certeza de que transmitiram outra mensagem. Dan e Amy estão chegando perto demais.

Por algum motivo, o rosto de Amy e sua gagueira imbecil passaram pela mente dele. Ian fez uma pausa e em seguida ordenou:

— Tire eles da Rússia.

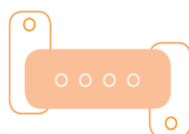
Ele escolhera as palavras com cuidado. Não era oficialmente uma sentença de morte. E, no entanto, ele sabia que Irina estava disposta a tomar atitudes extremas para eliminar o risco.

— Combinado — ela finalmente respondeu.

— Me passe os detalhes quando tiver cumprido a

Irina desligou o telefone.

Estava feito.



O voo de uma hora de São Petersburgo a Moscou deu a Amy e Dan o tempo necessário para decifrar a charada e formular um plano. Eles estavam disfarçados de novo e dessa vez decidiram não tirar o disfarce enquanto não tivessem terminado de explorar o Kremlin. Não era uma boa ideia visitar o centro administrativo da Rússia parecendo duas crianças que tinham se perdido dos pais.

Amy imediatamente percebeu que Lênin era uma referência ao Kremlin, onde o corpo preservado do líder da Revolução Russa ainda estava em exposição, décadas após sua morte. Dessa vez, o resto da charada exigiu que os irmãos usassem as habilidades específicas de cada um. Amy rapidamente decifrou a primeira parte: PEK com certeza significava Palácio Estatal do Kremlin, um prestigiado teatro que ficava dentro do vasto território do Kremlin. Dan logo sugeriu o significado do resto dos números e letras:

— BAL4 F3 deve ser uma fila de assentos. Balcão 4, Fila 3, para ser exato.

Amy concordou com a cabeça:

— Às vezes eu até deixo de acreditar que você foi trocado pelo meu irmão verdadeiro na maternidade. O resto dos números deve ser algum tipo de combinação ou código. Aposto que vamos descobrir quando chegarmos lá.

Depois de atravessar o aeroporto correndo e tomar um táxi, Dan e Amy estavam parados bem na frente do Palácio Estatal do Kremlin, com o guia turístico aberto. Só restavam duas horas e na voz deles transparecia uma sensação acentuada de urgência.

— Precisamos chegar à seção superior — disse Amy. Eles estavam olhando para um mapa de assentos, onde Amy tinha circulado a Fila 3 em um dos balcões.

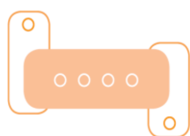
Amy conferiu o relógio de novo:

— Duas horas a partir de agora. Acho que não vamos conseguir.

— Vamos sim — retrucou Dan, dirigindo-se à entrada do enorme teatro branco.

Havia um corredor no saguão principal, com portas que conduziam para dentro e várias rebuscadas obras de arte nas paredes. Turistas exploravam o recinto, esperando uma oportunidade de entrar e dar uma olhada. A próxima visita guiada só começava dali a vinte minutos.

— É nossa chance — sussurrou Amy. — Venha, vamos entrar discretamente enquanto todo mundo está zanzando.



Em algum lugar bem escondido, dentro do próprio prédio onde Dan e Amy estavam, uma pessoa rastreava cada movimento deles.

*Muito astutos, esses dois,* pensou NRR. *Talvez consigam cumprir o prazo, afinal.*

NRR digitou um número no telefone que tocou várias vezes antes de alguém atendê-lo:

— Essa linha é segura?

— Sua pergunta não merece resposta — NRR respondeu.

— Certo, certo. Mas seja breve.

— Vou ver os dois daqui a pouco. Você ainda quer que eu execute o plano?

Seguiu-se uma pausa na linha. NRR não estranhou aquela demora. O contato era uma pessoa pensativa, que gostava de pesar todas as opções.

— Os dois são incríveis, não são? Ninguém pode dizer que não provaram ser capazes.

— Eles entenderam desde o começo que não iam conseguir fazer isso sozinhos — respondeu NRR.

— E recrutar uma equipe como os Holt? Foi impressionante. Não achei que isso fosse possível.

— Então, seguimos em frente? — perguntou NRR.

— Vamos lá. Se eles chegarem à sua mesa, leve-os à sala. Acho que eles estão prontos.

A linha ficou muda e NRR virou outra vez para o painel de telas de vídeo.

# CAPÍTULO 12

TODAS AS PORTAS QUE LEVAVAM AO TEATRO ESTAVAM trancadas, mas não demorou muito até um funcionário da manutenção aparecer, conduzindo uma lata de lixo sobre rodas. Dan viu que era a oportunidade perfeita e empurrou Amy na frente do homem. Ao bater no carrinho, Amy prendeu o pé na roda de metal e voou para a frente, caindo no chão de mármore.

— Seu monstrinho! — Ela ficou cor de beterraba e quase esqueceu que estava em um dos auditórios mais opulentos da Europa, disfarçada de adulta.

Quando ela levantou, o homem estava dando um sorriso torto, tentando não dar risada. Murmurou alguma coisa em russo (que Amy teve certeza de que significava "coitada dessa incapaz"), depois continuou seguindo o corredor comprido, baIançando a cabeça.

— Dan?

Amy olhou para todos os lados, arrumando a peruca e os óculos ridículos, mas não havia sinal do irmão.

— Pssst, aqui — sussurrou Dan.

Amy virou de costas e viu que uma porta do teatro estava entreaberta, apenas o suficiente para a barbicha de Dan aparecer na fresta.

— Entre aqui antes que alguém te veja.

Amy andou para trás devagar, enquanto um grupo de mulheres passava Falando russo em voz baixa. Quando elas sumiram, Amy já estava encostada numa das duas portas. Dan a agarrou pelo braço e a puxou para dentro.

— Por que tanta demora?

Amy fez uma careta para o irmão. *Primeiro ele me empurra, depois me puxa. Agora ainda reclama que eu demorei.*

— Você está começando a me encher — ela reclamou, preparando-se para uma épica discussão entre irmãos. Mas quando virou na direção do palco, sua raiva se dissipou. Amy adorava teatro quase tanto quanto adorava livros e nunca tinha visto nada tão impressionante quanto o Palácio Estatal do Kremlin. No cenário, a noite estava representada e, por isso, o palco estava cheio de luzes azuis brilhantes. Havia prédios em miniatura e uma igreja em estilo russo no fundo. Visto de onde eles estavam, era de tirar o fôlego, como uma cena de um conto de fadas em que Anastácia ressuscitava e Rasputin perambulava na floresta.

Longas fileiras de assentos vazios preenchiam o meio do teatro, aguardando espectadores que só chegariam à noite.

Dan conduziu a irmã até um lugar escuro junto à parede dos fundos do teatro.

— O balcão é lá em cima, por isso a escada não deve estar muito longe. Esse lugar é gigantesco. Devem caber pelo menos 6 mil pessoas.

Eles ouviram uma porta se abrindo enquanto subiam a escada, que ficava escondida atrás de uma cortina. Amy pôs o dedo nos lábios, depois olhou para trás e viu que um segurança tinha entrado. E o que era pior: trazia um pastor-alemão gigante numa coleira.

Dan fez um gesto para que Amy continuasse subindo. Em pouco tempo eles chegaram ao topo da escadaria dourada, seguiram um corredor curto e entraram no Balcão 4. Dan começou a procurar a fila número 3, depois tentou imaginar o que significava P1. Ele ainda não tinha pensado muito, quando Amy percebeu que o irmão tinha se assustado com alguma coisa. Ela se agachou, espiando pela borda do balcão. O cachorro estava guiando o guarda na direção da escada.

— Ele está vindo para cá! — disse Amy.

Ela engatinhou até Dan e ambos olharam outra vez para o emaranhado de números e letras no papel.

— Tem três Ps: P1, P2, P3. Será que são três portas? — cogitou Amy.

— Talvez — disse Dan. Ele sussurrou todas as letras e números de novo. Às vezes ajudava dizer as coisas em voz alta. — PEK BAL4 F3 P1 45231 P2 45102 P3 NRR.

— Vai logo, Dan! Esse cachorro não está pra brincadeira. Parece bravo e faminto. Você sabe o que isso quer dizer...

Dan andou pela fila 3 e sentou.

— O que você está fazendo? Isso não é hora de sentar! Faça alguma coisa!

— Estou fazendo — disse Dan. — Acho que entendi.

— Acha que entendeu o quê? — disse Amy, nervosa. Ela estava procurando um botão ou trava no chão, qualquer coisa que pudesse salvá-los do cão de guarda que se aproximava. — Procure algum disco ou painel escondido. Faça alguma coisa útil!

Dan calmamente se levantou e sentou no assento ao lado, o assento número 5 da fileira. O lugar onde ele sentara antes era o número 4. Então, ele levantou de novo e sentou no número 2.

— Sério mesmo, Dan. Você pirou na batatinha.

— Acho que não — ele sussurrou. — 45231 talvez seja a ordem em que uma pessoa tem que sentar nos assentos da fila 3. Deixa eu terminar.

Ele sentou no assento número 3, depois veio para perto de Amy:

— Se não acontecer alguma coisa quando eu sentar, estamos bem encrencados.

Ele respirou fundo e se jogou no assento. Ouviu-se um clic baixo atrás de uma parede coberta por uma cortina, no fundo do balcão.

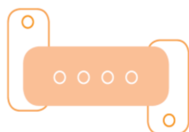
— Acho que você fez alguma coisa — sussurrou Amy. Ela agora ouvia o pastor-alemão farejando no topo da escada.

Dan e Amy avançaram em silêncio para o fundo do balcão e puxaram a cortina vermelha. Uma fresta de três centímetros tinha sido aberta em um dos painéis, reveIando uma faixa preta de escuridão.

—*Kto tam?*

Amy quase despencou do balcão ao ouvir a voz do guarda. Ele estava logo ali fora, prestes a entrar, enquanto Dan deslizava o painel, apenas o suficiente para passar espremido. Amy foi atrás dele e a cortina caiu. Ela fechou o painel.

O pastor-alemão gemia e fungava, farejando tudo no balcão, inclusive a cortina, mas não encontrou nada. Dan e Amy tinham sumido.



— Acho que a gente tem que seguir as luzes — disse Amy.

Eles estavam num longo corredor estreito, com luzes de sinalização instaladas no centro do chão. As paredes e o teto eram pretos. A sensação era de andar no céu da meia-noite, seguindo uma linha de estrelas. Eles serpentearam por uns 15 metros e chegaram ao fim.

— Parece um elevador — disse Dan. — P2, porta número 2.

No escuro, Amy concordou com a cabeça. Uma fileira de cinco botões de elevador, redondos e circulados em vermelho, emitia um brilho fraco na parede preta.

— Lembra da ordem? — perguntou Amy. Dan andou até o painel de botões e começou a apertá-los um de cada vez. Primeiro o 4, depois o 5, depois 1, O e 2.

As portas se abriram numa velocidade estonteante e Dan pulou para trás, dando sem querer uma cotovelada no braço de Amy. O fundo inteiro do elevador era coberto por um gigantesco retrato da família Kabra. Ian parecia especialmente metido.

— Eles realmente se acham grande coisa, né? — disse Dan.

— Sem noção — concordou Amy.

Os dois olharam para a porta e Dan viu que as mãos de Amy tremiam de novo. Era um peso enorme ser a mais velha, sempre tendo que ser a responsável. Dan sentiu uma inesperada pontada de culpa.

— Estamos indo bem, sabia? — ele disse.

Amy começou a sorrir e no mesmo instante o elevador despencou no vazio. Ela agarrou um corrimão e segurou com toda a força que tinha. Dan não teve tanta sorte. Ficou rolando no chão do elevador até ele parar abruptamente e as portas se abrirem de novo.

— Estou começando a achar que esse lugar é mal-assombrado — disse Dan. Para ele, era meio assustador estar embaixo da terra, como se estivesse preso numa mina de carvão e o ar estivesse acabando. — Você acha que a gente tá muito abaixo do chão?

Amy não respondeu. Seus olhos estavam fixos na monstruosa porta gótica que se erguia seis metros à frente deles, numa passagem cavernosa.

— Isso é tão O Senhor dos Anéis — disse Dan.

— É a P3, a última porta. Dan, eu acho que encontramos. Encontramos NRR.

— Descobrimos muito mais que isso. Acho que acabamos de encontrar uma espécie de antiga base secreta.

Amy saiu do elevador e Dan foi atrás, até ficarem diante de uma porta de ferro e madeira com um disco de telefone antigo encaixado na superfície. Só tinha um problema. Os escritos no disco estavam em russo.

— Me dá o guia — pediu Amy. Dan abriu a mochila e entregou o livro para Amy. Ela folheou as páginas, tentando lembrar...

— Aqui! É isso. São os números de zero a dez escritos em cirílico e em arábico.

Dan se aproximou e olhou a página. A passagem era muito mal iluminada, mas ele conseguiu ver as estranhas letras russas.

— A gente vai mesmo fazer isso, tem certeza? — perguntou Dan.

Tudo naquela viagem deles à Rússia cheirava a armadilha. Agora eles tinham adentrado algum tipo de antro secreto, de onde talvez não conseguissem escapar. Mas nada daquilo importava para Amy. Ela tinha quase certeza de que também não importava para Dan. *Venham sozinhos, como seus pais vieram um dia.* As palavras ecoaram em sua mente, impelindo-a a continuar.

— E se a mamãe e o papai vieram aqui também? — ela sussurrou. — Eles talvez estiveram bem aqui, tentando decifrar isso. É como se chamassem a gente.

Dan concordou com a cabeça:

— É exatamente assim que eu me sinto.

— Quer fazer as honras da casa? — perguntou Amy.

— Faço questão — respondeu Dan. Ele examinou a lista por alguns segundos e foi mexendo no disco.

— Quatro... Cinco... Um... Zero... Dois.

Quando o último disco foi girado, a fechadura se abriu com um estalo e a porta virou na dobradiça, fazendo um som áspero de metal velho. Uma voz baixa de mulher ecoou de trás da porta.

— Entrem. Eu estava esperando vocês.

# CAPÍTULO 13

— ACHEI ESSE LUGAR SINISTRO DEMAIS — SUSSURROU DAN.

— Não é b-b-brincadeira... — gaguejou Amy. Não havia ninguém esperando por eles. Eles tinham entrado numa salinha circular, com uma pintura elaborada que cobria todas as paredes e o teto abobadado. Não havia portas, exceto a que se fechara atrás deles.

— Aonde ela foi? — perguntou Dan. — E como é que a gente vai sair daqui?

Amy deu de ombros, nervosa, observando as paredes pintadas à sua volta:

— Parece uma obra de Michelangelo.

— Ei! — disse Dan. — Eu conheço algumas dessas pessoas. Esse é o Benjamin Franklin!

E, de fato, um homem de óculos assomava sobre a cabeça deles, segurando o fio de uma pipa e sorrindo para o céu.

— E tenho quase certeza de que este é o Napoleão. Pelo menos é tão baixinho quanto ele — disse Amy.

— Esse só pode ser o Churchill — reconheceu Dan ao ver um homem redondo fazendo um V de vitória.

— Dan — Amy falou, com os olhos enormes —, são todos Lucian. Todos eles.

Dan sentiu um calafrio no estômago. Aquilo só podia significar uma coisa.

— Estamos numa base dos Lucian — ele sussurrou.

— Isso é ruim. Muito ruim! Vamos sair daqui!

Ela tateou em desespero a grande superfície da porta, procurando uma tranca ou disco que os libertasse.

— Vamos, Dan!

De uma das paredes veio o som de algo deslizando depressa. Dan virou de costas e viu que um painel na parede do outro lado tinha se aberto. A figura pintada de sir Isaac Newton estava de pé junto à porta e parecia acenar para eles seguirem em frente.

A voz voltou, confiante e suave feito seda:

— Não precisam ficar com medo. Sigam as luzes. Depressa, antes que alcancem vocês!

Uma pista de luzes indicava o caminho, ao longo de um corredor sem fim, como lá em cima. Aquelas luzes eram alaranjadas, não brancas como as outras, e pareciam se estender interminavelmente.

— Sigam as luzes até chegar à décima segunda porta à esquerda. E corram! Esses corredores nunca ficam vazios por muito tempo.

— A voz deve estar vindo de um alto-falante — disse Amy. — Ela não está aqui.

Dan e Amy se entreolharam uma última vez e fizeram que sim com a cabeça. Eles não tinham escolha. Mal tinham dado dois passos e o painel se fechou. Havia mais escuridão que luz.

— Quantas portas tem aqui? — Don perguntou, tentando imaginar exatamente o quão presos eles estavam. — Nós nunca vamos sair daqui.

Eles contaram as portas até por fim chegarem à décima segunda. Ficaram parados por um longo instante, em silêncio. Uma porta se abriu em algum lugar ao longe. Eles ficaram totalmente imóveis. Dan virou a cabeça e viu uma silhueta sete ou oito portas atrás, afastando-se deles. O painel abriu somente pelo tempo de a pessoa passar, depois se fechou outra vez.

— Algum tipo de ag-g-gente, sem dúvida — sussurrou Amy.

— Vamos lá — disse Dan.

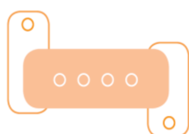
Ele levou a mão à maçaneta, então hesitou.

— Tem certeza absoluta de que contamos 12 portas do lado esquerdo? — perguntou Dan. — Seria muita burrice a gente bater na porta errada.

A última coisa que Dan queria na vida era interromper uma reunião entre agentes secretos de terno escuro.

Amy titubeou. Dan percebeu que ela queria voltar e contar outra vez, só para ter certeza, mas o painel na outra ponta do corredor se abriu novamente.

Dan virou a maçaneta e os dois entraram depressa na sala, batendo a porta atrás de si.



Eles estavam no que parecia ser um escritório bastante comum. Havia uma mesa grande de carvalho, um tapete sobre o chão de madeira e um globo terrestre. Um casaco branco comprido estava pendurado num cabideiro igualmente branco. O brasão dos Lucian preenchia uma parede inteira. A única coisa que não chamava a atenção na sala era a pessoa sentada atrás da mesa.

Ela vestia um terno branco, que fazia um contraste marcante com seu cabelo preto. E era como se a mulher não tivesse idade. Dan não saberia dizer se tinha 40 ou 60 anos, pois havia em seus olhos algo de muito velho, e, no entanto, seu rosto não tinha rugas. Ela era bonita num estilo russo clássico. Amy ficou olhando fixo para ela, como se fosse uma rainha.

— Vocês realmente deixam as coisas mais interessantes. Gosto disso em vocês. Por favor, venham, sentem-se — disse a mulher.

Havia duas cadeiras diante da mesa dela. Dan e Amy obedeceram sem hesitar.

— Podem tirar os disfarces. Não servem para nada aqui.

Dan já tinha acomodado a mochila no chão. Ficou feliz de tirar o bigode e a barbicha do rosto e guardá-los enquanto olhava para o relógio. Conseguimos!, ele pensou. Foi por alguns minutos, mas conseguimos!

Amy deixou seus cabelos soltos ao tirar a peruca preta e jogá-la dentro da mochila.

— Você é muito bonita, mocinha — a mulher de branco elogiou. — Espero que Grace tenha tido a bondade de lhe dizer isso quando estava viva.

— Você conhecia a Grace?

A mulher assentiu com a cabeça, seus olhos transbordando segredos:

— Digamos que nossas famílias se conhecem há muito tempo. Eu nunca encontrei Grace Cahill pessoal- mente. Minha mãe sim. As duas eram mulheres notáveis minha mãe e sua avó. E mulheres notáveis têm o dom de encontrar umas às outras.

*Tomara que esta mulher notável não mate a gente,* pensou Dan.

Amy parecia não ter receio algum. Suas bochechas ficaram vermelhas e ela perguntou:

— Você é a grã-duquesa Anastácia?

No instante em que Amy disse aquilo, NRR caiu na gargalhada.

Uma luz piscou na mesa e ela retomou o ar de dignidade.

— Peço licença por um instante — ela disse. — É uma péssima hora, mas infelizmente não posso evitar.

Ela girou a cadeira, ficando de costas para Dan e Amy, e abriu as portas de um móvel de madeira, revelando um painel de monitores. Um deles mostrava a imagem da sala pintada onde Dan e Amy estiveram poucos minutos antes.

— Vocês podem fazer a gentileza de se esconder atrás da escrivaninha? Estou recebendo uma chamada em vídeo de alguém que acharia muito curioso vê-los aqui.

Aquilo estava ficando mais estranho a cada minuto, mas Dan e Amy sentiram que não tinham escolha, por isso se agacharam no chão. Uns poucos segundos depois, uma voz conhecida preencheu o recinto.

— Olá, Nataliya Ruslanovna Radova. Você está deslumbrante, como sempre.

— Gentileza sua, Irina Nikolaievna Spaskaya. Em que posso ajudar?

Dan não acreditou no que ouvia. Irina Spasky estava praticamente ali. Cada músculo do corpo de Dan retesou, pois agora parecia certo que eles tinham caído numa armadilha.

— Preciso que vocês mandem uma equipe para a sala. Tem um monte de coisas acontecendo e quero garantir que ela está bem protegida.

— Engraçado você ter ligado. Ian Kabra fez o mesmo pedido não faz nem uma hora. Já estamos montando um círculo negro.

— Excelente. Ele contou a você que esteve na Sibéria, perseguindo os Holt na Estrada dos Ossos? Ian se meteu numa baita enrascada.

— O pai dele não ficou contente, como você deve imaginar.

— Quem sabe Vikram finalmente vai criar juízo e mandá-los de volta para a escola, onde é o lugar deles.

— Você gostaria que eu mandasse o Tubarão para buscar você? — perguntou Nataliya.

— Excelente ideia. Também tive alguns contratempos, mas acho que consigo chegar à sala antes do anoitecer. Envie o Tubarão para mim, eu o levo de volta. Podemos tomar aquele chá que você vem me prometendo.

— Tome cuidado.

—Eu sempre tomo cuidado.

Houve uma pausa na sala, e depois Nataliya disse a Amy e Dan que eles podiam se levantar.

— Nunca ouvi Irina tão... sei lá... tão faIante — comentou Amy.

— Somos amigas de longa data — disse a mulher de branco, apoiando os cotovelos na mesa. — Eu entendo o que ela diz, por isso ela fala comigo.

— Deixa eu esclarecer uma coisa — disse Dan. — Você é NRR?

A mulher de branco deu um sorriso fino, sem mostrar os dentes:

— Você estava esperando um homem, imagino.

— Hã... bom... não exatamente — falou Dan. —0k, você venceu. Eu estava esperando um cara.

A mulher de branco deu uma risadinha e balançou a cabeça:

— Eu sou NRR. Sinto muito decepcionar você.

Dan foi tentar pedir desculpas, mas NRR ergueu a mão num gesto tão imponente que ele ficou quieto na hora.

— Temos tempo para eu responder algumas perguntas, mas a ligação de Irina mudou tudo. O acesso de vocês à sala ficou perigosamente restrito.

— Não entendo — disse Amy. Ela parecia frustrada, talvez até um pouco brava. — Você é uma Lucian ou não é? Por que está ajudando a gente? Quem é você?

A mulher de branco deu um suspiro profundo, cruzou as mãos e tentou explicar:

— Eu não sou a grã-duquesa Anastácia, embora deva lhe agradecer o elogio. Você quase acertou. Anastácia Nikolaievna Romanova era minha mãe.

— Sua *mãe?!* — exclamou Dan, atordoado pelo que Nataliya estava dizendo. — Você é filha da Anastácia? Isso é loucura!

— Sim, sua única filha.

— E ela conhecia Grace Cahill? — perguntou Amy. — Você espera que a gente acredite que nossa avó conhecia a grã-duquesa Anastácia?

— Oh, sim, na verdade elas eram muito próximas. Com certeza vocês ouviram os rumores sobre minha mãe. É verdade. Ela não foi morta junto com o resto da família. Ela escapou, E como eu disse, mulheres notáveis têm o dom de encontrar umas às outras.

Amy não sabia o que dizer, mas Dan preencheu o silêncio de bom grado:

— Então, tudo o que a gente imaginou aconteceu de verdade! Rasputin tinha sérios poderes ninja de desafiar a morte e transmitiu eles pra Anastácia!

— Ele sempre fala desse jeito? — NRR perguntou para Amy, visivelmente achando graça.

— Fala. É um problema.

— Ele vai amadurecer.

Dan virava a cabeça de um lado para o outro. Elas tinham formado algum tipo de aliança de meninas!

— Eu estou sentado bem aqui! Parem de falar de mim — reclamou Dan.

NRR fez um gesto tranquilizador com as mãos, olhou de relance para o relógio e lançou a Dan e Amy um olhar que dizia que restava muito pouco tempo.

— Você é uma grã-duquesa, como a sua mãe — disse Amy. — Grã-duquesa Nataliya.

Dan franziu a testa. Amy parecia prestes a se curvar diante da mulher ou algo assim.

— Receio que esses dias tenham ficado muito para trás, Amy. Não somos como os britânicos, com seus reis e rainhas. Na Rússia, a era da realeza passou. Mas o que eu faço hoje é uma homenagem à memória da minha mãe.

— Como? — perguntou Dan. — Por que você quer ajudar a gente a encontrar esse segredo?

Ele não ia ser enganado por aquela mulher só porque ela era bonita e tinha um sotaque legal. Por acaso não tinha aprendido nada com James Bond?

— O que eu vou contar agora não pode jamais sair desta sala. Minha vida e as de outras pessoas ficariam em perigo. Vocês entenderam?

Dan e Amy confirmaram com a cabeça.

— Minha mãe, minha avó... todas elas eram Lucian. Eu também sou Lucian. Mas, assim como muitos que nascem num clã ou em outro, a maior parte da minha família nunca se envolveu ativamente na... como Grace chama?... na busca pelas pistas. Na verdade, por um bom tempo, minha mãe nem tinha conhecimento de que era descendente dos Lucian. Então, veio meu pai, que minha mãe conheceu muito depois. Ele foi um dos Lucian mais poderosos dos últimos cinquenta anos. Antes dos Kabra, era meu pai quem estava no comando. É por isso que ocupo um cargo tão delicado, é por esse motivo que me envolvi com vocês. Então, vejam, eu sou uma Lucian e, aliás, uma Lucian muito poderosa. Mas, antes de tudo, sou eu mesma.

Nataliya afastou do rosto uma mecha de cabelo escuro. Ela era muito elegante e fina, porém, herdara aquele charme travesso de Anastácia que Amy tanto havia comentado.

— Por que você está ajudando a gente? — Dan insistiu. Ele ainda não entendia o que a história de Nataliya tinha a ver com eles. Por que uma herdeira do trono dos Romanov se importaria com duas crianças?

Nataliya olhou outra vez para seu relógio de ouro, depois apertou um botão no telefone que estava em cima da mesa.

— Irina pediu reforços. Prepare o Tubarão para partir em 15 minutos.

Nataliya voltou o olhar para Amy:

— Mandei vocês nesta caçada por vários motivos. O primeiro era distrair os outros Lucian, para confundi-los Os Kabra estão a milhares de quilômetros de distância, na Sibéria, e Trina se frustrou o tempo todo. Missão cumprida. O segundo motivo era descobrir quão fortes vocês são. Vocês têm sido testados o tempo todo, não é? Perceberam de cara que iam precisar de ajuda para encontrar a sala. Eu nunca teria imaginado que alguém fosse capaz de manter os Holt sob controle e vocês fizeram isso. É essencial que vocês aprendam a colaborar com outras pessoas para alcançar um objetivo maior.

— Certo, então passamos no teste e fomos mais espertos que os Lucian — disse Amy. — Mas ainda não entendo por que você está ajudando a gente.

— Ou se está mesmo ajudando a gente — Dan resmungou. Nada do que Nataliya dissera até o momento levava a crer que aquela caçada perigosa em várias cidades da Rússia resultaria em uma pista.

— Vou conduzir vocês ao que estão procurando — disse Nataliya. — Tanto nesta competição ridícula como além dela. — Ela lançou-lhes um olhar carregado de significado.

Dan sentiu um aperto na garganta:

— Você está Falando dos nossos pais, não está?

Nataliya batia o dedo indicador na mesa. Estava quase imóvel. Era como se 99% do seu corpo tivesse virado pedra, restando apenas o dedo. Tap, tap, tap.

Por fim, quando Dan já tinha estalado todos os dedos de ambas as mãos, Nataliya se pronunciou:

— Certas informações, quando são descobertas, mudam nossas vidas para sempre. Fazem desejarmos poder voltar atrás, mas não podemos. E mesmo assim continuamos à procura de segredos. Eu nunca quis participar dessa loucura das pistas e, no entanto, cá estamos. — Ela fez uma pausa. — A Sala de Âmbar está escondida numa câmara repleta de segredos dos Lucian. Lá vocês vão encontrar a pista e também informações sobre seus pais.

Nataliya balançou a cabeça:

— Grace sempre adorou mexer os pauzinhos, mesmo depois de morta. Eu os aconselho a desistirem dessa busca. Mas, se não quiserem, vocês têm minha ajuda. Aviso que talvez não me agradeçam por isso.

Nataliya olhou para Amy, depois voltou seus hipnóticos olhos para Dan:

— Eu os ajudo porque essa teria sido a vontade de Anastácia Romanova. É o correto a ser feito. Mas não posso dizer que vão gostar do que descobrirão.

Amy estava chorando abertamente. Dan sentiu seus próprios olhos se encherem de lágrimas. Aquilo era demais, uma ajuda que não era ajuda, uma aliada que os cobria de charadas e insinuações dissaborosas sobre seus pais e Grace. Dan sentia a terra mexendo sob seus pés. Outra vez. Não havia lugar seguro para eles, ninguém em quem confiar. E eles não tinham um lar para onde voltar.

Ele olhou para Amy e ambos fizeram que sim com a cabeça.

— Queremos ir à Sala de Âmbar — decidiu Amy.

Nataliya inclinou a cabeça e ficou de pé, pegando do cabideiro o longo casaco branco.

— Então precisamos ir depressa — ela disse. — Não vai ser fácil se Irina chegar antes de vocês.

Nataliya abriu uma gaveta da escrivaninha e tirou um pequeno cilindro de alumínio. Abriu o recipiente, pegou duas chaves pequenas e as pôs num bolso do casaco:

—Vocês sabem onde meus antepassados foram massacrados?

— Em Ecaterímburgo — respondeu Amy. — Numa casa lá.

— Onde hoje fica a Igreja sobre o Sangue. Um nome terrível, mas infelizmente apropriado. A igreja foi construída muito depois, porém foi ali, no porão, que todos foram fuzilados. Apenas minha mãe sobreviveu.

— E você vai levar a gente pra lá nessa coisa chamada Tubarão? — perguntou Dan, animando-se pela primeira vez.

Nataliya andou até a porta. Abriu e espiou o longo corredor escuro:

— O Tubarão é o jeito mais rápido. Agora vamos.

Dan e Amy seguiram Nataliya pelo corredor. Eles chegaram a um elevador e entraram. Dan tinha imaginado algum tipo de veículo aquático de alta velocidade, por isso ficou surpreso quando o elevador, em vez de descer, subiu. As portas se abriram no telhado do Palácio Estatal do Kremlin.

— Chegamos — disse Nataliya.

— Esse é o Tubarão? — perguntou Amy, mas Dan já estava correndo na direção do veículo.

— É o helicóptero mais rápido da Rússia. Chega a 450 quilômetros por hora.

O Tubarão tinha o dobro do tamanho de um helicóptero normal e era totalmente preto, com um leme que parecia a barbatana de um tubarão.

— Tá brincando! — disse Dan. — Quatrocentos e cinquenta quilômetros por hora? Isso é tipo um recorde mundial!

— Muitos recordes mundiais como esse já foram quebrados há muito tempo. — Nataliya sorriu. — Nós Lucian guardamos os melhores brinquedos só para nós.

Dan correu em volta do Tubarão e tentou abrir uma das portas.

— Seu irmão é afobado, não? — perguntou Nataliya.

— Você não sabe nem da metade — disse Amy.

Nataliya enlaçou Amy com o braço e a puxou para perto:

— Você é uma menina muito promissora. Grace ficaria orgulhosa de você.

Amy deu um sorriso fraco.

— Agora vocês precisam ir — mandou Nataliya.

— O quê? — disse Amy. — Você não vem com a gente?

— Não posso.

— Mas... por que n-n-não? E como vamos pilotar esse troço? Não somos pilotos!

— Eu vou pilotar o veículo por controle remoto. Vou levar vocês até lá em segurança. Mas não posso ir junto.

— Não acredito! — berrou Dan, pulando para junto delas. — É tipo o melhor videogame de todos os tempos!

— Por que você não vai com a gente? — Amy protestou, olhando para Nataliya.

— Se pudesse, talvez eu mesma entrasse na busca pelas pistas. Mas vocês leram a respeito do meu tio. Sabem dos martírios que ele enfrentou.

Amy confirmou com a cabeça. Alexei Romanov tinha sido hemofílico. O mínimo corte o fazia sangrar por semanas.

— Eu sofro da mesma sina — explicou Nataliya. Ela pôs a mão no bolso branco e Dan imaginou uma mancha vermelha de sangue brotando no alvo paletó de Nataliya.

— Um arranhão no joelho ou no cotovelo, um sangramento no nariz ou um simples corte... Se eu começo A sangrar, não paro mais. Mesmo com remédios, é perigoso demais para mim. — Nataliya entregou as chaves e Amy as pegou, fazendo um gesto triste com a cabeça.

— Vou ficar em comunicação constante com vocês — disse Nataliya. Ela sorriu. — Ponham os fones de ouvido e se preparem para o passeio mais alucinante das suas vidas.

Era hora de entrar no círculo negro dos Lucian.

# CAPÍTULO 14

SER PASSAGEIRA DO TUBARÃO FEZ AMY GRITAR DE TERROR. JÁ DAN, ela imaginou, estava gritando era de alegria.

— Espera até o Hamilton ficar sabendo disso! Esse lance é imbatível!

O Tubarão, voando em alta velocidade, fazia um barulho atordoante. Nataliya o controlava de seu posto subterrâneo no Kremlin.

— Adoro pilotar o Tubarão — Amy ouviu Nataliya dizer pelo fone de ouvido.

— Claro, não é você que está voando nele — berrou Amy, tentando se fazer ouvir por cima do barulho das hélices. Estar num helicóptero sem piloto era uma sensação apavorante.

— Não precisa gritar, eu consigo ouvi-la perfeitamente — disse Nataliya. — Daqui onde estou sentada, é como se eu estivesse voando no Tubarão. Minha sala de controle é bem impressionante. É uma réplica que inclui o couro dos assentos, com monitores enormes de todos os lados. Na frente, atrás, embaixo, em cima... A visão e a sensação são como se eu estivesse voando de verdade no Tubarão. Só faltam o vento e o barulho.

— Sorte sua — retrucou Amy. — É dureza ficar aqui em cima: faz um barulhão e dá m-m-medo.

— Não precisa temer nada, Amy. O Tubarão sabe que sou eu quem manda nele.

— E aí, mana? — gritou Dan, pulando para cima e para baixo no assento. — Não vai vomitar no Tubarão, hein, senão a gente te joga pela janela!

— Feche os olhos — disse Nataliya. Amy obedeceu e tentou se acalmar enquanto Nataliya falava com ela em voz baixa.

— Eu raramente saio do centro de vigilância dos Lucian. É como uma prisão subterrânea, mas pilotar o Tubarão me dá a sensação de que escapei da jaula. Eu nunca fui a esse lugar para onde estão indo agora. Só ouvi falar. Vocês vão ao lugar onde meus antepassados foram fuzilados numa reviravolta da História. Receio que o que encontrarão lá não seja muito bonito.

Nataliya ficou em silêncio, deixando suas palavras ressoarem, enquanto Amy tentava não ficar enjoada.

— Eu li tudo sobre a Sala de Âmbar — disse Amy. — Não dá pra acreditar que ela estava escondida aqui na Rússia esse tempo todo. Tem muita gente procurando por ela.

— Nós Lucian somos bons em esconder coisas. E agora criamos um círculo negro em volta da Igreja sobre o Sangue.

— O que é um círculo negro?

— Significa que nenhum Lucian pode entrar, exceto os que receberem permissão direta de Vikram Kabra.

— Como a gente vai saber o que procurar? — perguntou Amy.

— Há um único relógio dentro da sala. Ajuste a hora para meia-noite, depois uma, depois meia-noite de novo. O mostrador do relógio vai abrir.

— Isso eu consigo lembrar.

— Você é uma menina esperta. Tenho cede consegue.

O resto da jornada se passou em silêncio, enquanto todos observavam o sol se pôr no céu ocidental. Quanto mais perto ele chegava do horizonte, mais rápido Nataliya pilotava o Tubarão em direção à Igreja sobre o Sangue. O barulho na cabine ficou quase ensurdecedor conforme o grande helicóptero lutava para manter uma velocidade que beirava os 450 quilômetros por hora.

A igreja ficava situada sobre uma pequena colina verde, numa parte da cidade que não tinha muitos atrativos. Naquele horário, havia poucas pessoas e ainda menos carros na rua. Nataliya anunciou por ser tão tarde, ela

aterrissaria bem em frente à própria igreja. Seria um espetáculo chamativo, mas pelo menos não haveria muitas pessoas ali para assistir.

— Talvez já seja tarde demais — Nataliya disse pelo microfone. — Tem um alçapão no chão, embaixo dos seus pés. Entrem aí e se escondam. Depressa!

Eles agora estavam sobrevoando a igreja, descendo rumo ao estacionamento vazio enquanto a escuridão se aproximava.

— Vocês vão precisar entrar na igreja pela porta dos fundos usando a chave dourada. Quando estiverem dentro, procurem a trilha de âmbar no chão. A chave laranja revelará um conjunto de sete discadores. Girem todos para a posição âmbar, alternando ouro e copas. Isso vai abrir a última porta, e vocês devem entrar. Não fiquem assustados com o que vão ver. Como fui informada, vocês primeiro precisam passar pela tumba. Depois dela vão encontrar a Sala de Âmbar.

Dan e Amy não fizeram nenhum comentário sobre o que tinham acabado de ouvir. Só havia uma tumba a que Nataliya podia estar se referindo, o lugar onde jaziam os seis Romanov executados. O guia turístico dizia que eles tinham sido transportados para a Catedral de Pedro e Paulo em São Petersburgo. Porém, os Lucian eram poderosos, principalmente na Rússia. Deviam ter decidido fazer uma homenagem mais íntima aos seus mortos.

— Você está vendo a Irina em algum lugar? — perguntou Dan.

— Os monitores não mostram nada — respondeu Nataliya. — Mas isso não quer dizer que ela não esteja aí. Irina não é do tipo que fica dando sopa.

— Estamos entrando na escotilha — berrou Dan.

— Vocês vão encontrar uma Ianterna que podem usar — disse Nataliya. — Mas não acendam enquanto não estiverem embaixo da igreja, senão alguém pode ver vocês. Tem um monitor lá embaixo. Liguem e vocês vão ver o estacionamento. Fiquem de olho e procurem um momento em que possam escapar. Boa sorte!

Nada mais se ouvia além do barulho do imenso propulsor preto enquanto o Tubarão descia.

A noite chegara na Igreja sobre o Sangue.

— Trace um perímetro de 400 metros, Braslov — disse Nataliya. Ela tinha ligado para Braslov, um técnico de vigilância que trabalhava três portas mais adiante no corredor, no quartel-general dos Lucian. — Eu estava com um pouco de pressa, aterrissei no estacionamento da igreja.

— Eu percebi — respondeu Braslov. — Já dei os telefonemas.

Nataliya estava tão absorta nas imagens da Igreja sobre o Sangue que não pôde deixar de sentir que estava sentada dentro do Tubarão, em vez de na segurança da base secreta dos Lucian.

— Irina viu você e me contatou há alguns minutos — continuou Braslov. — A área será isolada.

— Obrigada, Braslov.

— Você está no lugar mais quente da terra para um Lucian. Não vá se queimar.

As luzes de uma viatura de polícia que se aproximava surgiram antes mesmo de Braslov terminar de advertir Nataliya. Um segundo carro veio atrás. Os Lucian controlavam todos os níveis de segurança na Rússia. Os agentes adoravam ficar sentados em volta de uma grande mesa no quartel-general, arranjando motivos para manter pessoas afastadas de áreas que envolvessem o patrimônio dos Lucian. Em geral, o método mais eficiente era um alerta de vazamento de material perigoso, o que impedia a aproximação de pessoas a determinadas áreas, e era usado com frequência em situações de círculo negro. Eles tomaram ainda mais cuidado que de costume com a Igreja sobre o Sangue, que tinham acabado de designar como zona radioativa. As viaturas eram apenas um último recurso, só para o caso de alguém estar curioso a ponto de querer ver mais de perto um helicóptero gigante.

Nataliya vasculhou o estacionamento com as câmeras e viu a silhueta escura de Irina surgir de trás de um amontoado de árvores. Ela andava de maneira firme e confiante, com as mãos nos bolsos dos casacos, atenta a tudo ao redor. Um instante depois, Irina estava parada na porta do helicóptero, olhando para dentro da cabine escura do Tubarão.

— Você não podia pousar num lugar um pouco mais discreto? Esses tumultos geram problemas para nós.

Qualquer outra pessoa teria pensado que Irina estava Falando sozinha, contudo Nataliya ouviu a mensagem em alto e bom som.

— Peço desculpas, Trina. Mas achei que era preciso chegar aqui o mais rápido possível. Nunca forcei tanto o Tubarão.

— É uma linda fera, não é? Estou ansiosa para andar nele outra vez.

Nataliya observou enquanto Trina espiava dentro do helicóptero, e depois olhava novamente para a igreja.

— Por que você está tão obcecada por esses pirralhos americanos? — perguntou Nataliya. — Eles mal parecem uma ameaça. Venho rastreando esses dois desde o começo, assim como todas as outras equipes, e não vejo nada de especial. Eles estão muito atrás, não têm a mínima chance.

— Não subestime esses dois — avisou Trina. — Eles já me passaram a perna antes.

Então virou-se outra vez para o Tubarão.

— Deixa eu dar uma olhada lá dentro. Faz meses que não levo ele para passear.

Nataliya sabia muito bem como os sentidos de Irina eram aguçados. O menor deslize das crianças poderia causar um desastre. Ela apertou um botão branco e a porta da cabine destravou. Observou Irina abrir a porta.

— Fique de olho com essas suas câmeras, está bem? — disse Irina.

— Com certeza.

Nataliya trocou a visão do monitor para a câmera interna e ficou observando Trina vistoriar o Tubarão, à procura de qualquer coisa suspeita. Tudo parecia estar em ordem, então Trina avançou até a parte de trás e examinou os assentos. Lá também não encontrou nada.

—Tomara que eu não tenha quebrado alguma coisa — disse Nataliya. Forcei bastante o Tubarão para chegar aqui tão rápido.

Sem aviso, Trina sumiu de vista. Nataliya virou a câmera interna de um lado para o outro, depois examinou o chão, onde viu Trina levantando o alçapão. O coração de Nataliya bateu depressa, como as asas de um beija-flor. *Está tudo acabado! Fomos descobertos!*

No entanto, nada aconteceu. Irina soltou o alçapão e saiu do helicóptero calada. Pouco depois, avisou:

— Vou entrar. Você fique de olho aqui.

Nataliya deu um breve suspiro de alívio. Pelo menos Dan e Amy não tinham sido descobertos. Ela só podia supor que eles haviam usado o pouco tempo que tiveram para escapar para dentro da igreja sem serem vistos. Mas isso não significava de modo algum que estavam em segurança.

Irina Spasky estava prestes a ir ao encontro deles na Igreja sobre o Sangue.

# CAPÍTULO 15

DAN FICOU ESFREGANDO O OMBRO MACHUCADO ENQUANTO ELES atravessavam o interior da igreja.

— Ainda está doendo, né? — sussurrou Amy.

— É o que acontece com quem cai de um helicóptero e é esmagado pela irmã mais velha. Foi só por pouco que eu não caí de cabeça.

— Então somos dois. Da próxima vez, pense melhor antes de apertar um botão vermelho.

— Foi isso que tirou a gente de lá! — protestou Dan.

Dois segundos após o alçapão do Tubarão se fechar, Dan apertou um botão vermelho brilhante que fez abrir o chão, derramando os dois na calçada antes que Trina chegasse perto o bastante para vê-los.

— Vamos achar logo a Sala de Âmbar e sair daqui o mais rápido possível — disse Amy. — Não queremos dar de cara com a Irina outra vez.

— Está vendo alguma coisa que pareça âmbar? — perguntou Dan. Havia luzinhas aqui e ali e todas as cores dentro da igreja pareciam se fundir com o piso branco de mármore.

— Vamos tentar lá em cima — disse Amy. Ela começou a seguir a nave central que separava os bancos. Era meio sinistro estar numa igreja à noite, principalmente em uma com túmulos embaixo. Amy teve um calafrio ao

pensar no que podia saltar de dentro das sombras. Dan achou que os bancos pareciam fileiras de dentes pretos.

O chão estava gasto e sulcado na frente da igreja. Olhando para baixo, Dan foi o primeiro a avistar o que eles estavam procurando.

— Quadrados de âmbar.

Ladrilhos num tom de laranja queimado começavam a aparecer entre o mármore a cada poucos metros.

— Parece uma trilha de sangue — disse Dan.

Eles seguiram os ladrilhos de âmbar, contornando o altar e descendo um lance de escada de pedra. Um sopro frio roçou a bochecha de Dan quando ele abriu a porta na base da escada e espiou dentro de uma passagem escura.

O corredor subterrâneo avançava seis metros numa direção e depois dobrava, penetrando nas sombras. Eles andaram, tomando cuidado para não fazer nenhum barulho, até chegar a uma bifurcação em forma de T. As paredes agora eram de concreto e Dan teve a nítida sensação de que eles estavam prestes a entrar na área restrita.

— Acho que a gente devia ir por ali — disse Amy, apontando para a esquerda. No final de um longo corredor, uma lâmpada turva iluminava uma porta laranja, afixada na parede de concreto com grossas dobradiças de ferro. Parecia apropriada para um cofre de banco, e não para uma igreja.

— Por que eu estou tão n-n-nervosa? — A chave laranja tremia na mão de Amy.

— Não sei, talvez porque estamos prestes a entrar numa tumba de noite, num lugar chamado Igreja sobre o Sangue?

— Você não está aj-j-judando — disse Amy.

— Me dá a chave. Eu abro.

Dan enfiou a chave num buraco à esquerda da porta de ferro e girou. Um painel se abriu, revelando um conjunto de discadores. Os quatro naipes de baralho apareceram em ordem aleatória. Dan rapidamente virou os discos para que mostrassem ouros e copas. A porta se abriu com um estalo.

— Lá vamos nós — disse Amy, respirando fundo enquanto Dan puxava a porta pesada, apenas o suficiente para eles entrarem espremidos. O ar era frio e úmido, como se eles estivessem caminhando em terra batida.

Estava escuro lá embaixo e Dan não achou nenhum interruptor ao passar a mão na parede. Então, ele acendeu a lanterna.

— Será que a gente fecha a porta? — perguntou Amy.

— Melhor não. E se a gente ficar trancado? Não quero que descubram nossos ossos daqui a dez anos. — Cenas da caverna na Coreia do Sul passaram pela mente de Dan.

Teias de aranha pendiam do teto baixo sob o qual eles avançavam, descendo largos degraus. Quando chegaram ao fim da escada, Amy perdeu a coragem.

— Dan, eu n-n-não acho que... que... que...

Dan agarrou a mão da irmã e apontou a luz para dentro da tumba, varrendo cada canto escuro com o facho. Era um espaço grande, cheio de velhos caixões empoeirados. Na parede do outro lado, no canto mais afastado, estava a última porta.

— Esse lugar é horrível — disse Amy. — Pessoas foram fuziladas aqui, assassinadas a sangue-frio.

Por instinto, ela se inclinou na direção da porta por onde eles tinham entrado, mas Dan não saiu do lugar.

— Amy, já estamos aqui. E se isso nos revelar alguma coisa sobre nossos pais? Segure minha mão e feche os olhos, se precisar. Eu levo a gente até lá. Confie em mim.

Dan tentou dar um sorriso torto, porém seus olhos estavam tão apreensivos quanto os de Amy.

— Vamos, Amy. Uma prova de história é bem mais assustadora que isso.

Pela primeira vez Amy deixou o irmão tomar a liderança e seguiu as instruções dele sem discutir. Ela fechou os olhos, passando depressa por seis caixões cheios de ossos frágeis. Dan manteve o facho da lanterna apontado para a porta até conseguir atravessar em zigue-zague um labirinto de mortos.

— Segure a lanterna — disse Dan. Ele não queria soltar a mão da irmã, mas precisava virar a maçaneta da porta. Amy estendeu a mão e procurou a lanterna, sem coragem de abrir os olhos.

— Não abra os olhos ainda — disse Dan. Mas Amy não deu atenção. Espiou e viu que Dan tinha aberto a tampa de um dos caixões.

— Você tá maluco?! Fecha essa coisa já!

— Calma. Não tem nada além de ossos aqui.

Dan baixou a tampa do caixão e estendeu a mão para abrir a última porta.

— Pode desligar isso agora — disse Dan. — Não vamos precisar de lanterna aqui.

Dan entrou devagar e percebeu que estava cercado por uma suave luz dourada. Fechou a porta atrás de si e Amy desligou a lanterna. Era impossível saber de onde vinha a claridade da sala, mas era como se a fonte de luz estivesse em toda parte, como se houvesse mil velas escondidas dentro das paredes.

— A Sala de Âmbar — disse Amy, estupefata. — Conseguimos, Dan. Entramos!

O teto tinha se aberto acima deles e erguia-se a mais de seis metros; do chão. Cada parte da sala era da cor intensa de mel queimado, perpassada por uma luz estonteante.

— De onde está vindo a luz? — perguntou Dan. — Não consigo descobrir.

Amy avançara até uma das paredes, encostando em seus elaborados desenhos. Eram vários painéis brilhantes e alaranjados, contendo peças de âmbar delicada- mente entalhadas. Aquele resultado tão formidável devia ter levado anos para ser atingido. Era como as pirâmides do Egito ou o teto da Capela Sistina em Roma. E, no entanto, Dan e Amy estavam imersos na luz dourada daquelas paredes.

— Aqui está — disse Amy. Ela tinha encontrado uma mesa feita toda de âmbar, onde havia um relógio de ouro suntuosamente decorado. Dan atravessou pelo meio da sala, passando pela enorme escultura de um homem a. cavalo erguido num pedestal e uma série de arquivos pretos de aspecto sombrio.

Eles estavam numa sala que quase ninguém tinha visto desde a Segunda Guerra Mundial. Haviam sido jogados de um lado para o outro, cruzando toda a Rússia, e tinham resistido. Para o mundo inteiro lá fora, aquele era um tesouro inestimável que se perdera para sempre havia muito tempo. O coração de Dan transbordou de orgulho quando ele olhou para Amy.

— Precisamos acertar o relógio para meia-noite — disse Amy. — Depois uma, depois meia-noite de novo.

Dan se aproximou um pouco mais do relógio e procurou um disco onde pudesse ajustar a hora.

— Achei — ele disse, girando o disco até o relógio marcar meia-noite.

— Agora avance para a uma — disse Amy.

Dan avançou os ponteiros, depois voltou de novo para a meia-noite, e o mostrador do relógio se abriu numa única dobradiça dourada.

Lá dentro, Dan encontrou um pedacinho de âmbar, onde estava escrito *1 grama de âmbar derretido.*




— A pista estava bem debaixo do nosso nariz esse tempo todo — disse Amy, maravilhada com a pedrinha em sua mão.

— Odeio quando isso acontece — disse Dan. Mas ele sorriu para a irmã. Eles agora tinham cinco pistas. Estavam cinco passos mais perto de cumprir o que Grace chamava de "o destino dos Cahill". Mas a pista não era a única coisa que eles tinham vindo procurar.

Dan e Amy viraram para a fileira de arquivos pretos, uma sinistra ausência de luz em contraste com o âmbar que brilhava de leve.

— O que a gente procura? — perguntou Dan. — Cahill? Trent? Hope e Arthur?

— Todas essas opções. Você começa daquele lado e eu começo do outro. E depressa.

Dan abriu a primeira gaveta e rapidamente vasculhou as grossas pastas de papel pardo. *Angola, Missão. Arkangelsk. Assassinatos.* As etiquetas impressas escondiam uma coleção de segredos sujos dos Lucian.

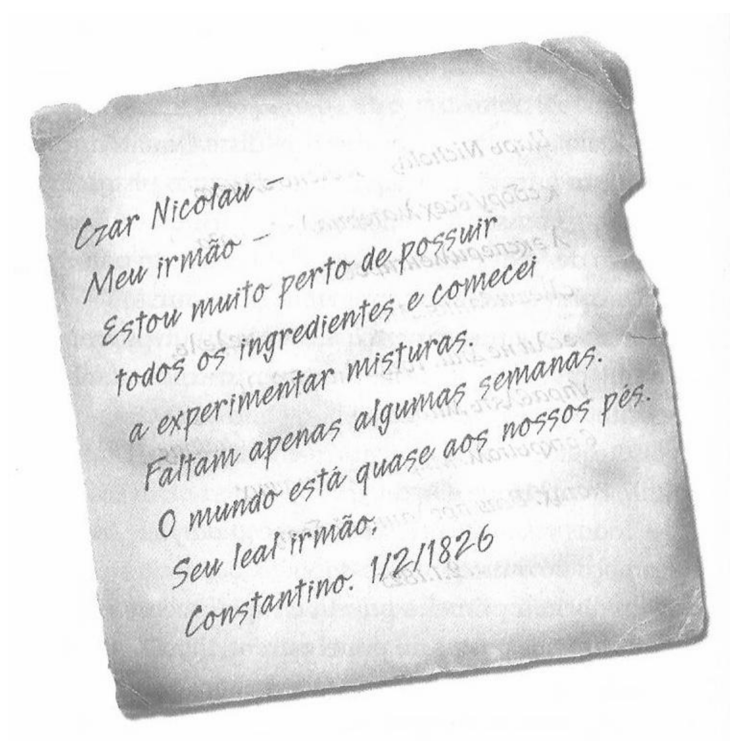
— Dan! — gritou Amy. Ele ergueu o olhar e viu Amy segurando uma pasta fina, seu rosto imóvel e assustado.

— A mamãe e o papai? — ele perguntou.

— Não — ela sussurrou. — Os Madrigal.

Amy abriu a pasta e pegou os papéis que estavam soltos lá dentro. Folheou uma série de bilhetes curtos, manuscritos em russo. No verso, as mensagens tinham sido traduzidas com uma caneta esferográfica.

Ela leu em voz alta o primeiro bilhete:


Czar Nicolau —
Meu irmão —
Estou muito perto de possuir
todos os ingredientes e comecei
a experimentar misturas.
Faltam apenas algumas semanas.
O mundo está quase aos nossos pés.
Seu leal irmão,
Constantino. 1/2/1826

— Dan, isso é muito estranho — disse Amy. — Eu li sobre esses dois. Constantino abriu mão do direito ao trono e deixou o irmão, Nicolau, se

tornar czar da Rússia. Mas esse bilhete parece indicar que ele fez isso por um motivo: para conseguir juntar todas as pistas.

— Isso quer dizer que os Lucian têm todas as pistas?

— O rosto de Dan estava enrugado de ansiedade. — Leia o próximo.

Amy pôs a página amarelada de lado e leu o que estava escrito no papel seguinte:

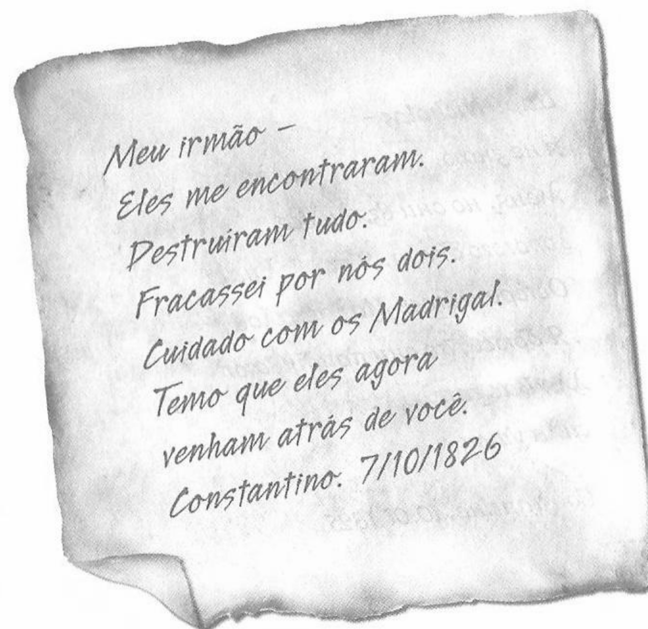
*Meu irmão –*
*Careço só de uns poucos ingredientes, mas é apenas metade do desafio. As quantidades e a ordem me confundem. Talvez eu precise de um mês ou mais.*
*Constantino. 23/6/1826*

— E se eles realmente tiverem todas as outras pistas? — perguntou Dan. Ele não tinha certeza se queria saber o que havia no próximo pedaço de papel. Se os Lucian de fato já tivessem vencido, então tudo o que ele e Amy estavam fazendo seria a troco de nada. Eles já tinham perdido.

— Oh, não — disse Amy. Ela estava passando os olhos no último bilhete.

— Eles têm todas as pistas, né? Os Lucian já derrotaram a gente.

Amy olhou para Dan e, então, com a voz trêmula, leu o último bilhete:


Meu irmão –
Eles me encontraram.
Destruíram tudo.
Fracassei por nós dois.
Cuidado com os Madrigal.
Temo que eles agora
venham atrás de você.
Constantino. 7/10/1826

Um silêncio pesado dominou a sala. Após alguns instantes Dan exclamou:

— Os Madrigal são mais poderosos que os Lucian! Talvez tenham até sido eles que mandaram matar a família real!

Amy concordou com a cabeça, depois sussurrou o que eles dois estavam pensando:

— E o homem de preto é um Madrigal.

— Vamos sair daqui — disse Dan.

— Espere! — disse Amy. — Talvez tenha alguma coisa sobre a mamãe e o papai!

Eles correram de volta para os arquivos, vasculhando freneticamente até Dan encontrar uma pasta fina de papel pardo com uma etiqueta que dizia apenas CAHILL, HOPE E TRENT, ARTHUR. Seu coração bateu com força.

Amy veio olhar:

— Dan! O que foi?

Com dedos trêmulos, eles abriram a pasta juntos. Dentro havia dois passaportes australianos com carimbo de CONFISCADO. Amy abriu um deles.

— Não pode ser — disse Dan, debruçando-se para olhar mais de perto.

Amy abriu o segundo.

— São eles — ela disse, vendo as duas fotos. Os nomes eram falsos, porém, os rostos eram inconfundíveis.

— A mamãe e o papai — disse Dan. — Eles estiveram aqui.

Amy folheou as páginas do passaporte, repleto de carimbos de diferentes países. Egito. África do Sul. Nepal. Japão. Indonésia. França.

— Eles estavam procurando pistas, que nem a gente.

— Só que nunca terminaram a busca — disse Dan.

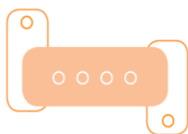
O mundo inteiro de Dan se reduziu aos dois rostos que o encaravam. Sua mãe e seu pai, jovens e cheios de esperança, enfrentando o mundo assim como ele e a irmã faziam agora. Mas fracassando.

Lágrimas escorreram pelo rosto de Amy:

— É como se eles tivessem voltado pra nos ajudar. Quase como se estivessem olhando por nós.

— Não são só eles que estão olhando vocês.

Irina Spasky entrou pela porta de ferro.



— O que vocês fizeram?

A voz de Irina não transparecia nada do horror que ela estava sentindo. Como as crianças podiam ter sido tão burras? De todos os lugares no mundo onde podiam ter tentado se infiltrar, um círculo negro dos Lucian era o mais perigoso. Só havia uma chance mínima...

Ela avançou depressa para cima deles, cruzando a sala como um gato preto até encurralar os dois num canto.

— Digam o que vocês acharam. Depressa!

— Por enquanto, nada. Ainda estamos procurando — disse Dan. Foi uma tentativa patética. Irina viu que ele estava com a mão atrás das costas, tentando enfiar algo no bolso de trás.

Irina varreu a sala com os olhos, tomando o cuidado de não deixar que eles saíssem do canto.

— Vejo que tiraram alguma coisa de uma pasta— ela disse, avistando o papel amarelado no chão. — E abriram o mostrador do relógio. Que inteligente. Inteligente demais! Alguém ajudou vocês. Digam-me quem foi!

— Não achamos nada de importante — disse Amy. Só uns papéis velhos.

— Dê esses papéis para mim agora! A vida de vocês está em perigo!

Irina olhou de relance na direção da porta. *Restam no máximo alguns minutos,* pensou.

Mas ela estava enganada.

— Pode deixar o resto com a gente.

Irina se voltou rapidamente. Dois homens, ambos com véus pretos cobrindo o rosto, bloqueavam a entrada da Sala de Âmbar. Em sincronia, abriram as dobras de seus paletós cinza, reveIando o brasão dos Lucian dentro de um círculo negro.

— Fomos autorizados pelo senhor Kabra — rosnou um deles, e continuou parado à porta. — Qual é o seu nível de autorização?

— Fui eu que criei o círculo negro — retrucou Irina. — Tenho o nível mais alto.

Os homens se entreolharam, avaliando a situação. Irina Spasky encarou os dois de volta, sabendo o que a presença daqueles homens queria dizer. Agora ela não tinha escolha. Teria que matar os irmãos Cahill, senão aqueles homens fariam isso por ela e a matariam também.

— Eu estava prestes a dar um jeito na situação — disse Irina. — Vigiem a porta.

Os dois agentes sumiram outra vez nas sombras, mas Irina sentia a presença deles.

Ela nunca imaginara que a situação chegaria àquele ponto. *Mais dois minutos e eu podia ter dado um jeito neles, podia ter pego os segredos e tirado os dois daqui em segurança.* Ela avançou mais para perto, estendendo a mão para trás das próprias costas, à procura da adaga escondida.

A menina pareceu pressentir a frieza que estava por vir. Entrou na frente do irmão, num gesto protetor.

— Nós te damos o que você quer — disse Amy. — Mas deixa a gente ir embora. Por favor.

— É tarde demais — retrucou Irina. — Eu tentei.

*Quando você perde um filho, perde a própria alma.*

A adaga parecia gelar sua mão.

Ouviu-se um estalo forte atrás dela. Trina virou e percebeu sombras que se contorciam na parede da tumba escura.

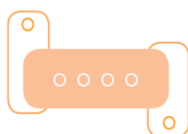
— Atrás de você! — exclamou Trina.

Um dos agentes gritou. Irina sentiu uma ponta de esperança e berrou para Amy e Dan:

— Fiquem onde estão!

Ela se agachou feito um gato e saiu depressa pela porta. Vozes e sombras rebatiam na parede, ecoando em sua mente. No começo ela não teve certeza, mas depois...

— Você? — ela se surpreendeu, com os olhos pregados na figura esbelta de um homem todo de preto, atacando os agentes Lucian com a ponta rombuda de uma vara de metal.



Dan e Amy não perderam tempo. No instante em que Trina passou pela porta e penetrou a escuridão, eles a seguiram, entrando na tumba atrás dela. Ouviram golpes e gritos, depois o som de alguém caindo no chão. Os olhos chocados de Dan e Amy distinguiram o contorno de um homem engalfinhado com Trina Spasky.

Dan passou agachado pelo primeiro caixão, levantou a tampa o mais silenciosamente possível e se enfiou lá dentro. Amy vacilou, mas Dan segurou a mão dela e não soltou mais. Ela entrou no caixão e Dan fechou a tampa. Eles ficaram ouvindo os combatentes se estatelarem nas paredes e urrarem de dor, um deles caindo em cima justo do caixão onde os dois estavam escondidos.

— Eles fugiram! — gritou um dos agentes Lucian.

— Fugimos? — sussurrou Dan.

— Estou vendo eles!

Aquela voz de cascalho eles nunca tinham ouvido antes; foi seguida do som de alguém que saía correndo da tumba e voltava para a igreja.

— Esse devia ser o homem de preto — sussurrou Amy. — Será que ele está ajudando a gente?

— Até parece — Dan sussurrou de volta. Ele ficou parado até tudo estar em silêncio, depois levantou a tampa do caixão muito de leve e espreitou na escuridão. Todo mundo tinha ido embora.

Dan baixou a tampa com cuidado, e ele e Amy ficaram esperando, em silêncio total, dentro de um caixão cheio de ossos de mortos da realeza.

# CAPÍTULO 16

DUAS HORAS DEPOIS, DAN E AMY AINDA ESTAVAM DENTRO DO caixão e receberam uma ligação no telefone de Nellie. O aparelho vibrou no bolso de Amy, despertando-a do cochilo com um susto. Dan continuava dormindo, indiferente à luz verde que brilhava enquanto Amy segurava o telefone diante dos olhos.

Número não identificado. Que ótimo.

Ela decidiu arriscar um sussurro.

— Alô?

O sinal estava muito fraco ali no subterrâneo e Amy se esforçou para escutar a voz que mal se distinguia, cheia de estática, do outro lado da linha. Amy só conseguiu entender a palavra *segurança* e assumiu que significava que a barra estava limpa. Era uma voz de mulher, provavelmente Nataliya. *Ou Irina tentando nos enganar para sairmos.* Ela afugentou a ideia.

Amy cutucou Dan com força o bastante para acordá-lo, mas ele resmungou, tentando se acomodar melhor. Os ossos embaixo deles faziam um barulho oco e seco.

—Acabaram de ligar. Alguém disse que a gente pode sair em segurança.

— Não precisa falar duas vezes — disse Dan, empurrando a tampa do caixão sem precisar de mais uma palavra de incentivo.

Ambos espiaram na escuridão. As portas estavam fechadas. Não havia luz alguma.

— Lá vamos nós — disse Amy.

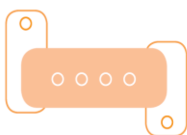
Ela acendeu a lanterna e eles foram cegados pela luz violenta do facho. Amy fez a luz dançar de uma parede para a outra, de um caixão para o outro, até iluminar a porta que os levaria para fora da tumba e para dentro da igreja lá em cima.

Eles saíram fazendo o mínimo possível de ruído, embora Amy tenha ficado horrorizada ao ouvir o som de ossos quebrando sob seu peso.

— Devem ser só umas costelas — disse Dan. — Ago— ra já não servem mais pra muita coisa. Quem foi que ligou?

— Não tenho certeza. Acho que era a Nataliya.

Eles chegaram à saída. Os naipes de baralho não apareciam do lado da porta que ficava voltado para a tumba. A porta simplesmente se abriu, e eles estavam livres.



Na manhã seguinte, no conforto de um hotel de Ecaterimburgo, com Nellie a caminho, Dan deu um telefonema.

— Você não tá dirigindo um caminhão monstro, né? — Dan perguntou a Hamilton Holt.

— Ainda não, mas o dia nem começou.

— Estou com a sua pista. Preparado?

— Faz dois dias que estou preparado. Manda ver.

— Um grama de âmbar derretido.

— Ah... certo. Esse âmbar é um queijo? Dan deu risada. Imaginou Hamilton Holt sorrindo do outro lado da linha.

Eisenhower agarrou o telefone e gritou:

— Não pense que isso quer dizer alguma coisa. Nossa parceria termina aqui! Ir até a Sibéria e voltar foi um perrengue enorme, vocês sabem disso. Vocês usaram a gente!

— Certo, senhor Holt, você é que sabe. O jogo continua.

— O jogo continua! — concordou Amy.

FIM



CONTINUA EM:

**NAS PROFUNDEZAS**